



Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

PROJECTO DE REABILITAÇÃO DO LARGO GIL EANES
CENTRO DE ESTUDOS E MUSEU DOS NAVEGADORES E
DESCOBRIMENTOS

Discente: JOÃO PEDRO SILVA FONSECA
Orientadora: Professora. Doutora Ana Moya Pellitero
Área Científica: Projecto de Arquitectura

Portimão, Março de 2015



Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO



**PROJECTO DE REABILITAÇÃO DO LARGO GIL EANES
CENTRO DE ESTUDOS E MUSEU DOS NAVEGADORES E DESCOBRIMENTOS**

**Discente: JOÃO PEDRO SILVA FONSECA
Orientadora: Professora. Doutora Ana Moya Pellitero
Área Científica: Projecto de Arquitectura**

Portimão, Março de 2015

JOÃO PEDRO DA SILVA FONSECA

**PROJECTO DE REABILITAÇÃO DO LARGO GIL
EANES: CENTRO DE ESTUDOS E MUSEU DOS
NAVEGADORES E DESCOBRIMENTOS.**

Dissertação defendida em provas públicas no Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes, no dia 23/04/2015 perante o júri nomeado pelo Despacho de Nomeação nº. 06/2015, com a seguinte composição:

Presidente:

Prof. Doutor Mostafa Zekri (Professor Associado, ISMAT)

Arguente:

Prof.^a Prof.^a Doutora Sandra Morgado Neto (Professora Auxiliar, ISMAT)

Orientador:

Prof.^a Doutora Ana Maria Moya Pellitero (Professora Auxiliar, ISMAT)

Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes

Portimão

2015

(Nota: A presente dissertação está escrita de acordo com o ensino escolar que antecede o actual Acordo Ortográfico, por este criar muitas confusões e não ser consistente na percepção da mensagem.)

AGRADECIMENTOS

Um especial agradecimento à orientadora Prof.^a Dr.^a Ana Moya Pellitero pela sua amizade, distinta ajuda e entendimento, acompanhamento e orientação no concluir esta fase final da vida académica; Agradeço à minha Mafalda pela paciência e dedicação, à minha família, especialmente aos meus pais, Liberal Fonseca e Maria Bárbara, com o imenso amor que me nutrem, à minha querida filha Maia recém-nascida a este mundo; ao (tios) Fernando e Cecília Fonseca pela sua infinita inspiração; ao artista plástico Jorge Vidal pela sua amizade e conhecimentos; ao Paulo Quaresma pela amizade e dedicação; a todos os meus professores do curso de arquitectura pela transmissão de conhecimentos; em especial o Professor Arquitecto Luís Morgado, por ter sido o primeiro na Cadeira de Projecto, que me inspirou com o seu especial cunho pessoal; ao amigo Arquitecto Josué Eliziário, pelo tempo dispensado e sua amizade, a todos os meus colegas que partilharam comigo este percurso académico; ao Sr. Arquitecto José Marreiros pela sua disponibilidade na C.M. Portimão; e a todas as situações difíceis que surgiram neste percurso de vida enquanto trabalhador-estudante que de uma forma ou de outra impulsionaram a percorrer esta via.

Índice

Introdução.....	01
1 Análise, Caracterização e Evolução Urbana.....	10
1.1. Análise e Caracterização do estado actual do Largo.....	10
1.2. Análise e Caracterização do Largo Gil Eanes na Década de Oitenta.....	17
1.3. A Descaracterização Arquitectónica da Cidade e do Largo Gil Eanes	19
1.4. A Evolução Histórica.....	21
1.5. Comparação com a Vizinha Cidade de Lagos	31
1.6. O Largo Gil Eanes e a Estrutura Verde da Cidade	33
2 O Museu Naval e o seu Jardim.	51
2.1. Casos de Estudos de Arquitectura Naval.....	52
2.2. Casos de Estudos de Jardins e Parques Emblemáticos.....	75
2.3. A Relação entre a Arquitectura Naval e o Jardim com Água.....	86
3 Conceito Arquitectónico e Paisagístico.....	88
4 Desenvolvimento do Projecto e dos seus Equipamentos.....	92
5 Pormenorização	105
5.1. A Fase de Construção do subterrâneo.....	105
5.2. Fase de Construção dos Edifícios de Arquitectura Naval	109

6. Conclusão.....	112
-------------------	-----

Anexos: Desenhos Técnicos

CD – Rom com a Dissertação e Anexos.

Índice Iconográfico.

Fig.1 – Fonte Google Maps. Imagem de satélite, da parte antiga cidade de Portimão.

Fig.2 – Fonte: <http://www.soczial.com/press/2579024/portugueses-gloriosos-gil-eanes/>

Fig.3 – Fonte Google Maps. Imagem de satélite, do Largo Gil Eanes, na cidade de Portimão,

Figs.4; Fig. 5; Fig. 6 – Fotografias captadas pelo autor.

Fig.7 – Fonte Google Maps. Imagem de satélite, do Largo Gil Eanes, na cidade de Portimão,

Figs.8; Fig. 9; Fig. 10; Fig. 11; Fig. 12; Fig. 13; Fig. 14; Fig. 15; Fig. 16; – Fotografias tiradas pelo autor.

Fig.17 – Fonte: <http://portimaoruaarua.blogspot.pt/2011/07/largo-gil-eanes.html>

Fig.18 – Fonte: p. 39, VENTURA, M.; MARQUES, M., (1993), *Cidades e vilas de Portugal – Portimão*. Lisboa: Editorial Presença, Lda.

Figs.19 e 20 – Fotografias captadas pelo autor.

Fig.21 – Fonte: CARRAPIÇO, F.PALHINHA, J.; BRÁZIO, J. (1974), *As Muralhas de Portimão – Subsídios para o estudo da histórica local*. Portimão: C.M.P.

Fig.22 – Fonte: <http://portimaoruaarua.blogspot.pt/2011/06/largo-do-dique.html>

Fig.23 – Fonte:

<http://www.delcampe.net/items?language=E&searchString=portim%E3o&cat=0&catSeller=1&catLists%5B0%5D=18219&searchOptionForm%5BsearchMode%5D=extended&searchOptionForm%5BtermsTo>

Fig.24,25, 26 e 27 – Fonte:

<http://portimaoruaarua.blogspot.pt/2011/07/largo-gil-eanes.html>

Fig.28 – Fonte:

http://www.algarvefilm.com/site/index.php?module=FMS&func=view&ot=location_photo&id=1394&search=0&oldfunc=browse

Fig.29 – Fonte:

<http://trippingintrips.blogspot.pt/2014/07/roteiro-de-lagos-riqueza-historica-e.html>

Fig.30 – Fonte: Google Maps Imagem de satélite, da parte antiga cidade de Portimão.

Figs.31 e 32 – Fotografias captadas pelo autor.

Fig.33 – Fonte: <http://www.visitportimao.com/en/content.php?id=267>

Fig.34 – Fonte: <http://portimaoruaarua.blogspot.pt/2011/04/largo-1-de-dezembro.html>

Fig.35 – Fonte:

<http://www.cm-portimao.pt/index.php/features/viver/37atividades-municipais/cultura/302-patrimonio-espacos-publicos>

Figs.36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54 e 56 – Fotografias captadas pelo autor.

Fig.55 – Fonte Google Maps

Figs.56, 57 – Fotografias captadas pelo autor.

Fig.58 – Fonte: <http://cronicasmacaenses.com/2012/10/01/postais-antigos-de-portugal-1/>

Fig. 59 – Fonte:

<http://www.delcampe.net/items?language=E&searchString=portim%E3o&cat=0&catSeller=1&catLists%5B0%5D=18219&searchOptionForm%5BsearchMode%5D=extended&searchOptionForm%5BtermsTo>

Fig.60 – Fonte: <http://www.bonplace.com/pt/places/nature.html/ipp/10/page/3>

Figs.61, 62, 63, 64, 65 e 66 – Fotografias captadas pelo autor.

Fig.67 – Fonte: <http://www.ducsamsterdam.net/amsterdam-para-criancas/>

Figs.68 e 69 – Fonte: http://dwinadab810.blogspot.pt/2012_12_01_archive.html

Figs.70 e 71 – Fonte:

<http://moleskinearquitetonico.edumedicine.org/search?updated-max=2009-11-17T13:39:00%2B09:00&max-results=5&reverse-paginate=true&start=7&by-date=false>

Fig.72 – Fonte: <http://www.panoramio.com/photo/93624034>

Fig.73 – Fonte:

<http://www.dezeen.com/2013/10/29/movie-national-maritime-museum-of-china-cox-rayner-architects/>

Fig.74 – Fonte:

<http://www.dezeen.com/2013/10/29/movie-national-maritime-museum-of-china-cox-rayner-architects/>

Fig.75 – Fonte:

<http://www.architectureanddesign.com.au/news/cox-rayner-architects-designs-national-maritime-mu>

Fig.76 – Fonte: <http://museum.wa.gov.au/venue-hire/functions/fremantle>

Fig.77 – Fonte:

<http://www.kirkhillephotography.com/gallery/western-australia/fremantle-maritime-museum/>

Fig.78 – Fonte: fadingimpressions.tumblr.com

Figs.79 e 80 – Fonte: <http://www.archdaily.com/440541/danish-national-maritime-museum-big/>

Fig. 81 – Fonte: <http://www.yatzer.com/denmark-national-maritime-museum-big>

Fig.82 – Fonte:

<http://oglobo.globo.com/estilo/boa-viagem/mergulho-na-historia-na-cidade-do-castelo-de-hamlet-na-dinamarca-10759175>

Figs.84 – Fonte:

<http://michaelgraves.com/portfolio/maritime-xperiential-museum-at-resorts-world-sentosa/>

Fig.85 – Fonte: http://www.asianfoodchannel.com/thebigbreak/about_rws.html

Fig.86 – Fonte: <http://www.empyrealighting.com/projects/project-portfolio-2/>

Fig.87 – Fonte:

<http://shoshiplatypus.blogspot.pt/2010/05/our-kent-holidayday-8-historic-dockyard.html>

Fig.88 – Fonte: <http://www.cwgc.org/sea-points-of-interest.aspx>

Figs.89, 90, 91 e 92 – Fonte: <http://vincent.callebaut.org/page1-img-seoul.html>

Fig.93 – Fonte: <http://www.japanguides.net/mie/toba-sea-folk-museum-museum-of-the-sea.html>

Fig.94 – Fonte: <https://www.japlusu.com/news/remarkable-japanese-timber-structures>

Fig.95 – Fonte:

<https://books.google.pt/books?id=mklcuKnGjr4C&pg=PA428&lpg=PA428&dq=plans+of+toba+sea+folk+museum+japan&source=bl&ots=sXq3E5iMhO&sig=61iHNuluRP9LN4oQLDi2Sx38Dkk&hl=ptPT&sa=X&ei=QwrtVK6ZEYO5UbagbAM&ved=0CGQQ6AEwCw#v=onepage&q=plans%20of%20toba%20sea%20folk%20museum%20japan&f=false>

Fig. 96 – Fonte: <http://www.naitoaa.co.jp/090701/works/umi/unwin.html>

Fig. 97 – Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Hiroshi_Naito

Fig. 98 – Fonte: <http://www.umihaku.com/>

Fig. 99 – Fonte: http://www.dn.pt/inicio/artes/interior.aspx?content_id=1704266

Fig. 100 – Fonte: <http://www.igogo.pt/jardim-da-fundacao-calouste-gulbenkian/>

Fig. 101 – Fonte:

<http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2012/10/fundacao-calouste-gulbenkian.html>

Fig. 102 – Fonte:

<http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2012/10/fundacao-calouste-gulbenkian.html>

Fig. 103 – Fonte: <http://www.portopatrimoniomundial.com/o-parque-da-cidade.html>

Fig. 104 – Fonte:

<http://www.portugalkids.com/pt/actividade.asp?idactividade=2&id=184&idzona=1&concelho=Porto&zona=Sul>

Fig. 105 – Fonte: <http://paginas.fe.up.pt/~ei07074/MNSE/SITE/pt/index.html#galeria>

Fig. 106 – Fonte:

<http://www.realestateboutique.pt/property-item/moradia-no-porto-parque-da-cidade/>

Fig. 107 – Fonte:

<https://transitionconsciousness.wordpress.com/2013/04/16/the-garden-of-cosmic-speculation-date-for-your-diaries-may-5th-2013/>

Fig. 108 – Fonte:

<http://www.educationscotland.gov.uk/marksonthelandscape/theartist/landformingprojects/index.asp>

Fig. 109, 110, 111, 112, 113 – Fonte: <http://inspirationist.net/the-garden-of-cosmic-speculation/>

Fig. 114 – Fonte: <http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/tag/charles-jencks/>

Fig. 115, 116, 117 – Fotos captadas pelo autor.

Fig.118 – Desenho realizado pelo autor.

Fig. 119 – Fonte: Google Maps.

Fig. 120, 121, 122, 123 – Planta realizada pelo autor.

Fig. 124 e 125 – Fotografias captadas pelo autor.

Fig. 126, 127, 128, 129, 130, 131 – Plantas, Cortes e Alçados realizada pelo autor.

Fig. 132 e 133 – Fotografias captadas pelo autor.

Fig. 134 – Pág.108, Sistemas de Construção I – Jorge Mascarenhas.

Fig. 135 – Pág.147, Sistemas de Construção I – Jorge Mascarenhas

Fig.136 – Pág.81, Sistemas de Construção IV – Jorge Mascarenhas.

Fig.137 – Pág.83, Sistemas de Construção IV – Jorge Mascarenhas.

Resumo

Palavras-chave: Gil Eanes, reabilitação urbana, parque urbano, edifício museológico, arquitectura naval.

A presente dissertação teve como origem a ausência de identidade forte e concreta de um espaço público em Portimão. O espaço referido tem o nome toponímico de Largo Gil Eanes. Esta dissertação, surge com a intenção de reorganizar este espaço público com o objectivo de satisfazer prioridades e necessidades, que entendo pertinentes de ser resolvidas para melhorar a qualidade do espaço verde público e a identidade urbana deste espaço para a cidade. Daí emergiu a hipótese de criar um programa e projecto arquitectónico que complemente as actividades do espaço verde do Largo. A ideia de introduzir o programa de um museu dedicado a Gil Eanes e ao seu enquadramento histórico neste Largo, funciona como metáfora para fortalecer a presente identidade urbana. Para sustentar esta dissertação, foram pesquisados alguns casos de estudo de museus, semelhantes no conceito de edifícios de arquitectura naval. Igualmente necessária, foi a pesquisa de casos de parques urbanos e jardins que se têm convertido em marcos de referência para os locais onde foram criados. E sem esquecer o estudo elaborado sobre a história da origem da povoação de Portimão e o percurso deste povoamento.

Desde a antiguidade clássica, durante a real fundação da vila nos finais da Idade Média, a relação entre o seu desenvolvimento económico na fase da expansão nacional das descobertas, através do mérito de navegadores como Gil Eanes, que o facilitou. O percurso da povoação num passado recente com a introdução de indústria que fomentou o seu crescimento e modelou a forma da paisagem e do agregado habitacional portimonense até aos nossos dias. A presente dissertação apresenta dois edifícios como equipamentos para o Largo Gil Eanes. Um deles é um edifício museológico, e o outro, um restaurante. Ambos entram em diálogo pelas suas estruturas de arquitectura naval, ancorados num espelho de água. A emancipação do novo Largo Gil Eanes através do desenho de um jardim, com aumento de área para poder concluir a sua forma de quarteirão ou ilha isolada. Onde incluirão passeios, a nova vegetação, a presença da água e um grande estacionamento a instalar por baixo do Largo Gil Eanes e onde também se localizam as zonas de serviços e armazém do museu. O estacionamento permite que estes equipamentos públicos sejam usufruídos com maior comodidade à escala da cidade e da região.

Abstract / Summary

Keywords: Gil Eanes, urban regeneration, urban park, building museum, naval architecture.

This dissertation was originated, in lack of strong identity of a public space in Portimão. That space has the toponymic name of Largo Gil Eanes. This work has the intention to organize this public space in order to meet the priorities and needs to improve the quality of public green space and the urban identity of this area of the city. From these objectives emerged the hypothesis of creating a program and architectural design that complements the activities of the future public green space of the Largo. The idea of introducing the program of a museum dedicated to Gil Eanes and its historical framework in this public space, works as a metaphor to strengthen the present urban identity.

To support this dissertation proposal, were researched some case studies of museums, using the concept of naval architecture. Also it was necessary to research of urban parks and gardens that have been transformed into reference public spaces. And not forgetting the study carried out about the history of the origin of Portimão town and the route of this settlement throughout history. Since classical antiquity, during the royal foundation of the town in the late Middle Age, the relationship between economic developments at the stage of national expansion of the discoveries, through the merits of the navigator Gil Eanes, who facilitated. The route of the village in the recent past with the introduction of industry that fostered its growth and modeled the shape of the landscape and the housing Portimão added to the present day.

This work presents two buildings as equipment for the Largo Gil Eanes. One is a museum building, and the other a restaurant. Both enter into dialogue for its naval architecture structures, anchored in a water mirror. The emancipation of the new Largo Gil Eanes through a new garden design, with an area of increase in order to complete their form of isolated island. Where will include footways, new vegetation, the presence of water and a large parking car to be installed below the Largo Gil Eanes and where also located the areas of services and warehouse museum. Parking permits these public facilities are enjoyed on the scale of the city and region.

Dedico esta dissertação à minha querida filha, Maia.

Introdução

O motivo da presente dissertação surge como resposta à problemática do estado de abandono, deterioração e falta de manutenção no Largo Gil Eanes, em Portimão (Algarve). Esta deterioração deve-se à ausência de capacidade de visão e inovação a médio prazo, vontade política para autorizar gastos para a recriação e implementação de um novo espaço verde, no Largo Gil Eanes. Para estimular a população e possibilitar a criação de corredores arbóreos que se interliguem pela cidade e demais jardins disseminados, leva a presente dissertação com o objectivo de perceber o que não funciona actualmente, e o que está desajustado neste espaço em declínio e quase abandono mas com grande potencial urbano.

O jardim actual do Largo Gil Eanes, construído em 1986, não serve plenamente o seu propósito num período de decadência e decrescimento. Para colmatar essa disfunção, deve-se satisfazer as necessidades locais deste ponto da cidade, e criar do “zero” um novo espaço pedagógico e de lazer, que seja acolhedor e inspirador, inserido num oásis verde para moradores e transeuntes.

O conceito da proposta parte do nome toponímico do lugar para encontrar uma nova identidade, ou quiçá a verdadeira identidade deste espaço público. Os factos históricos relacionados, quase esquecidos pela população, podem ajudar a oferecer uma solução arquitectónica referencial, coesa, cultural, e de qualidade para um novo espaço e equipamento público para a cidade. Com a instalação no interior do Largo um museu em homenagem ao navegador Gil Eanes, e aos seus sucessores e este cercado por um espelho de água a par de outro edifício, restaurante/bar, que complemente o programa do museu, permite que o novo Largo adquira essa nova identidade. Estes dois edifícios envolvidos por percursos pedestres, e um jardim de árvores de diferentes e variadas espécies e tamanhos, filtrando o ruído dos automóveis que passam, assim criam uma camada arbustiva que protege e transforma a identidade e o ambiente do interior do jardim.

A linguagem arquitectónica de todo o conjunto estará relacionada com a identidade e a memória que a arquitectura naval desperta para uma melhor contextualização com o tema do museu e do Largo.

Este conjunto está projectado sobre um estacionamento subterrâneo para servir uma quantidade razoável de automóveis. Este estacionamento poderá servir de grande utilidade aos cidadãos que além de visitar o museu, o restaurante ou o jardim, queiram deixar o seu veículo guardado no estacionamento subterrâneo para poderem viajar no comboio ou autocarro (tendo em conta da intenção que o município tem em construir a estação terminal de autocarros junto à estação ferroviária). Sem esquecer que este Largo foi uma das entradas da cidade de Portimão há cerca de quarenta anos, e ainda, para todos os efeitos é o início da malha urbana mais densa e antiga, onde é mais apertado circular com o automóvel e também mais difícil estacionar. Este estacionamento subterrâneo seria uma ajuda em vários aspectos: um equipamento urbano para aí guardarem o automóvel de forma segura, para as pessoas locais e turistas descobrirem a cidade ao percorrerem as futuras ruas arborizadas até ao centro. Provoca um certo alívio do automóvel no centro urbano, devolve desta forma a cidade aos cidadãos, que conseguem benefícios saudáveis ao andarem a pé e evitar a dependência do automóvel.

Este trabalho de dissertação centra-se num projecto de reabilitação de um espaço público na cidade de Portimão, o Largo Gil Eanes, criado em 1986. Este espaço público e zona verde da cidade é um espaço sobranceiro que forma um trapézio triangular contíguo ao Bairro da Cruz de Pedra. O espaço está delimitado pela Rua Infante D. Henrique a Sul, a Poente está a intersecção da Rua de S. Pedro com a Rua de Monchique e a Norte fica a artéria do Largo Gil Eanes que se dirige do Largo Eng. Sárra Prado (ou Largo da estação, como é popularmente conhecido).

O local do Largo Gil Eanes, na altura da fundação da Vila Nova de Portimão em 1463, foi um braço de rio, que norteava a península da povoação de Portimão. Nesses tempos a população restringia-se do lado sul da colina perto da margem direita do rio Arade.



Fig.1 - Vista parcial aérea da parte mais velha da cidade de Portimão, com a localização sinalizada do local da intervenção.

A passagem dos séculos e a acção dos agentes erosivos, contribuíram na moldagem da paisagem local, entre os quais, o terramoto de 1 de Novembro de 1755 acelerou bastante o assoreamento do rio Arade, incluindo as acções das populações consoante as necessidades e prioridades das épocas também alteraram a fisionomia dos sítios.

Uma dessas acções do Homem que alterou a fisionomia do local, foi as terraplanagens para receber um dos transportes mais modernos e mais rápidos dessa época, o Comboio. Desde a construção do caminho-de-ferro até meados dos anos 50 do século XX, desenvolveu-se aqui nestas terras alagáveis e insalubres, a feira e o mercado de gado da cidade, por se situar no cruzamento entre a antiga Estrada Nacional 125 (que liga a região algarvia de uma ponta à outra) e a E.N. 124 (que vem de Monchique e do Baixo Alentejo), e também por encontrar-se próximo do matadouro, construído em 1913, e que funcionou como tal até meados dos anos oitenta do século XX. O matadouro estava integrado nos limites do Bairro

Cruz de Pedra, que foi construído e urbanizado com o decorrer da chegada do comboio a Portimão, e a construção da sua via-férrea.

O matadouro, depois de fechado devido à falta de condições higiénicas, e após um período de abandono foi reabilitá-lo. Este edifício, que apresenta uma fachada forte de inspiração neoclássica, cujas proporções impõem-se na sua vizinhança, tem uma identidade marcante no bairro, no entanto foi necessário transformar o seu interior, para poder receber outro destino mais nobre, o do ensino superior, actualmente neste equipamento funciona salas de aulas do Pólo de Portimão da Universidade Turismo do Algarve.

No Bairro Cruz da Pedra, em conjunto com a construção do caminho-de-ferro (e da estação ferroviária local), a abertura da avenida da ponte rodoviária (hoje Rua Infante D. Henrique), promoveram o crescimento da população e a fixação de comércio variado a norte do antigo centro urbano, o que provocou um desenvolvimento económico acentuado naquela zona, com actividades relacionadas e complementares ao comércio aí existente, incluídas algumas actividades industriais, como por exemplo a fábrica que atribuiu o nome toponímico à Rua da Fábrica, que localizava-se no fim da dita rua muito perto da via ferroviária, actualmente demolida.

«Estas fábricas caracterizavam-se essencialmente por uma visível unificação dos edifícios em grandes quarteirões fechados, marcando a passagem da primeira fase, de adopção do tipo agrícola, para uma segunda fase, com um tipo próprio, caracterizado por um espaço fechado e especializado, que a pouco e pouco, irá substituindo a organização inicial da unidade industrial pela simples adição de volumes. Uma outra característica desta arquitectura reside na tipologia de fachadas e na sua implementação em espaço urbano: será preciso não esquecer que muitas destas primeiras fábricas eram construídas em arrabaldes, faixas do litoral ou ribeirinhas limítrofes à zonas urbanas, tendo sido aos poucos absorvidas pela expansão do tecido urbano dos centros portuários. Simultaneamente, foram em muitos casos centros geradores desses mesmos novos espaços urbanos, onde, por vezes a tipicidade toponímica de «rua da fábrica» é suficientemente esclarecedora.» (Fernandes H., 2012 p.7)

Também no Bairro Cruz de Pedra existia outra indústria, no fabrico de cordas, na Rua D. Maria Luísa e outra que existiu na Rua Infante D. Henrique no fabrico de tecidos em linhagem, composta por dez teares, ambas do mesmo dono, Sr. Francisco António. (Inácio, p.138). O Largo Gil Eanes na altura encontrava-se nos limites e acessos principais da cidade, como as Estradas Nacionais 125 e 124, na entrada e saída de mercadorias. Depois

com o passar dos anos, e com a evolução e crescimento da cidade, o mercado e a feira foram mudados de sítio.

Com o passar do tempo, a vila passou a cidade, houve incrementos para a construção de estruturas viárias, o seu aumento demográfico (resultante da migração da população rural do barrocal e serranias, que migraram para aí procurarem melhores condições de vida), e o aumento do turismo local também contribuiu no crescimento da cidade, de maneira que houve a necessidade de melhorar as condições de certas instalações e serviços, o que provocou uma reorganização de certas estruturas urbanas, contribuindo para um novo padrão de cidade. A feira de gado, que foi uma das melhores do Sul de Portugal, perdeu importância, o matadouro foi fechado, o caminho-de-ferro ficou desfavorecido pelo automóvel, a E.N.125 foi desviada, com a entrada de mercadorias para outros locais na cidade. Todos estes factos provocaram um declínio financeiro nesta zona, e o Largo Gil Eanes ficou apenas um baldio poeirento no Verão e um lamaçal no Inverno. Aconteceu posteriormente a opção, nos anos oitenta do século passado, de resolver esta questão e construíram o novo Largo tal como o conhecemos hoje. Apesar de ter sido importante a sua construção, o seu desenho público não foi capaz de acolher o interesse e o apelo da população como preferência e a referência de espaço verde para a cidade.

A presente dissertação retoma esta problemática e prevê a necessidade de construção de um equipamento, um espaço museológico, dedicado ao nome toponímico do próprio Largo, que homenageia e reconhece esta figura histórica do navegador, mostrando o quanto foi importante na história de Portugal.



Fig. 2– Possíveis rostos do navegador Gil Eanes em escultura e baixo-relevo.

Objectivos

Esta dissertação pretende, com esta nova proposta de reabilitação do espaço público, expor as consequências positivas e o impacto revitalizante que uma nova identidade e uma nova zona verde terá no ânimo da população e o reconhecimento apreciador de quem nos visita. Com a introdução de um equipamento cultural deste tipo, que irá gerar um novo dinamismo e uma nova identidade de referência urbana, que vai ajudar a fixar novos serviços, comércio e atracções em toda a zona urbana envolvente, e atingirá também outros pontos geradores de dinamismo, como é o caso do Centro Comercial Aqua e o Centro Comercial “*Retail Center*”, a Estação do comboio e, no outro lado da via-férrea, a futura estação terminal de autocarros, (onde actualmente está a garagem e oficina de autocarros da empresa EVA) e o Portimão Arena, que funciona como pavilhão multi-usos da localidade, que também se localiza próximo deste jardim.

O novo espaço público e jardim do Largo Gil Eanes têm como objetivo conter um carácter simbólico, ligado ao significado e conteúdo histórico dos novos equipamentos culturais. Este jardim e os edifícios concebidos para o Largo Gil Eanes tratam de resolver as ausências que são presentes no espaço público actual. Esta dissertação demonstra o potencial adormecido do Largo Gil Eanes, um dos poucos espaços públicos de Portimão, (actualmente mal estimado e subaproveitado), que poderá vir a formar parte de um circuito de percursos e zonas verdes para a cidade, desde um circuito pela zona ribeirinha, e outros circuitos que pudessem-se interligar às ruas das lojas e a zona do mercado municipal.

Programa

O programa da presente dissertação desenvolve-se também no mesmo âmbito de requalificação urbana do Largo Gil Eanes para a cidade. Esta nova identidade urbana ajudará a população a se sentir mais atraída a este espaço público convidando-a a parar, a descobrir e apreciar o seu jardim “oásis”, ler um livro no relvado, namorar debaixo de uma árvore, entre outras actividades, tudo isto sobre um estacionamento subterrâneo de apoio local.



Fig.3 - Vista aérea do Largo Gil Eanes é a zona intervir e reabilitar.

O conceito do novo Largo Gil Eanes inclui o equipamento do Museu/Centro de Estudos dos Navegadores e Descobrimientos, o bar/restaurante, e o espelho de água, que estabelece uma união histórico-cultural local com o mar. Pode-se falar de uma união “local”, em referência ao Algarve em geral, pois diz-se que Gil Eanes nasceu na cidade de Lagos, e foi de lá, que partiram as barcas para o mundo desconhecido de então. Acredito que o navegador Gil Eanes, como oriundo de Lagos, é suposto que deveria costumar vir a Silves e Portimão e ter algumas relações com o povo daqui, marinheiros como ele, antigamente havia outa conexão social, com mais proximidade humana.

Deverá verificar-se ao longo da dissertação o papel da arquitectura naval na resolução deste tipo de edifícios públicos museológicos. Por outro lado, o principal elemento da arquitectura da paisagem na reabilitação do espaço público é a Água, como elemento primordial no desenho urbano e arquitectónico na busca da identidade com o mar, pois Portimão nasceu devido à sua localização privilegiada entre a serra e o mar, rodeada de água por quase todos os lados. Sem esquecer tampouco o papel da água como elemento essencial à vida, que hidrata e refresca no calor do Verão, tranquilizante de desequilíbrios emocionais, (provocadas pelo ritmo acelerado da vida urbana contemporânea), e lavante de impurezas e

energias negativas, é também um elemento óptimo para criar refúgios sossegados na paisagem, para todas as pessoas que procuram locais calmos e nichos escondidos nos espaços públicos e parques. A escala urbana da proposta tem como objectivo o novo desenho e reabilitação do Largo, com a criação de um novo jardim onde o papel da arquitectura da paisagem é relevante junto com a integração da escala das peças arquitectónicas. Neste caso desenvolve-se dois edifícios, um museu com uma superfície de implantação de 1.804 m², e um restaurante/bar com uma superfície de implantação de 850 m². A superfície de intervenção total do Largo Gil Eanes é de 13.755 m². O Espaço subterrâneo com área total de implantação de 11.000 m², incluindo um estacionamento público com 7.348 m², para uma capacidade de 178 automóveis.

Hipótese

A arquitectura que melhor responde às necessidades do novo programa cultural para o Largo Gil Eanes, poderá ser a arquitectura naval. Estudar a arquitectura naval pode permitir-nos descobrir novas qualidades espaciais e as relações entre o interior e o exterior do edifício. Na presente dissertação estudaremos a arquitectura naval e a sua relação simbólica com o espaço urbano e o desenho do novo parque. A presente dissertação pretende relacionar os conceitos de *Arquitectura*, *Simbolismo* e *Identidade*, para a obter uma alternativa com mais-valia para a sua reabilitação urbana do Largo Gil Eanes.

Metodologia

A pesquisa realiza-se através da elaboração do projecto arquitectónico e a concretização de um projecto no desenho urbano para permitir uma reabilitação urbana deste espaço público. A pesquisa teórica elabora-se através de casos de estudos e bibliografia. A análise das pré-existências, evolução histórica, a pesquisa bibliográfica e a caracterização do Largo Gil Eanes realiza-se com base na observação e análise *in situ*. Este trabalho de dissertação teve duas abordagens. Uma direccionada na disciplina de arquitectura, que centra-se no desenho de espaços para equipamentos úteis à população local de Portimão, e ao turismo cultural, com uma vontade de que os edifícios desenhados falem simbolicamente de factos históricos, e que se convertam numa referência de valor estético-arquitectónico. A outra abordagem abrange as disciplinas de urbanismo e de paisagismo, porque são necessárias para resolver as problemáticas que o espaço público apresenta, como por exemplo resolver a sua geometria, as acessibilidades, e assumir o papel do jardim como instrumento

primordial na melhoria da qualidade da vivência das pessoas, através da ecologia e a cultura.

Estrutura

Na presente dissertação, para melhor compreensão do tema de pesquisa, apresentar-se-á a análise urbana do local, a sua caracterização, junto com a evolução histórica (Capítulo Primeiro). A seguir expõe-se um estudo de apoio sobre arquitectura naval, com casos de estudo de edifícios semelhantes na sua contextualização, depois a apresentação de casos de estudo de jardins e espaços verdes arbóreos, com a apresentação de exemplos de museus, jardins, e espaços verdes onde a água é o elemento primordial no desenho da paisagem (Capítulo Segundo). Posteriormente, o conceito da proposta, seu desenvolvimento de reabilitação urbana e propostas arquitectónicas serão explicados, em pormenor (Capítulo Terceiro). Apresenta-se também a abordagem dos detalhes e os seus pormenores, informando dos materiais, estrutura e acabamentos (Capítulo Quarto). Para finalizar, chegaremos à conclusão, onde apresentarei a essência final do que se poderá fazer.

Relevância

A presente dissertação dá resposta à longa problemática sobre o presente espaço público do Largo Gil Eanes em Portimão. Inspira, e sensibiliza a importância e valorização das zonas verdes da cidade, para melhorar a sua qualidade espacial e arquitectónica, que permitirá descobrir a paz, a sintonia e o gosto por verdadeiros jardins com mais variedade de espécimes arbóreas, (não apenas a meros relvados e uma árvore pontual) conjugado com equipamentos para a cidade, que irão a lembrar e comemorar com os cidadãos a sua história e sua ligação cultural com o mar.

1| Análise, Caracterização e Evolução Urbana.

1.1 Análise e caracterização do estado actual

Ao observarmos actualmente o Largo Gil Eanes, sente-se que é um jardim moderno, em comparação com a proximidade do jardim do Largo Sárrea Prado, que pertence aos finais da década de 40 do século passado. A falta de identidade do Largo Gil Eanes, é substituída por uma oferta variada de um campo polidesportivo para jogos de equipa como o futebol, o andebol e o basquete. Este campo está bastante usado e gasto, e carece de manutenção e substituição, e os jogos de badminton e xadrez, (estes dois últimos estão desenhados por pedras na calçada), têm apenas hoje em dia uso esporádico.



Fig. 4 – Largo Gil Eanes, vista poente, em primeiro plano um simples campo polidesportivo, ao fundo os edifícios altos, autênticos “caixotes” sem referências nem contextualização.

CENTRO DE ESTUDOS E MUSEU DE NAVEGADORES E DOS DESCOBRIMENTOS

«As leis do «encadeamento» barroco, pelas quais a cidade crescia a partir de elementos fortemente ligados uns aos outros, constituindo uma estrutura que era a base da composição, foram abandonadas. A hierarquia dos espaços que lhe estavam ligados, e que transmitia uma imagem da organização da sociedade da época, desapareceu. A decoração e a importância do símbolo que tinham suplantado as funções de uso, na arquitectura barroca, foram banidos. Em resumo, as leis do encadeamento barroco foram substituídas pelo princípio da autonomia. Os edifícios, nos quais nada estava subordinado a nada que não fosse a função do uso, eram, eles próprios, isolados em relação ao meio em que se localizavam. A arquitectura assumia-se como «Deus», sem ter de prestar vassalagem à envolvente ecológica.» (Magalhães, 2001, p.97).

Este último excerto escrito pela arquitecta Manuela Magalhães menciona a relação com a arquitectura “barroca” como sistema orientador e hierarquizante, mas se retirarmos a palavra “barroca”, a descrição enquadra-se muito bem no contexto contemporâneo actual do Largo Gil Eanes. Ou seja, no Largo Gil Eanes foi aplicado imenso o princípio autónomo nas construções mais recentes, sem ter em conta o local onde cada uma está inserida (estes edifícios modernos poderiam ser construídos em qualquer local do mundo, são insípidos, não têm personalidade), e não acrescentam mais-valia ao local, acredito que poderia existir uma torre ou mais do que uma, mas cada uma deveria marcar um destaque na proporção do largo, e assim daria o carácter compositivo necessário ao largo.

A imagem do Largo é a dos próprios edifícios que o circundam. Eles próprios transmitem o seu reflexo na identidade do Largo. A coexistência de edifícios de várias épocas, poderia ser boa, se os designers dos edifícios mais recentes tivessem o cuidado de fazê-los dialogar com os edifícios em banda do início do século XX. Estes edifícios antigos estabelecem uma relação entre si e são fortes em conjunto, comparados com outros que situam-se ali próximo, os quais surgiram nas décadas de oitenta e noventa, cuja semelhança a uma caixa de sapatos é inevitável.

Estas construções das décadas de setenta, oitenta e noventa, dominam o espaço envolvente, devido à sua altura, ao grande volume, as suas formas paralelepípedas e a existência de elementos descaracterizantes do conjunto das várias fachadas que o circundam. Ou seja, essas construções, caracterizam-se em grande parte por espelharem uma atitude individualista e egoísta, porque chegaram, e construíram sem ter em atenção a sua envolvência. Estes edifícios apresentam nas composições das suas fachadas, uma linguagem pobre, tediosa e simplista, e não “mínima”, porque tal incomodaria Adolf Loos.

CENTRO DE ESTUDOS E MUSEU DE NAVEGADORES E DOS DESCOBRIMENTOS



Fig. 5-6 - Imagens dos edifícios mais altos, de uma simplicidade crua, construídos nas décadas de oitenta.

A falta de dinamismo urbano no Largo Gil Eanes e na sua envolvência, provoca que este espaço se assemelhe a uma manta de retalhos feia e desequilibrada, porque não há um conceito, uma linha condutora no desenho, não revela a identidade do Largo.

A introdução do desenho da planta do Largo, “*costurado*” no local, que faz lembrar a forma de uma espécie de estrela cadente ou cometa, tem apenas alguma curiosidade estética na sua composição gráfica em planta, ou para quem passe voando de balão ou avião. Quem está no local nem se apercebe destes grafismos no desenho da calçada, e não satisfaz as verdadeiras necessidades do local.

Existem cinco edifícios com grande altura, de meados dos anos 70/80 do século XX, onde se localiza um pequeno centro comercial, quase vazio, onde a maioria das lojas estão fechadas, porque o sítio está desactualizado, e necessita de obras de requalificação. Este último espaço referido seria o destino possível da futura estação de correios, com a necessidade de demolição do actual edifício. Seria desta forma, que o centro comercial ganharia vida e dinamismo, e não excluiria o serviço postal tão necessário à população local que está há muito habituada a ter a sua estação.

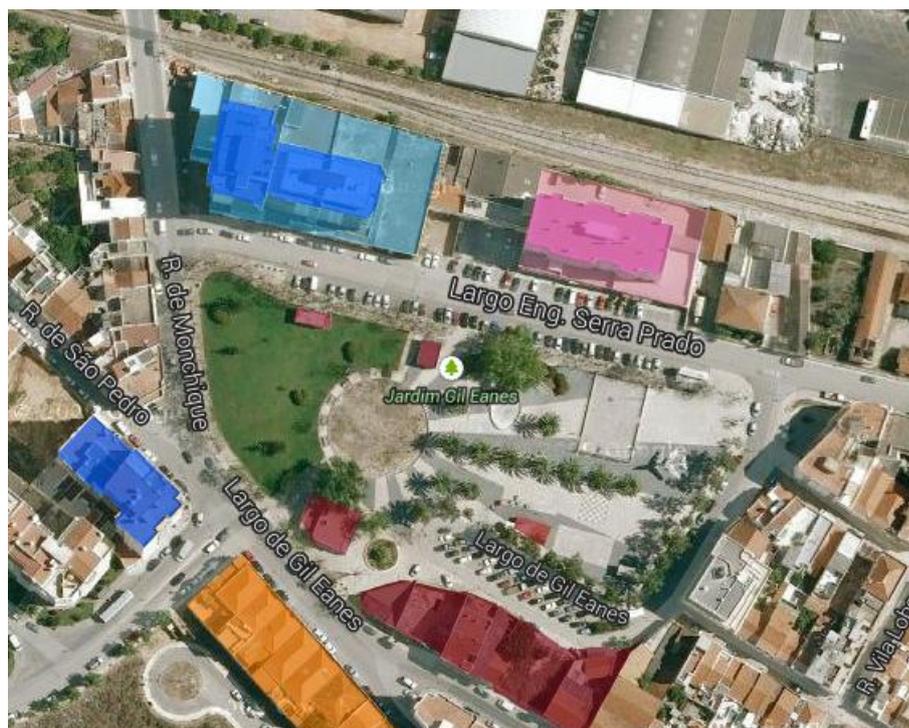


Fig. 7 - Imagem aérea do Largo Gil Eanes, onde estão identificados edifícios com diferentes cores que marcam indelevelmente a imagem do Largo. _Legenda: *Laranja*: Edifícios em banda do início do século XX; *Azul*: edifícios da década de oitenta do séc. XX; *Rosa*: edifício da década de noventa do séc. XX; e *Vermelho*: edifícios da Rua Inf. D. Henrique com traseiras para o Largo Gil Eanes, estando a todos em ruínas, menos três edifícios, estão sugeridos para a demolição na apresentação de projecto de reabilitação do largo e introdução do museu, incluído neste trabalho de dissertação.

Existe outro conjunto de edifícios em banda, anteriores e originários do início do século XX, situados na continuação da Rua Infante D. Henrique com o Largo Gil Eanes. São imóveis que representam muito bem os tempos de auge económico do início do século XX, e mereciam ser protegidos pela Câmara Municipal, por serem emblemáticos. Estes edifícios são representantes de uma época, num local privilegiado, onde havia bastante comércio diferenciado, por se situar perto do caminho ferroviário, da Rua Infante D. Henrique, (que antigamente chama-se avenida e o trânsito fazia-se nos dois sentidos), e do local da feira e do mercado, local esse, onde instalaram o actual Largo Gil Eanes. Distinguem--se por possuírem fachadas nobres, mas sóbrias e ricas, em comparação com as anteriores, compostas por dois pisos, encimadas por platibandas e frontões, revestidos por azulejos.



Fig. 8 - Fachadas nobres do início do século XX, descaracterizadas com aparelhos de ventilação, placiares luminosos e materiais desajustados nos vãos. Fig. 9 - Edifícios em banda do início do século XX, muito emblemáticos no local.

Nos seus vãos incorporam as cantarias e varandas trabalhadas. Estas habitações integram-se em proporção na composição no espaço da rua. As plantas de cada piso representam os tempos da sua construção, no piso térreo funcionaria uma garagem/armazém, mas muitos deles transformaram-se em lojas e restaurantes (que ainda hoje continuam), e no piso superior fica a habitação propriamente dita. Acontece neste Largo um paradoxo, pela ausência de uma estátua, imagem ou placa em referência ao navegador que nomeia o Largo, em contrapartida instalaram uma sapata que suporta um avião caça Fiat G-91 R/3 do século XX, utilizado na Guerra do Ultramar, e isolado no contexto histórico do Navegador e da sua toponímia, não tendo nada que o contextualize neste espaço público. A deterioração e a manutenção medíocre do jardim no Largo Gil Eanes, fazem que os cidadãos usem e abusem dos equipamentos existentes, daí o desgaste dos campos de jogos e os escorregas dos mais novos por exemplo. O jardim também é utilizado como instalação sanitária dos animais de estimação e abandonados também, contribuindo para a sujidade e falta de higiene do espaço. De tudo o que se referiu, falta salientar outros problemas, a discreta delinquência e a prostituição, durante a noite, o que faz afastar mais a população de este espaço público. O jardim também é utilizado como instalação sanitária dos animais de estimação e abandonados também, contribuindo para a sujidade e falta de higiene do espaço. De tudo o que se referiu, falta salientar outros problemas, a discreta delinquência e a prostituição, durante a noite, o que faz afastar mais a população de este espaço público.

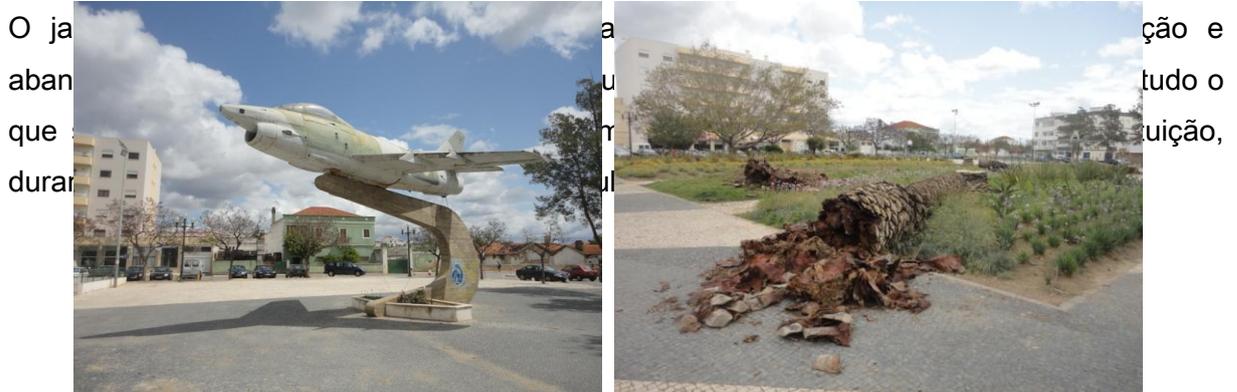


Fig. 10 - Avião caça Fiat G-91 R/3. Fig. 11- Palmeiras atacadas pelo escaravelho da palmeira no Largo Gil Eanes.

Actualmente, o Largo, com quase trinta anos desde a sua construção, mostra a existência de várias carências, e o declínio e adaptação das funções de certos espaços do largo. A arena das brincadeiras infantis desapareceu e deram lugar a um relvado sem tratamento. As palmeiras que existiam foram comidas pelo escaravelho da palmeira e deram lugar a canteiros de plantas ornamentais.



Fig. 12 - Quiosque adaptado em café e esplanada. A aplicação de toldos e “plásticos” acentuam o aspecto pobre deste conjunto, que não enriquece o largo do ponto de vista arquitectónico e paisagístico.

O “laguinho” mantém-se pequeno e seco, e o quiosque /café muito elementar e “pobrezinho”, como o resto da envolvente que está decrépita, com falta de capacidade financeira para melhorar.—Na parte da área de intervenção surgem alguns edifícios em banda em ruínas, cujas traseiras esburacadas e sem interesse estão viradas para o Largo. Estas edificações em ruína e obras paradas contribuem e acentuam o aspecto de abandono, poluem a paisagem urbana e atraem uma população mais marginal.

No futuro projecto de intervenção e reabilitação do espaço público do Largo Gil Eanes, será necessário a demolição dos edifícios em ruína que estão virados para a Rua Infante D. Henrique, para ligar a rua a nascente do Largo Gil Eanes, (que tem ligação com as Ruas D.^a Maria Luísa e Rua Basílio Teles), onde termina no actual parque de estacionamento perto da estação de Correios, com a Rua Infante D. Henrique, local onde será construída a rampa de entrada e saída do estacionamento subterrâneo e acesso de cargas e descargas de mercadorias ao Museu.—Assim ao rematar o desenho urbano do Largo, definindo o quarteirão sul contíguo ao C.L.C.C (Centro de Línguas, Cultura e Comunicação, Lda), a rua rompe através de edifícios moribundos (e outros nem tanto, mas que é necessário), dando-lhe definitivamente ao Largo uma forma de um quarteirão ou melhor, uma ilha trapezoidal completa e independente.



Fig. 13 - Aspecto actual de ruína e chapas metálicas ainda por resolver. No futuro projecto estas ruínas seriam demolidas, para dar lugar a uma nova frente do novo Largo para a Rua infante D. Henrique.



Fig.14 - Parte do actual estacionamento do Largo Gil Eanes com as traseiras desinteressantes e devolutas, que no projecto desaparecem para aumentar o jardim, e definindo o espaço como uma praça trapezoidal.

1.2. Análise e Caracterização do Largo Gil Eanes na Década de Oitenta (Séc. XX).

A construção do Largo Gil Eanes, apesar de ter sido importante nos anos oitenta, não foi capaz de acolher o interesse e o apelo da população como preferência de espaço verde para a cidade. O actual Largo Gil Eanes apresenta algumas carências no seu desenho urbano, que não foram tomadas em consideração no período da sua construção porque na altura, não foram consideradas como relevantes. Nos anos oitenta, o principal objectivo da construção do Largo foi basicamente urbanizar o terreno baldio, e dar-lhe uma nova função. Função essa, que implicava a criação de um espaço público de lazer e de encontro entre a população, com uma apresentação contemporânea para a época, com espírito de progresso e evolução comunitária, típico das construções públicas portuguesas dos anos oitenta, pós revolução vinte e cinco de Abril. A nova imagem do Largo Gil Eanes para aquela época, tentou conjugar a tradição do uso da calçada portuguesa com traços mínimos de pedra calcária (vidraço) azulada e branca, preenchendo uma grande superfície pedonal do largo, e formando desenhos funcionais com pedras de calçada.



Fig. 15-16 - Campos de jogos desenhados com calçada, mas que não são utilizados por ninguém.

Foram concebidos no Largo dois campos de badminton, um jogo de xadrez/damas (desenhados com pedras de calçada), um espaço polidesportivo bordejado por muretes para vários jogos de bola, como o futebol, o andebol e o basquete. Introduziram-se equipamentos de brincadeira para crianças numa pequena arena, que actualmente já não existem, por falta de manutenção e por carência na higiene das areias, devido aos dejectos animais. Existem alguns espaços ajardinados e arborizados, não muito grandes, quase pontuais. A sua área é muito menor que a área de calçada. Existe no Largo uma pequena estrutura de “laguinho” seco e sem uso, um pequeno quiosque/café com esplanada de

CENTRO DE ESTUDOS E MUSEU DE NAVEGADORES E DOS DESCOBRIMENTOS

apoio, e dois edifícios muito simplórios do ponto de vista arquitectónico, um deles é um transformador da EDP, e o outro instalações público-sanitárias femininas e masculinas, que são deveras úteis, mas que necessitam de serem redesenhados para estarem melhor enquadrados e inseridos no contexto do jardim. Existe um pequeno parque de estacionamento na zona Sul para trinta automóveis, e também na zona Leste foi instalada uma base em betão armado onde está instalado um avião, um caça antigo da época da guerra colonial.

Em resumo, a concretização deste espaço público na altura da sua construção pretendia reunir os interesses de um público variado, de todas as faixas etárias, para assim socializarem-se os uns com os outros, como uma tentativa de servir o ideal comunitário pós vinte cinco de Abril, mas o desenho do espaço falhou na intenção de reunir esses interesses sem ter uma linha directriz, com um conceito global.



Fig. 17 - Perspectiva do topo de um dos edifícios mais altos virados para o Largo Gil Eanes, na época o jardim era recente.

1.3. A descaracterização arquitectónica da cidade e do Largo Gil Eanes

Portimão é apenas outro de muitos casos em Portugal e no mundo, por ser uma cidade descaracterizada com o centro histórico desamparado, cujos edifícios antigos e as suas memórias estão progressivamente a desaparecer sem existir uma consciência da sua importância patrimonial. A partir de meados da década dos anos sessenta do século passado, os novos edifícios da cidade antiga deixam de se construir com a linguagem e técnicas tradicionais, e começam a aparecer com uma linguagem contemporânea que não fez o esforço de se integrar no contexto histórico envolvente. Assiste-se durante décadas e até aos nossos dias a um uso e abuso de tudo, da temporalidade das modas e estilos arquitetónicos, do conceito de “compra, usa e deita fora” de uma forma acelerada e como consequência as cidades também tornaram-se num produto consumível.

«Mas foram os anos 60 que vieram transformar a cidade. Adossado às ruas antigas mais deleitosas quando passam por debaixo de arcos singelos e em que algumas fachadas de prédios ostentam painéis de azulejos de padrão do centro histórico, surge um mundo de torres que desequilibraram a estética característica da urbe; esse crescimento desnorteado e desaustinado vem sendo travado de anos recentes a esta parte pela Câmara Municipal que procura atenuar a descaracterização da cidade em cujas ruas e largos fervilham os turistas estrangeiros, a população local, e os portugueses que descem ao Sul à procura do Sol, das praias e de uma luminosidade sem igual.» (Ferreira, em Paiva, 2013, p. XIV)

A descaracterização do centro antigo de Portimão deve-se ao facto de que a construção nos últimos cinquenta anos foi-se modernizando, e adoptando técnicas inovadoras introduzindo produtos industrializados mais acessíveis no mercado e práticos na aplicação do que as técnicas tradicionais que tinham de ser fabricadas no local, e com os materiais próximos geograficamente. A consequência mais visível desta “evolução” construtiva encontra-se na perda da homogeneidade e de carácter dos edifícios dentro do centro antigo.

As novas construções desde os anos sessenta tampouco se preocupam em integrar-se na linguagem e composição formal e volumétrica do centro antigo. Outro motivo da descaracterização, é a mentalidade das pessoas naquela época que ao renovarem a sua habitação, pretendiam ser inovadoras e evoluídas, e contudo nessa altura surgem novos materiais de construção, que inundam o mercado permitindo uma construção mais prática do que os tradicionais materiais de construção, além de não necessitarem de tanta área para a sua implantação como a espessura das paredes de taipa. Nos anos sessenta, os

arquitectos desejavam quebrar fronteiras e padrões seculares de construção para expressar as suas ideias e experiências no habitar, uns conseguiram cumprir a sua missão, outros nem por isso

Outra questão que também facilitou a descaracterização, foi a não existência na época, de legislatura que limitasse a actividade de construção dos engenheiros civis, ou bem que permitissem a coordenação conjunta dos arquitectos, para orientarem o destino e a estética das construções, e o seu enquadramento na envolvente. Enquanto os engenheiros são pessoas treinadas para aplicar o racionalismo matemático e o pragmatismo, os arquitectos são educados para usar uma sensibilidade estética, aguda e cuidada. E sem esquecer, o óbvio, a inexistência de leis e fiscalização que protejam as construções mais antigas e a paisagem urbana. Infelizmente as leis e a consciência dos erros, só surgem quando o mal está irremediavelmente feito. O “progresso”, a “evolução” e o desenvolvimento da cidade durante as últimas décadas tem causado a destruição e desaparecimento de um passado comum, sem pensar na conservação da memória histórica. As novas gerações esquecem que o Homem tem memória curta, e o que não vê, não sente.

O Largo Gil Eanes, por se localizar num local que foi parte dos arrabaldes da vila antiga, outrora uma das portas da cidade de Portimão, foi uma área deserta que ganhou vida, com a chegada do caminho ferroviário, na década de vinte do século passado, e a construção da Avenida Infante D. Henrique, que nasce da construção da ponte rodoviária sobre o rio Arade, o que provocou um crescimento urbanístico a norte da antiga vila, com a construção do Bairro da Cruz de Pedra entre estas fronteiras pré-definidas. E o facto de a intersecção da antiga Avenida Infante D. Henrique (despromovida a rua), com a rua de S. Pedro e a estrada de Monchique que contribuiu para o seu desenvolvimento económico no bairro, e a localização estratégica de variadas lojas, e comércio diversificado. Este contribuiu para a construção de edifícios tipologia construtiva tradicional e de fachadas nobres, muito interessantes para o património desta cidade, porque possuem coerência, carácter e força. Merecem ser protegidos e conservados pelas entidades municipais, porque no resto do Largo Gil Eanes, os restantes edifícios foram construídos décadas depois, noutras proporções e que apresentam uma quebra na linguagem da imagem formal do Largo, tornando-se em dissonantes e descaracterizadores.

1.4. Evolução histórica

Para melhor compreender a solução desenvolvida na presente dissertação, que ajudará a resolver as faltas e falhas de percursos existentes no Largo Gil Eanes, é necessário relembrar a história desta cidade, sua evolução e transformações mais significativas desde a sua fundação, conjuntamente com a caracterização dos espaços públicos portimonenses existentes. Portimão, devido às suas privilegiadas qualidades geográficas de proximidade entre a serra e o mar, cedo tornou-se num polo de desenvolvimento económico, por se situar na margem direita do rio Arade, a dois quilómetros da barra, através da qual chegaram povos estrangeiros oriundos de várias partes do mundo, que entravam pela foz, rio adentro para se protegerem das tempestades, para comercializar, e também para piratear. Portimão tornou-se numa porta de entrada e saída de mercadorias, usufruindo de um contacto permanente com o exterior, permitiu impor-se ao longo da história, e chegou à actualidade como pólo de dinamização do barlavento algarvio. Segundo reza a história, Vila Nova de Portimão foi fundada, e desanexada do concelho de Silves durante o reinado de D. Afonso V - *O Africano*, em 1463. A localização escolhida foi numa colina apeninsulada na margem direita do rio Arade, perto da foz, a pedido de quarenta moradores da cidade de Silves e oriundos do local dos Portimões e da Barrosa. Inicialmente a localidade fora atribuída a Rui Afonso de Mello, porta-estandarte do Infante D. Henrique, na conquista de Tânger, no norte de África, mas faleceu em 1467 ao tentar impedir um arrufo, entre barcos franceses e ingleses que estavam ancorados no rio Arade, (F. Carrapiço, J. Palhinha, J. Brázio, p.10), estando o lugar vago, fora concedida mais tarde à nobre família Castelo Branco em 1476, por grandes préstimos ao reino e valentia na Batalha de Toro, polémica batalha da Guerra da Sucessão de Castela, por ninguém consagrar-se vitorioso. Sobre a cerca das muralhas da vila, sabe-se que a sua configuração é de um polígono irregular, algo parecido com um triângulo, de pontas truncadas. Incluía baluarte e barbacãs fora das muralhas ao longo do rio. O seu perímetro atingia os 1100 m, com 1,60m de espessura, constituída de dois panos de alvenaria emparelhada de pedra e terra apiloada no interior, estas abraçavam uma área construída de cerca de 6,5 ha.

«A fortificação da vila era tarefa imperiosa já que se tratava de um local de fácil acesso pela foz do rio. Delimitando um polígono irregular com cerca de 6,5 hectares, as muralhas estendiam-se da margem do rio para o interior. A construção em dentes de serra permitia uma vigilância eficaz, reforçada com baluartes e torreões.» (Ventura e Marques, 1993, p.12).

D. Afonso V escreveu uma carta onde atribui a concessão da povoação da Vila Nova de Portimão a Gonçalo Vaz de Castelo Branco, vedor da fazenda real, em troca da construção de um castelo e uma cinta de muralhas protectora. Não se sabe ao certo qual a data da finalização destas, embora existam documentos que apontam uma reclamação posterior de procuradores de Silves nas Cortes de Évora por não ter sido concluída no tempo pretendido, e de já terem contribuído para a sua construção no ano anterior por imposição régia; (...) e outra mais tardia, que poderá ser alguma remodelação destas, onde se empregam novas técnicas defensivas, como a construção posterior de baluartes defensivos. Passados cerca de cento e cinquenta anos, as muralhas precisavam de reparação, aconteceu em 1616, mas não existem relatos da sua intervenção. Na época do rei Filipe II de Portugal, os tempos já eram outros e as técnicas defensivas evoluíram também, passaram a defender junto à costa, para evitar a entrada dos navios inimigos e piratas na barra do rio Arade.

«Mas foi durante o domínio filipino que um grande número de obras de fortificação da costa foram realizadas. A artilharia de fogo impunha um repensar da estrutura dos sistemas defensivos, construindo-se fortalezas abaluartadas, capazes de dar resposta às novas exigências da guerra.»
(Ventura e Marques, 1993, p.38).

Para isso foi contratado o engenheiro napolitano Alexandre Massai que percorreu o reino do Algarve para avaliar as estratégias defensivas locais. Veio a Vila Nova de Portimão, em que decidiu com a ajuda de pilotos locais os locais apropriados, na foz do rio, empoleirado numa rocha escarpada onde já existia uma ermida que invocava a Santa Catarina de Ribamar, para aí construir a fortaleza de St.^a Catarina. A sua construção finalizou em 1640, sendo equipada com bateria, duas peças de artilharia, casa do governador, paiol, quartel, arrecadação, cisterna e capela, guarnecida por um destacamento de artilharia sob o comando de um capitão (Campos Inácio, 2012, p.75). Para defender em conjunto com o Castelo de S. João do Arade, mais conhecido como Castelo de Ferragudo. Alexandre Massai tentou pacificar os magistrados de Silves, ao enviar uma carta ao Secretário de Estado de Filipe II, em 1617, a invocar a necessidade de construir uma torre e uma praça de guerra (Carlos Pereira Calixto, pp.111-113). Esta fortificação, cuja construção apenas terá sido iniciada após a restauração da independência nacional, a partir de 1643, em que acompanhou a obra o Governador e Capitão-General do Reino do Algarve (1642-1646) Martim Afonso de Melo, que para o efeito necessitou de se instalar em Vila Nova de Portimão. Sendo nomeado pelo rei em 1644, Francisco da Costa Barros para ser o primeiro capitão de serviço na Fortaleza de S. João de Ferragudo.

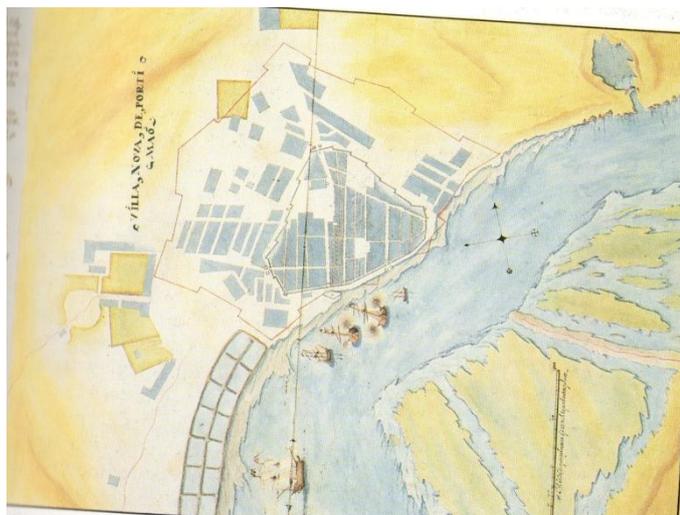


Fig. 18 – Plano da nova cintura de muralhas criadas por Massai para Portimão, mas que nunca foram construídas.

Outra das forças modeladoras da cidade de Portimão no passado foi de carácter geofísico, foi o devastador terramoto de 1755 e a consequente onda gigante. Este ajudou a acelerar o assoreamento do rio Arade e provocou a destruição de muitas estruturas antigas, como por exemplo grandes partes dos panos das muralhas e torres que cercavam a povoação.



Fig. 19– Fortaleza de Stª Catarina de Ribamar, na margem direita da foz do rio Arade. Fig. 20 Castelo de S. João do Arade, na margem esquerda antes da foz do rio Arade.

Estas não foram reconstruídas por já não haver necessidade de tais fortificações. Ainda nessa época o Largo Gil Eanes não existia. O local fazia parte de um braço de rio, perto do acesso de Portimão para a serra de Monchique. Nesta localização as terras eram inundáveis e insalubres. A imagem da forma original da povoação, meia colina amuralhada situada numa península virada a sul, foi desaparecendo com o avanço dos séculos, com o aumento da povoação para fora das muralhas, e o assoreamento do rio. Outra força

modeladora da forma da cidade de Portimão, e seu crescimento foi da vontade do empreendedorismo de gente capitalizada, em meados do século XIX, na construção de várias fábricas de conservas de pescado, de fumeiros de frutos regionais, de aparas e rolhas de cortiça, da construção do cais que a cidade necessitava para implementar os investimentos na pesca e na melhoria de condições dos pescadores e de atracamento de navios e barcos de pesca e mercadorias.

Para tal efeito, a cidade sacrificou as salinas que localizavam-se a sudoeste nas margens da vila. Esta baía entrava a montante para o interior até aonde se localiza o campo de futebol do Portimonense e o Palácio do Visconde de Bívar, (os terrenos foram aterrados para a sua construção, no século XVIII), onde actualmente funciona a Câmara Municipal de Portimão e o Largo 1º de Maio, prolongava-se a baía desde a ponte automóvel velha, (que foi inaugurada em 1876) até onde localiza-se actualmente o Clube Naval.

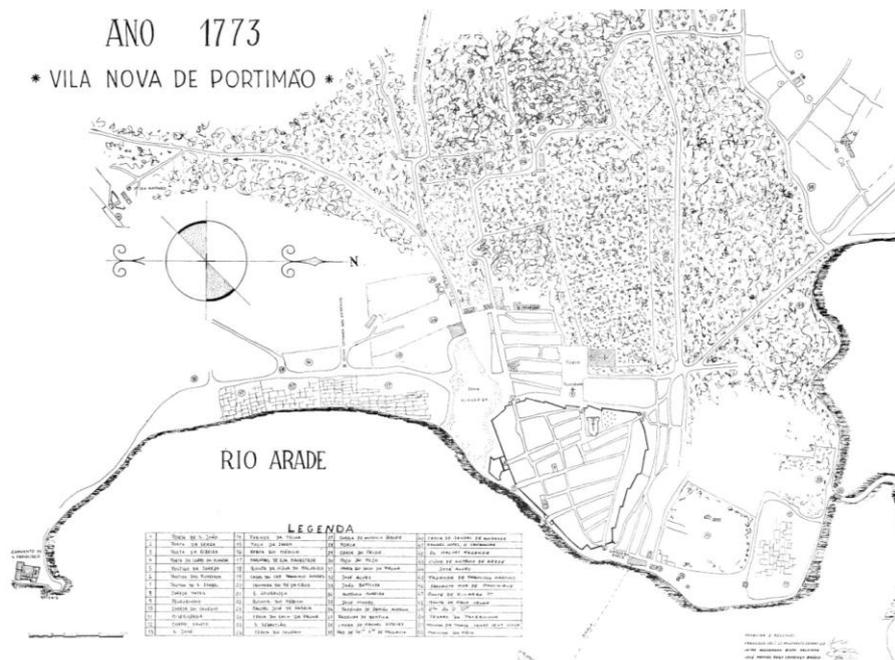


Fig.21 - Mapa de Portimão no século XVIII, mostra a zona do Largo Gil Eanes alagada pelo rio. -

«O aterro que permitiu a construção do cais de Vila Nova de Portimão só teve início com a construção da ponte rodoviária, mas tal não impediu que, desde a sua fundação, a localidade tenha sido conhecida como importante entreposto portuário.» (Campos Inácio, 2012, p.35).

Em 1863 começou a construção do dique do cais, soterrando as fundações das antigas barbacãs, que protegiam outrora a povoação junto ao rio, dos ataques de piratas e corsários. Os cidadãos de Portimão, nos finais do século XIX e inícios do século XX, tiveram de tomar decisões e escolhas importantes sobre a cidade de Portimão, com a autorização do Rei D. Carlos I.



Fig.22 - Antigas salinas que localizavam-se onde fica actualmente o Largo do Dique, o Largo do Sapal e o Largo Heliodoro Salgado, e que iam até perto do Convento de S. Francisco.

Com a construção do dique conquistou-se terreno à baía que o rio formava. Também, por ter uma população muito pobre e o seu número a aumentar, vindo dos arredores campestres, havia a necessidade de melhorar as condições de vida das populações, tendo o objectivo de progresso e desenvolvimento que as indústrias pesqueiras representavam numa sociedade que se queria modernizar. Estas decisões importantes atraíram e alimentaram muitas famílias, melhorando economicamente a cidade. No entanto, nos anos 1950, devido à competitividade comercial entre as fábricas a nível local, nacional e internacional e a diminuição da captura do pescado, provocou o encerramento da maioria delas.

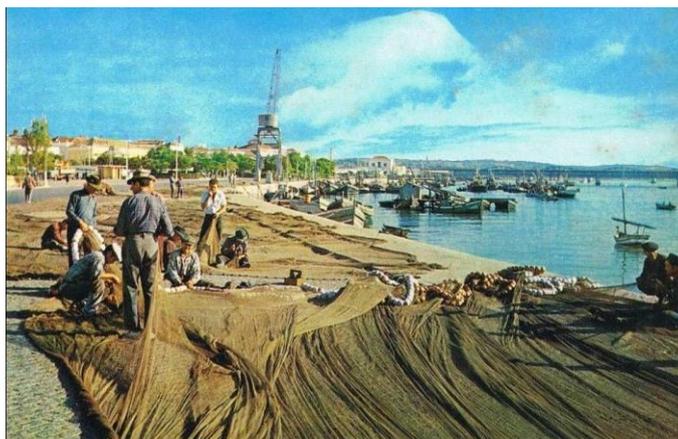


Fig. 23 - Pescadores instalados no cais de Portimão, onde outrora ficavam as salinas. Imagem da déc. de 70 do séc. XX.

«Este melhoramento ribeirinho veio, contudo, a permitir um maior desenvolvimento da actividade portuária, na medida em que possibilitava um melhor acesso às embarcações, facilitando as cargas e descargas. Aumentou consideravelmente o volume de exportações, nomeadamente de frutos secos, azeite e cortiça.» (Campos Inácio, 2012, p.35).

Actualmente, no século XXI, já não existem em Portimão fábricas de conservas, havendo alguns edifícios que foram reaproveitados e adaptados para outros fins, como por exemplo o Museu Municipal de Portimão onde funcionou a antiga Fábrica “Feu Hermanos”, que apresenta a fachada original na Rua D. Carlos I, e algumas antigas salas foram reconstituídas para perceber como foi o trabalho no interior de uma fábrica de conservas pesqueiras. Hoje em dia já quase que não há peixe no mar, para alimentar tamanha indústria.

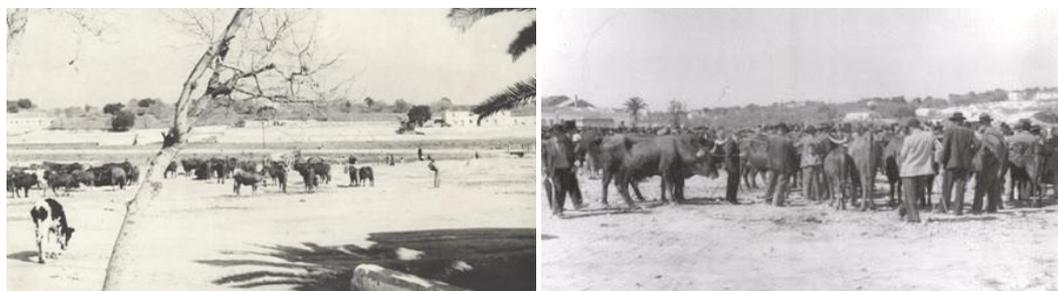


Fig.24 -25 - Imagem do local do futuro Largo, onde existia o sapal antes de ser enterrado, e onde acontecia a feira do mercado de gado.

A indústria pesqueira do século XIX e meados do XX foi sendo gradualmente substituída pela indústria turística, e a cidade continuou a crescer cada vez mais para fora dos limites de outrora, urbanizando as redondezas até à Praia da Rocha e chegando quase a unir a cidade de Portimão à vila de Alvor. Hoje em dia muito pouca gente consegue imaginar a antiga forma da cidade. Existem apenas algumas fotografias com quase cem anos, que permitem elucidar-nos da antiga imagem, da vila de Portimão. A norte, o antigo braço de rio entrava, desde o antigo matador até ao Largo Gil Eanes, que foi aterrado, e onde foi inaugurada no ano 1922 a estação ferroviária.

«No princípio do século (XX), o Largo Gil Eanes era um campo de cultivo de milho e de hortaliças, atravessado por valas que escoavam a água salobra dos terrenos por uma comporta que se encontrava junto à actual estação do caminho-de-ferro. O abastecimento de água para regadio fazia-se através de um canal trazido de uma nora que se encontrava junto à passagem de nível para Monchique. Esta propriedade pertencia ao Sr. António Provisório, um dos homens mais ricos da cidade, que possuía também um bonito chalet no local onde hoje se ergue o moderno edifício dos Correios. A construção do caminho-de-ferro viria a cortar a quinta em duas, ...Ao longo deste campo, junto ao casario, seguia um caminho velho que servia de vazadouro doméstico. Nos anos 50 (séc. XX) este terreno foi entulhado e aterrado vindo a servir para a realização do mercado do gado. Trinta anos decorridos, o crescimento da cidade levou à urbanização do espaço circundante. Hoje é o espaço público mais frequentado tanto por idosos, que jogam às cartas nos bancos de jardim, como pelas crianças que desfrutam de espaço amplo e diversões, enquanto os pais tranquilamente gozam o sol de Inverno ou usufruem da frescura das noites de Verão.» (M. Ventura/M. Marques, 1993, p.102).

O espaço desde o Largo Gil Eanes até ao antigo matador, foi aterrado e conquistado às águas do rio, com a chegada do comboio à cidade, entre 1915 e 1922. Houve a necessidade de criar aterros para construir o caminho ferroviário e o acesso à ponte ferroviária, (para esta não se tornar demasiado cara). Estes terrenos tinham a tendência de alagar com as chuvas e as grandes marés. Com a construção dos aterros para ali construírem a ferrovia e a estação, ganhou-se uma fronteira física definida, com a ferrovia, que ajudou a conquistar área pública, com o objetivo de receber as novas estruturas de edifícios e equipamentos de uma cidade que crescia e modernizava-se com a influência do transporte moderno da época, o comboio.

PROJECTO DE REABILITAÇÃO DO LARGO GIL EANES, PORTIMÃO

CENTRO DE ESTUDOS E MUSEU DE NAVEGADORES E DOS DESCOBRIMENTOS



Fig.26 - Estação Ferroviária no ano da sua inauguração em 1922,

«Construída em simultâneo com a linha de caminho-de-ferro até Lagos, a Estação de Portimão foi edificada nos arredores da vila, numa zona alagadiça e insalubre, próxima do Matadouro Municipal. A construção desta infra-estrutura nesse local deserto, veio a originar um enorme movimento de pessoas, transportes e mercadorias, obrigando ao arranjo da sua envolvente e, ao mesmo tempo, justificando o crescimento da vila para os terrenos limítrofes.» (Campos Inácio, 2012, p. 68).



Fig. 27 – Imagem da Estação Ferroviária no ano da sua inauguração em 1922, - Antigo largo da feira de Portimão, seu aspecto antes da construção do actual largo, nos finais dos anos 70 do séc. XX.

Na actualidade, o bairro à volta do Largo Gil Eanes, o Bairro Cruz Pedra, que localiza-se junto da estação ferroviária partilha a mesma origem que esta. Depois de abrir da abertura da Rua Infante D. Henrique, começaram a surgir as novas habitações junto a esta, e com o aterramento do espaço entre a via-férrea e a antiga margem do rio, conquistando área ao rio, foram traçadas as novas ruas, criando uma nova malha, de cariz ortogonal, característica de uma sociedade moderna e industrial. As diversas actividades industriais e económicas que existiam aí nesse bairro até há poucos anos, tendem a desaparecer com a velhice e morte dos seus proprietários e trabalhadores, a crise económica a seguir da “Revolução dos Cravos” e a crise recente que perdura desde o ano 2008, não permite que as novas empresas subsistam por muito tempo. As empresas que teimam em abrir, não aguentam muito tempo, porque esta parte da cidade estagnou-se e são necessários estudos de mercado, estratégias urbanas e investimento para torna-la mais dinâmica social e economicamente. A norte da linha de ferro, o Parque de Feiras e Exposições de Portimão e o Pavilhão Arena, que data de Setembro do ano 2006, consegue, com as suas salas de conferência e espaços multiusos, responder as necessidades programáticas da cidade, designadamente acções de âmbito cultural e desportivo. No seu redor, apresenta ainda, uma área livre de utilização muito superior, com espaços complementares de apoio, muito diversificados e versáteis. Quando não está a acontecer a feira de S. Martinho ou outras actividades pontuais, a sua envolvência volta a ser deserta e desestruturada e com falta de programas complementares permanentes.



Fig.28 – Pavilhão Arena, no recinto do Parque das feiras, em terras conquistadas ao rio

A localização da garagem de autocarros da empresa EVA e a zona industrial e comercial meio abandonada e subaproveitada, junto da estação ferroviária, não ajudam a melhorar a situação.

Portimão, teve um impulso de desenvolvimento económico na época dos descobrimentos, (antes da Casa da Guiné passar de Lagos para Lisboa), devido às viagens marítimas entre África e o norte europeu nos portos da Holanda, mas que a cidade não conta, não referências que evoquem esse passado, como se sofresse de amnésia. A história ficou desconhecida para a maioria da população, por isso, esta oportunidade de revitalizar e reabilitar o Largo Gil Eanes, seria uma forma de resgatar a memória do nevoeiro do esquecimento, ao criar um museu que homenageasse esse passado dourado, ao explicar que a cidade de Portimão tem uma relação importante no passado com os descobrimentos, e assim deveria-se usar esta ideia para patrocinar a própria cidade aos seus moradores e visitantes. A reabilitação do Largo Gil Eanes seria uma primeira etapa, para depois alastrar para outras partes da cidade e outras variadíssimas formas de intervenção.

Se a ideia da imagem da cidade histórica, pesqueira e peninsular de Portimão se mantivesse cuidada e protegida, encontraríamos um centro antigo da cidade mais pitoresco e atractivo devido à paisagem do estuário do Arade, à semelhança com Ferragudo e Alvor, que ainda não perderam a sua característica castiça, mas agora está escondida e aterrada com outras prioridades urbanas contemporâneas.

Poderá aconselhar-se e incentivar a fazer, a instalação de marcos que falem e assinalem os respectivos locais sobre diversos assuntos históricos na paisagem urbana portimonense, tais como: criar uma silhueta da muralha antiga (luminosa à noite); colocar algumas grandes colunas ou marcos de pedra, para marcar o local da antiga praia ou (cais) ribeirinha, (por exemplo junto à câmara municipal, no Largo 1º de Maio); criar estátuas ou monumentos para retratar as figuras históricas importantes para esta localidade, por exemplo Aníbal Barca, o comandante cartaginês, Vikings, alguma personalidade islâmica da época moçárabe, o rei Afonso V, o Conde D. Martinho Castelo Branco, ou os reis portugueses que passaram por Vila Nova de Portimão, os Reis D. João II, D. Sebastião e D. Carlos, entre outras. Estas poder-se-iam distribuir nos futuros percursos “verdes”, largos ou praças, e outros locais potenciais com enquadramento adequado na cidade; criar medidas de protecção das cantarias das portas e janelas centenárias, pois muitas estão dissimuladas, desfiguradas e pintadas que ocultam a sua verdadeira identidade e época. Todas estas ideias permitiriam fortalecer o carácter da cidade de Portimão, perante os seus cidadãos e tornar-se num potencial interesse de descoberta para visitantes.

1.5 Comparação com a vizinha cidade de Lagos

A cidade de Lagos é um excelente exemplo próximo da nossa cidade, embora seja muito diferente da cidade de Portimão nas suas características morfológicas e geográficas. A cidade de Lagos é mais antiga, com um primeiro assentamento de cerca de quatrocentos anos antes de Portimão. Esta soube manter a sua memória histórica e arquitetónica presentes, e actualmente o seu centro citadino encontra-se com muita mais vida, mais interesse e animação que a cidade de Portimão. Os órgãos autárquicos de Lagos foram mais cautelosos e não foram iludidos de ideias de riqueza rápida do turismo de massas.



Fig. 29 - Nova imagem da Praça do Infante D. Henrique, em Lagos. Invoca o seu passado, recuperando os alicerces da antiga muralha e da praia que existiu ali em tempos.

Recentemente a câmara lacobrigense no âmbito do programa POLIS, destinado a investir na requalificação de espaços públicos históricos nacionais, e como resultado do concurso público, propôs expor as partes das bases das muralhas que estavam enterradas para os cidadãos redescobrirem o antigo cais e zona ribeirinha junto às muralhas. Parte delas estavam enterradas, e através do novo arranjo urbanístico, soube-se integrar as necessidades contemporâneas, com a construção de um parque de estacionamento público subterrâneo, junto à messe militar. Toda a proposta tem uma imagem cuidada contemporânea, que imprime uma certa limpeza de excessos ou acrescentos urbanos posteriores nos locais.

A memória e a presença histórica viva, faz com que a cidade de Lagos continue mais aprazível, do que a existência dos grandes contrastes entre épocas históricas com construções que não tenham cuidado com a leitura homogénea das envolvências, e as

sombras que os altos e novos edifícios provocam. Sem isto, a cidade continua com a identidade e carácter fortes e estáveis acrescentando mais um motivo de visita e redescoberta.

Os arquitetos paisagistas João Nunes e Carlos Ribas, do ateliê PROAP- Estudos e Projectos de Arquitectura Paisagista Lda, vencedores do concurso público de espaço público da zona ribeirinha de Lagos explicam os seus objetivos de projecto articulados com o programa POLIS respeitando os valores e memória histórica da cidade de Lagos e redirecionam uma interpretação contemporânea da sua intervenção.

«A intervenção pretendida aborda, antes de mais, um espaço com uma marca histórica de confluências em que a carga de elementos urbanos vetustos é ainda presente na mancha edificada.

Qualquer intervenção arquitectónica, que se queira consistente, só poderá ser aquela que traduza a morfologia do espaço a intervir.

Estabeleceu-se uma regra ontológica para criação de edifícios coerentes com o passado e preparados para o espaço contemporâneo com vocação de futuro, no estrito respeito da profunda historicidade do espaço a intervir.

Pretendem-se edifícios com uma profunda carga conceptual que possa ser bons instrumentos para leitura da própria identidade da cidade. Assim, a primeira abordagem para o estudo de arquitectura partiu da redescoberta e análise da primitiva muralha (séc. XIV) e das suas sucessivas vicissitudes ao longo da fulgurosa intervenção humana na matriz edificada.

Essa linha de muralha foi marcada para estudo. E é essa marca que inicia a construção do diagrama que orienta o desenvolvimento das intervenções arquitectónicas.» (Nunes e Ribas, PROAP, [www. Moonshapes.pt](http://www.Moonshapes.pt))

1.5 O Largo Gil Eanes e a estrutura verde da cidade

A qualidade urbana da cidade de Portimão melhoraria com a introdução de mais árvores e arvoredos nas avenidas e novos jardins, espaços públicos, e até com a criação de um grande parque urbano para que os cidadãos possam usufruir, e disfrutar do seu tempo livre com qualidade.

Os parques e as zonas verdes são mutuamente um encontro e uma fuga para as pessoas, um local de encontro para si e para com os outros, e também uma fuga, do excesso de racionalismo, de ruído visual e sonoro, e da poluição. As Pessoas, independentemente dos diferentes níveis sociais apreciam o passeio, o desporto, a meditação e a necessidade de reconectarem-se com a Natureza. Existe geralmente uma satisfação natural dos humanos em redor da natureza e de espaços verdes nas suas vidas, a sua influência nas crianças consiste no espoletar da sua imaginação e criatividade, porque elas no meio de árvores e “campo” inventam brincadeiras, o que irá favorecer imenso no seu desenvolvimento motor e mental, os namorados irão imaginar e combinar a sua vida conjugal deitados nas ervas a olhar para nuvens e copas das árvores, e os idosos nas suas conversas no jardim irão lembra-se exactamente do que fizeram quando foram mais novos, e o ambiente verde como proporciona uma boa qualidade de vida mais positiva, vai, por sua vez, prolongar as vidas.

Embora o campo esteja a pouca distância da cidade de Portimão, a cidade em si é pobre em espaços verdes, e os que há, são pequenos e quase residuais, o que é muito pouco em proporção para uma cidade do tamanho de Portimão. Existem cerca de onze pequenos jardins, incluindo o Largo Gil Eanes, que são: Jardim Visconde Bívar, Largo 1º de Dezembro, Parque da Juventude, Jardim do Largo Sárrea Prado, Largo 28 de Maio, Viveiro de Portimão, Jardim das águas Livres, Jardim da Urb. Quinta do Caneco, Jardim do C.C. Aqua, Jardim da Rocha, Jardim do Bairro dos Pescadores e o Largo Gil Eanes.

PROJECTO DE REABILITAÇÃO DO LARGO GIL EANES, PORTIMÃO

CENTRO DE ESTUDOS E MUSEU DE NAVEGADORES E DOS DESCOBRIMENTOS



Fig. 30 - Mapa da cidade de Portimão com a localização dos jardins.

O Jardim Visconde Bívar

Este jardim encontra-se junto ao rio, onde existiam as salinas junto à parte antiga da cidade;

«... [O Jardim Visconde Bívar] era a o quarto dos cinco talhões, separados por arruamentos, que resultaram do aterro do cais, compreendendo o actual Jardim Visconde Bívar e a Praça Manuel Teixeira Gomes. A praça foi construída por iniciativa da Câmara, e através de subscrição pública, tendo começado em Janeiro de 1905 a ser composto o jardim com palmeiras, outras árvores (como os pimenteiros, actualmente centenários), arbustos e flores apropriadas. ...Este espaço tornou-se imediatamente um importante local de passeio e centro de convívio social.» (Campos Inácio, 2012, p.41).

O jardim Visconde Bívar, nasceu do resultado do aterro para a construção do cais que começou em 1863, com a construção da ponte rodoviária na zona ribeirinha de Portimão. O casco urbano da vila ganhou consideravelmente com o aterro, medindo 473, 30m de comprimento e 74, 35m de largura, contando com duas portagens de dois lanços de escadas e um guindaste. O cais tinha início desde o pilar da ponte e terminava no dique. A população pediu ao rei para reservar este espaço para o recreio e usufruto da paisagem aberta sobre o rio. Posteriormente foi dedicado em homenagem ao Visconde, que fez com que a ponte rodoviária fosse construída na vila de Portimão, e não em Silves (Inácio, 2012, p.35).



Fig. 31– 32 – O Jardim Visconde Bívar, na zona ribeirinha de Portimão.

O Largo 1º de Dezembro

Antigo Largo dos Quarteis, por ter existido o baluarte de Stª Bárbara e um quartel edificado no século XVIII, ocupado por um Pelotão da Tropa de Lagos, junto da muralha no lado sul do Largo virado para o rio.

«Este terreiro de outrora ficava adjacente às antigas muralhas que corriam entre o baluarte de Stª Bárbara e a Porta de S. João. A presença do palacete da família Sárrea Garfias viria impor a reorganização deste espaço.» (M. Ventura/M. Marques, 1993, p.90)

O antigo Palacete Sárrea Garfias, construído antes do terremoto de 1755, no séc. XVIII, de linhas neo-clássicas e alguns vestígios barrocos, está situado em frente ao largo, domina a construção do largo como se pertencessem um ao outro, e assim o é. No séc. XIX passou a chamar pelo topónimo de Praça do Município, porque a Câmara Municipal passou da Igreja do Colégio aonde estava instalada para o Palacete Sárrea Gráfias. A partir da década de 50 do século XX, a Câmara Municipal passou para o Palácio Bívar, e desde 1956 o Largo passou à designação toponímica actual, no Palacete Sárrea Gráfias mudou de funções, onde começou a funcionar o Tribunal, a Biblioteca Municipal, Primeiro Posto dos Correios, Posto de Turismo e a Esquadra da Guarda Nacional Republicana (GNR).

Recentemente foi demolido e reconstruído como Teatro Municipal Tempo, (para dar resposta à falta de teatro que se fazia sentir nesta cidade), como uma réplica mais moderna da fachada do antigo palacete, para poder receber tipos diferentes de eventos culturais. O jardim rectangular em frente, construído em 1931 apresenta um desenho simétrico em todo o comprimento, vence o desnível com uma bela escada, que está ladeada por dois belos candeeiros prateados em estilo Arte Nova, com motivos antropomórficos, de figuras femininas que erguem ao alto belos globos de vidro fosco. Em frente ao centro está situado um pequeno lago com uma fonte de motivo vegetalista ao centro, esta substituiu uma outra, que originalmente inaugurou o espaço foi uma pequena escultura feminina de Bordalo Pinheiro. Este jardim foi ordenado e organizado em harmonia com o Palacete.

CENTRO DE ESTUDOS E MUSEU DE NAVEGADORES E DOS DESCOBRIMENTOS



Fig. 33 – 34 - Um dos candeeiros Arte Nova, e vista actual do jardim com o lago e do teatro Tempo, instalado no renascido Palacete Sárrea Grafias.

O jardim tem três corredores de calçada, dois laterais e um central, com canteiros preenchido por árvores e flores. Nos corredores laterais foram construídos vários bancos de mobiliário urbano, da fábrica de Sacavém, revestidos por painéis de azulejos pintados, da autoria de pintores dessa fábrica, que contam vários episódios marcantes da história de Portugal, dos quais são: A fundação da nacionalidade; A Batalha de Aljubarrota; A Tomada de Ceuta; A chegada de Vasco da Gama à Índia; A Descoberta do Brasil por Pedro Álvares Cabral; A Restauração de Portugal; A Consolidação do Império Colonial Português; A Primeira Constituição Portuguesa; A Outorga da Carta Constitucional; e a Implantação da República.



Fig. 35 – Imagem actual do Largo 1ª de Dezembro, Portimão.

O Parque da Juventude

Situado no Alto do Quintão, construído nos finais da década de noventa, do séc. XX, no âmbito da urbanização dos terrenos de antigas Quintas do Amparo e do Quintão que existiam no local, este terreno localiza-se junto da Avenida São Lourenço da Barrosa, entre dois postos de abastecimento automóvel. Contém um relevo de inclinação relativamente acentuada, difícil de urbanizar, por isso foi atribuído à Câmara Municipal De Portimão para serventia pública.

É um pequeno parque equipado com lago artificial com aves, café/bar e principalmente as rampas destinadas aos desportos radicais, que é a sua atracção principal, com rampas *half-pipe* para as bicicletas BMX, pistas de corridas todo-o-terreno e outros equipamentos, tendo bastante interesse para os adolescentes e para crianças mais novas, com os típicos baloiços, os escorregas e também pequenos animais comas galinhas, os patos e gansos que os pequeninos gostam de ver. Outro ponto positivo a salientar, na concepção deste espaço, foi a consideração no desenho da preservação de algumas das suas árvores originais.



Fig. 36 – 37 - O Parque da Juventude no Alto do Quintão, manteve muitas árvores originais anteriores à sua construção.

O Jardim do Largo Sárrea Prado

Junto à Estação Ferroviária, servia para embelezar e acolher os visitantes que chegavam e partiam de comboio à cidade;



Fig. 38 – 39 - A Estação Ferroviária e o jardim entre esta e a Univ. de Turismo (antigo matadouro).

Com a chegada do caminho-de-ferro até Portimão e a construção da sua Estação, espaço do Jardim Sárrea Prado, foi apenas um simples terreiro até 1947, que depois com o desenvolvimento do transporte de comboio, houve a necessidade de receber melhor os passageiros e turistas que chegavam a Portimão, para isso foi construído este melhoramento paisagístico. Com o passar dos anos foi acrescentado um quiosque, que se tornou um café com esplanada e os toldos, que dá alguma vida ao espaço. Nas últimas décadas com a decadência do transporte ferroviário e a falta de investimento nessa área, o jardim tem vindo a perder dinamismo e elegância, tem sido esquecido pelas entidades responsáveis, e o quiosque/bar também tem demonstrado carências de melhorias, pois não tem condições para executar da melhor maneira aquilo que tem de fazer, necessitaria de ser ampliado, e ficar melhor enquadrado no jardim, pois os clientes não respeitam o relvado para lá chegarem à esplanada da parte Sul. O jardim precisaria de ser revitalizado, precisa de novas árvores, novos bancos para as pessoas, de ser pavimentado, de restaurar o repuxo e o lago central, e talvez introduzir algumas esculturas nos percursos.

O Largo 28 de Maio



Fig. 40 – 41 - Largo 28 de Maio, no Bairro Operário em Portimão, pequeno jardim equipado com instrumentos de exercício de manutenção sénior.

Este espaço público encontra-se no Bairro Operário. É conhecido popularmente pelos nomes Largo do Bairro Operário ou Antigo Largo 28 de Maio, construído no âmbito do planeamento urbano na época do regime do Estado Novo, de forma a colmatar o aumento considerável de população na cidade de Portimão, que vinham do interior algarvio e alentejano para trabalharem nas fábricas. O início das obras começaram a 27 de Maio de 1934 e a inauguração a 14 de Junho de 1936 para habitação social dos operários das fábricas para assim guarnecer as famílias dos operários de melhores condições de vida. E para completar, foi ali próximo do Largo 28 de Maio, construído posteriormente a 1 de Março de 1951, uma Escola-Jardim para os filhos dos operários, (já demolida) o que foi bem articulado com o Largo 28 de Maio, para campo de brincadeiras para as crianças depois da escola e próximo das suas casas. Os pequenos jardins como este e o Jardim do Bairro dos Pescadores, construído na mesma altura, são importantes locais, como ponto de encontro e entretenimento dos moradores no meio do casario, que ajudam a suavizar a densidade da malha urbana. O valor patrimonial das casas aumenta também com a sua localização próximo destes “extras”, contribuindo para que as pessoas olhem para as casas como “os seus lares” e não apenas dormitórios.

O Viveiro de Portimão

Localizado num local de antiga lezíria do rio, nos antigos arrabaldes de Portimão, as suas dimensões foram maiores no passado na sua forma original, mas na década de noventa do séc. XX, perdeu cerca de metade da área do terreno para a construção dos campos municipais de Ténis;



Fig.42 – A actual entrada do Viveiro, 43 – A estufa-fria com tiras de madeira, 44 – Estufa quente em vidro, 45 - Percurso no interior do Viveiro Municipal actual, 46 - Muitas flores e plantas no viveiro.

Com o aumento da cidade de Portimão, actualmente com proporções muito maiores do que quando o viveiro foi construído, não se entende porque em vez de aumentar, o espaço do viveiro foi reduzido para cerca de metade, para conseguir servir uma cidade com estas dimensões, talvez seja uma das razões que contribui para a cidade de Portimão não apresentar mais e melhores jardins pela cidade. Na passada década de oitenta do séc. XX, havia o cuidado de existirem excursões dos infantários e creches para ensinarem aos mais pequeninos, as várias e diferentes espécies vegetais, as visitas às diferentes estufas, os

canais de rega, o tanques dos peixes dourados, etc. Era bastante estimulante no sentido ecológico para ensinar as novas gerações para apreciarem as plantas e as protegerem. Agora já existe a Quinta Pedagógica para esse fim, mas mesmo assim, o viveiro merecia melhores condições e maior área de plantio das árvores e plantas que irão arborizar as ruas e servir de pulmão à cidade

O Jardim das Águas Livres

Construído num antigo terreiro, junto do viveiro municipal (actualmente campos de ténis) e a Sudoeste do Campo de futebol do Portimonense. Depois da construção do Auditório Municipal, do Pavilhão Gimnodesportivo, e da Esquadra da Policia, houve a necessidade de construir um jardim para receber a população que vai ver e participar em jogos ténis, petanca e espectáculos desportivo-culturais, e não só, porque na sua vizinhança estão a Biblioteca Municipal, o Tribunal, parte do ISMAT, Instituto Manuel Teixeira Gomes, o Cinema e a EMARP (Serviços Municipalizados da Água e Esgotos).



Fig.47 - 48 – Imagens do Jardim das Águas Livres, junto ao Auditório e à Polícia.

Espaço com uma área de 5000m², foi construído em 1990, limitado pelo edifício do Auditório a Sudoeste, pela Avenida Miguel Bombarda a Sul, pela Avenida José Afonso a Nascente (a EMARP e a Polícia ficam do outro lado dessa avenida) e o Campo de Futebol do Portimonense a Norte, o Campo de Ténis a Noroeste, e a Poente um parque de estacionamento público gratuito que serve estas instituições da vizinhança. Apresenta a Sul, uma fonte num monólito de betão *acastelado*, de onde jorra as águas, para um sistema de tanques em cascata, que descem a leve pendente do terreno para Norte. Junto dos tanques encontram-se seis painéis de azulejos, que mostram mapas da localidade e do estuário do Arade em seis fazes de evolução. O Jardim das Águas Livres foi construído num terreiro tal

como a vizinha Esquadra da Polícia, o Auditório, o Pavilhão Gimnodesportivo e o Cinema, que devido às suas características planas de antiga lezíria do rio, foi usado para receber até meados da década de oitenta, as feiras, as touradas e o circo. Mais tarde foi urbanizado onde vários serviços públicos já citados estão instalados, como a segurança pública, a justiça, a cultura e o desporto estão presentes.



Fig. 49 - 50 – Dois dos seis painéis de azulejos pintados à mão onde mostram mapas com a evolução secular do estuário e da povoação.

O Jardim na Urbanização da Quinta do Caneco

Este jardim inacabado, inserido na Urbanização da Quinta do Caneco, entre a Rua Sidónio Pais (que a separa dos Bairro dos Pescadores) e da parte superior do desnível topográfico da Falésia, junto à Estrada da Rocha, por trás da Escola Primária do Pontal.



Fig. 51, 52, 53 e 54 – Jardim com parque infantil, relvado e introdução de árvores.

Esta urbanização é recente, surgiu com a construção do primeiro edifício em 2005-2006, embora os arruamentos com o parque de estacionamento, os passeios, o jardim e o parque infantil surgiram uns anos antes, apenas em 2010 houve um aumento de construção de vários edifícios, mas a maioria não foram finalizados por falta de verbas e compradores, que pudessem injectar capital necessário para acabar as obras. A planta consiste numa urbanização de forma triangular com as pontas truncadas, de passeios, estacionamento e o parque infantil já concluídos, menos o jardim que está incompleto, este está apenas à

CENTRO DE ESTUDOS E MUSEU DE NAVEGADORES E DOS DESCOBRIMENTOS

espera da finalização das obras dos edifícios habitacionais, que cercam o jardim e o parque infantil. Este espaço embora incompleto, é interessante, devido ao cuidado do projectista /construtor querer construir uma urbanização de luxo, e para isso necessitou de criar um espaço verde e um parque infantil, no espaço central e percursos arborizados através de eixos que orientam para a paisagem na falésia e seu entorno, para assim criar um conjunto de condições de vida, aprazíveis e acolhedoras, onde o verde esteja presente. O verde dignifica a construção habitacional.



Fig. 55 – Fotografia aérea da Urbanização da Quinta do Caneco em 2010.

O Jardim do Centro Comercial Aqua

Este espaço público, foi concebido no local onde anteriormente existiam as ruínas de uma fábrica, de que apenas restam as duas chaminés em tijolo, circunscritas pelo jardim para conservar a sua memória. Este jardim surgiu na sequência da construção do Centro Comercial Aqua, que dinamizou esta parte norte da cidade, que há muito precisava de investimento, e melhorias na qualidade no desenho urbano. A construção do Centro Comercial Aqua fomentou a fixação de importantes lojas, que por si atraem muitos clientes, de várias zonas da região e assim outros investidores. Para isso deverá existir um espaço que irá equilibrar a construção massiva, que é este Centro Comercial Aqua, o jardim foi projectado num terreno contíguo ao centro comercial, em forma de cunha, tem esta forma devido à passagem de duas estradas de diferentes cotas altimétricas que se juntam numa rotunda e que segue para a cidade de Lagos. Este jardim tanto serve os transeuntes, as pessoas que frequentam o C.C. Aqua, vizinhos dos diferentes bairros sociais, e os clientes das outras superfícies comerciais ali próximas, possui equipamentos para as crianças brincarem, um auditório muito simples e bancos para as pessoas descansarem onde preferirem.



Fig. 56 – 57 – Jardim do Centro Comercial Aqua, com as chaminés que testemunham a antiga indústria.

Este jardim foi uma boa solução urbana para resolver ou melhorar a situação de entropia das ruínas ali estavam, a aplicação do desenho urbano e o enquadramento na envolvência norte da cidade, com o projecto urbano do C.C. Aqua, e melhoramentos nas vias,

estacionamento, espaços verdes, que atribuem qualidade de vida urbana aos moradores, aos clientes e trabalhadores das lojas ali localizadas.

O Jardim da Rocha (junto à Fortaleza)

Este espaço não tem nome oficial. Construído nos anos sessenta do séc. XX, junto à estrada marginal com o topónimo Avenida Tomás Cabreira que acede à Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar, no relevo da falésia este jardim possui uma grande beleza, com os horizontes largos para o mar e a praia, sendo um jardim desnivelado para vencer as diferentes cotas altimétricas, é formado por dois socalcos principais, que desfiam-se em vários percursos, até á praia. Possui um ar intemporal, os seus percursos são delineados por muretes, vasos e bancos, decorados com pedras e conchas recolhidas da praia, e é caracterizado pela sua vegetação local mediterrânica, adequada à presença do mar e ao calor.

«Com o advento das Comemorações Henriquinas, realizadas em 1960, procedeu-se à transformação do velho forte num moderno e turístico miradouro, que engrandeceria toda a marginal da Praia da Rocha...» Mesquita, 2/09/2009,

O relato anterior do advento das Comemorações Henriquinas de 1960, refere-se directamente à transformação da fortaleza e da então Avenida Marginal, actualmente Avenida Tomás Cabreira, entende-se, enfim sem grandes provas, que houve um procedimento especial para abrilhantar a fortaleza e a sua envolvência, considero que o jardim fora criado nessa altura para o miradouro da fortaleza destacar-se ainda mais, tornando-o mais belo e acolhedor.

Actualmente carece de manutenção nas estruturas e canteiros onde estão plantadas as plantas e arbustos do jardim e inclusive sua poda e limpeza. É ideal para as pessoas descansarem depois da praia à sombra das árvores neste local calmo e apreciar a paisagem praia, o mar e o Sol, e devido ao seu formato de anfiteatro é protegido dos ventos norte que passam por cima em direcção ao mar.



Fig. 58 – Cartão postal do Jardim junto à Fortaleza, na Praia da Rocha (na sua origem). Fig. 59 – Cartão postal do jardim para Poente, com a vegetação ainda jovem, nos anos setenta do séc. XX.



Fig. 60 – Pequeno “Altar” mirador destacado do jardim com para a beleza da vista.

O espaço verde público permite que o cidadão sinta bem-estar nas suas atividades quotidianas e de lazer perante o espaço arbóreo. Tendo em mente que o espaço verde público melhora a qualidade do ar dos cidadãos e das cidades, filtrando-o das poeiras, e com a fotossíntese, na produção de oxigénio.

PROJECTO DE REABILITAÇÃO DO LARGO GIL EANES, PORTIMÃO

CENTRO DE ESTUDOS E MUSEU DE NAVEGADORES E DOS DESCOBRIMENTOS



Fig. 61 – 62 - 63 – 64 – Um paraíso até à areia da praia. O único jardim que desce até à praia.
Necessita de alguma manutenção e poda das árvores (imagem actual).

O Jardim no Bairro dos Pescadores

Aparentemente este Largo não tem nome, é bastante sossegado sendo frequentado apenas por moradores locais. Este simpático pequeno largo ajardinado, construído na década de trinta do séc. XX, na mesma altura em que o bairro que o rodeia foi construído, na época do regime do Estado Novo, para modernizar a cidade e atribuição de melhores condições de vida aos pescadores, aos marítimos e às suas famílias. Mantém-se em razoável bom estado, carece de alguma manutenção na condição das árvores e também nas condições do pavimento terroso, para evitar quedas desnecessárias à população local, maioritariamente sénior, praticamente é usado apenas pelos moradores das casas que rodeiam o largo, sendo quase desconhecido do resto da cidade, não é que isso seja necessário, faz sentido apenas para os locais, porque é um largo que localiza-se entre duas vias sem saída (becos), e onde não existem muitos lugares de estacionamento automóvel, além dos moradores.



Fig. 65 - 66 – Imagens do pequeno jardim do Bairro de Pescadores, edificado na época do Estado Novo.

É um espaço desafogado, proporcional ao local, arborizado, bem planeado dentro do possível, com um desenho simples, mas funcional e agradável que contribui bastante para a qualidade de vida da vizinhança, apenas só por terem um local agradável com flores e árvores, onde as pessoas, especialmente os idosos sentam-se às portas de casa ou nos bancos do jardim à sombra ou ao Sol (conforme a estação), e põem a conversa em dia. Consiste numa espécie de achado para o transeunte distraído ou o turista que se aventura por percursos pouco frequentado por turistas

2 | O Museu Naval e o seu Jardim.

Através de uma pesquisa de vários casos de estudo internacionais, estuda-se a arquitectura naval e as influências na estrutura e morfologia arquitectónica de edifícios públicos, para assim entender como estes edifícios resolvem problemas de enquadramento e questões pertinentes construtivas e compositivas.

2.1. Casos de Estudo de Arquitectura Naval

Nemo - Centro Nacional para a Ciência e Tecnologia (Holanda).



Fig.67 - Centro de ciência Nemo, Amesterdão (Holanda).

Autor: Arquitecto Renzo Piano

Local: Oosterdok no centro de Amesterdão, está construído num aterro sobre os alicerces de um túnel rodoviário.

Ano: 1997

Este museu de ciência e tecnologia, erigido no cais, na área de Oosterdok, foi construído de forma em enquadrar-se na envolvente do local onde foi edificado, concebido com uma silhueta semelhante a um navio, rodeado por água, pode ser confundido como tal à distância, e por isso pode fazer confusão no uso público por um museu marítimo. Renzo Piano relaciona com alguma habilidade e humor várias influências na forma do edifício, como a sua localização rodeado de água, o conhecimento e o futurismo, através da forma dinâmica (forma inclinada e naval) neste museu científico. Foi construída uma plataforma aterrada em forma de língua de terra por onde um túnel de trânsito automóvel submerge para debaixo de água, e por cima foi construído o Centro de Ciências Nemo., criando assim

CENTRO DE ESTUDOS E MUSEU DE NAVEGADORES E DOS DESCOBRIMENTOS

um espelho quase simétrico das duas linhas inclinadas, a que submerge e a outra que emerge das águas. Embora este museu, no exterior se assemelhe a um navio, o seu interior é totalmente diferente do que aparenta ser, as suas plantas demonstram ser mais ou menos livres, ou seja existem espaços abertos para o público circular livremente através de dispositivos e demonstrações.

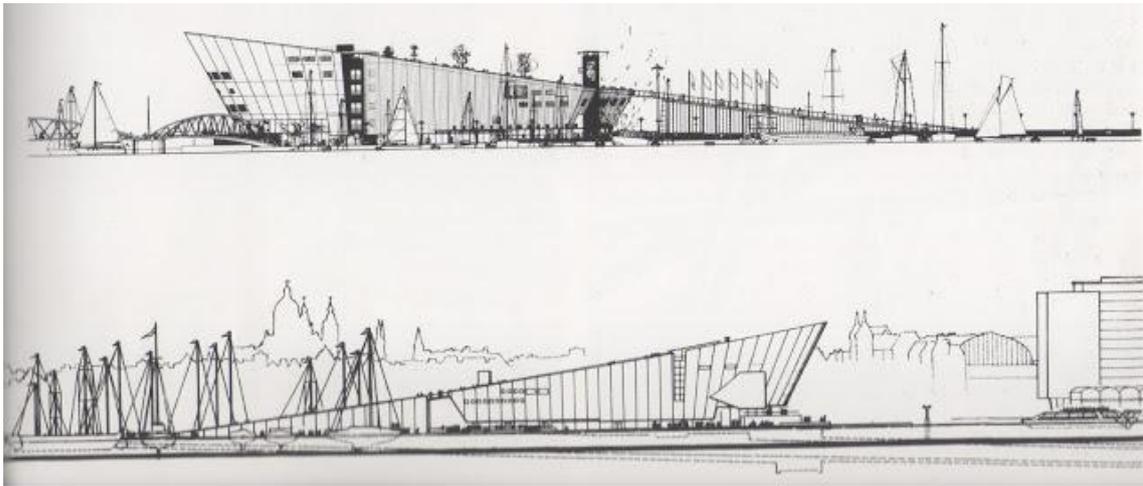


Fig.68 - Alçados longitudinais do Museu Nemo.

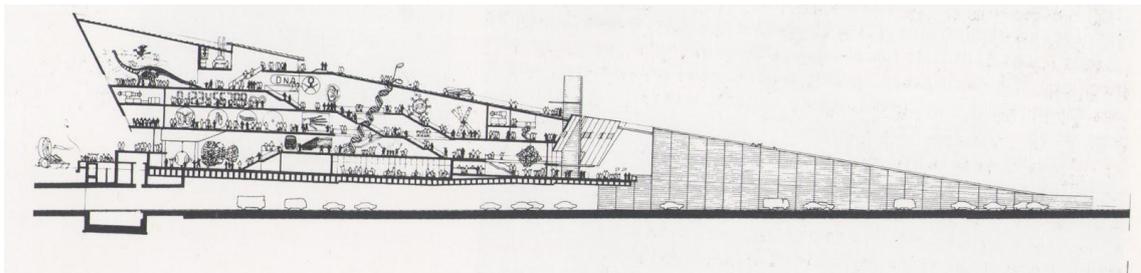


Fig. 69- Corte longitudinal do Museu Nemo e o túnel de trânsito automóvel inferior.

A estrutura deste edifício museológico não tem a estrutura naval que se presume ter, a sua aparente forma naval é apenas uma “casca”, em lâminas esverdeadas de cobre pré-oxidada, e o corpo restante é construído em betão armado. A própria construção do Nemo, no topo de um túnel foi um grande desafio construtivo mas a curvatura do túnel serviu de fundação, onde ficaram instalados os pilares subterrâneos para a sua sustentação

CENTRO DE ESTUDOS E MUSEU DE NAVEGADORES E DOS DESCOBRIMENTOS



Fig. 70 - Plantas dos cinco pisos existentes no Centro Ciência Nemo.

Houve um cuidado na concepção deste museu para não permitir demasiadas distrações da experiência científica que se pretende passar ao público, por isso no percurso interno as paredes são de um cinzento neutro, e as janelas são pequenas e pontuais. Em contrapartida, Renzo apercebeu-se que Amesterdão é uma cidade plana e não existiam miradores altos para contemplar a vista da cidade, resolveu esta lacuna em aproveitar a cobertura, no topo do edifício e instalar um restaurante e uma praça/mirador inclinado para o público, composto de pequenos socalcos, como um anfiteatro orientado para uma das belas vistas panorâmicas da cidade de Amesterdão

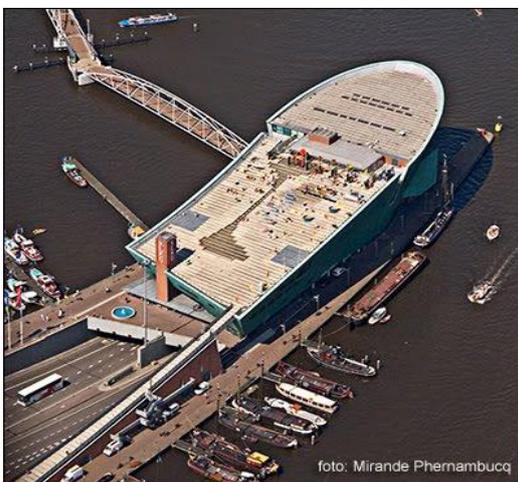


Fig.71 -Vista aérea do Nemo, e a entrada do túnel que submerge.



Fig. 72 Vista aérea de Amesterdão onde se insere o Nemo.

Museu Marítimo Nacional (China)



Fig.73 - Museu Marítimo Nacional da China, a concluir em 2015 – Cox Rayner Architects, 2013.

Autor: Cox Rayner Architects

Local: Tianjin - China

Ano: Projecto concluído em 2013. Intenção de inaugurar em 2015.

Futuro Museu Marítimo Nacional da China (2013), planeado para Tianjin (China), pelo atelier de arquitectura australiano Cox Reyner. Este futuro museu abrangerá uma área de oitenta mil metros quadrados, com o fim de mostrar ao mundo e ao próprio povo chinês, a relação histórica com a sua origem na água, em canais e depois com o seu passado marítimo. O projecto do museu depois de vencer o concurso “World Architecture Festival” em Singapura no passado 2013, está ainda em evolução, está a ser redesenhado para receber cerca de um milhão de artefactos, que o governo anda a reunir rapidamente, para entrar na sua coleção, pois pretende finalizar a obra em meados de 2015, o que nos termos de construções desta dimensão é um recorde de velocidade.

O projecto do museu é constituído por cinco corpos de exposição que irradiarão em direcção ao porto, a partir de uma câmara central, o salão Prefácio, por onde o público começa a visita, cada sala está dedicada a um aspecto diferente do património marítimo da China, por isso cada sala tem uma forma diferente das outras mas com a mesma linguagem expressiva, e que interligam entre si para demonstrar que pertencem ao mesmo ambiente cultural.



Fig. 74 – Visão parcial de uma das cinco salas de exposição.
(Imagem virtual)

O Museu Marítimo Nacional chinês apresenta longas formas escultóricas amorfas e hidrodinâmicas, está projectado para ser erigido através de técnicas mistas de construção, o embasamento e as caves serão em betão armado, forrado a pedra polida e os corpos de exposição com estrutura metálica e painéis tipo sanduiche, com face metálica no exterior na cobertura, com isolamento no meio e madeira aparente no interior. A estrutura dos corpos expositivos assemelham-se às balizas que estruturam o casco de um navio, e os corpos das salas de exposição lembram os cascos de embarcações virados ao contrário, mas com formas destorcidas e amorfas, que recorda a maleabilidade da madeira em contacto com a água. As salas de exposição deverão ser livres para albergar o grande de espólio que anunciam reunir.



Fig. 75 – Perspectiva aérea do conjunto museológico (Imagem digital).

Museu Marítimo de Fremantle (Austrália)



Fig.76 - Museu Marítimo de Fremantle (Austrália Ocidental).

Autor: Brookfield Multiplex.

Local: Fremantle, Australia.

Ano: 2010

Este museu australiano icónico retrata e expõe uma vasta colecção nas suas seis galerias, cada uma delas com um motivo específico: o Oceano Índico; Fremantle e o rio Cisne; Da pequena canoa até ao Iate Austrália II; Marítimo Comercial; Pesca; Defesa Naval. Surgiu como parte de um programa de pormenor para a renovação urbana da zona ribeirinha de Fremantle, vizinha da cidade de Perth (Austrália Ocidental), e foi concebido para servir de ponte entre o passado, presente e futuro, onde expõe muitos artefactos arqueológicos provenientes da grande quantidade de naufrágios do século XVI, no oceano Índico, na costa da Austrália Ocidental, exemplares da segunda guerra mundial e também do passado recente, como o iate Austrália II, campeão da regata Copa América, em 1983. É também um símbolo da abertura da Austrália Ocidental ao mundo, o novo museu localiza-se na foz do

rio Cisne, próximo do local histórico onde desembarcaram o Capitão Fremantle e a sua tripulação e onde a fixou a primeira população.



Fig. 77 - Panorâmica da foz do rio Cisne com o novo museu marítimo no promontório de Fremantle.

O novo museu marítimo australiano foi construído pela empresa Brookfield Multiplex como um marco internacional, apresentando um rico património marítimo da Austrália Ocidental. A mente junta todos elementos e constrói uma semelhança com uma embarcação, com o casco virado ao contrário de forma assimétrica, num estilo desconstrutivista, (de) composto por vários elementos de formas diferentes, sobrepostas e aparentemente desajustadas, que formam um ritmo e uma composição facilmente identificáveis, e a sua localização situa-se no cais como que emergisse da água, usando esta como espelho reflector e elemento primordial da sua génese. Apresenta pilares semelhantes a balizas que estruturam o casco da embarcação, e onde se fixa a cobertura. Apresenta um grande janelão em direcção ao mar que é o fundo do auditório do museu. O museu em homenagem a Gil Eanes, na proposta do projecto para o Largo Gil Eanes, tem um conceito algo semelhante a este de Fremantle, com uma nave marítima inteira a servir de cobertura, (mais próximo de uma realidade ancestral do que este museu de Fremantle), com uma postura semelhante, de barco virado ao contrário como que estacionado a seco nas docas, e ainda no caso do museu no Largo Gil Eanes, é que este está rodeado por um espelho de água, a conectar assim a sua relação com o mar, e a relembrar que o local do museu já esteve submerso pelo rio, e no caso de Fremantle, o seu museu tem também uma associação deste com o mar e a foz rio Cisne, relembrando que os seus fundadores por ali entraram e aportaram.

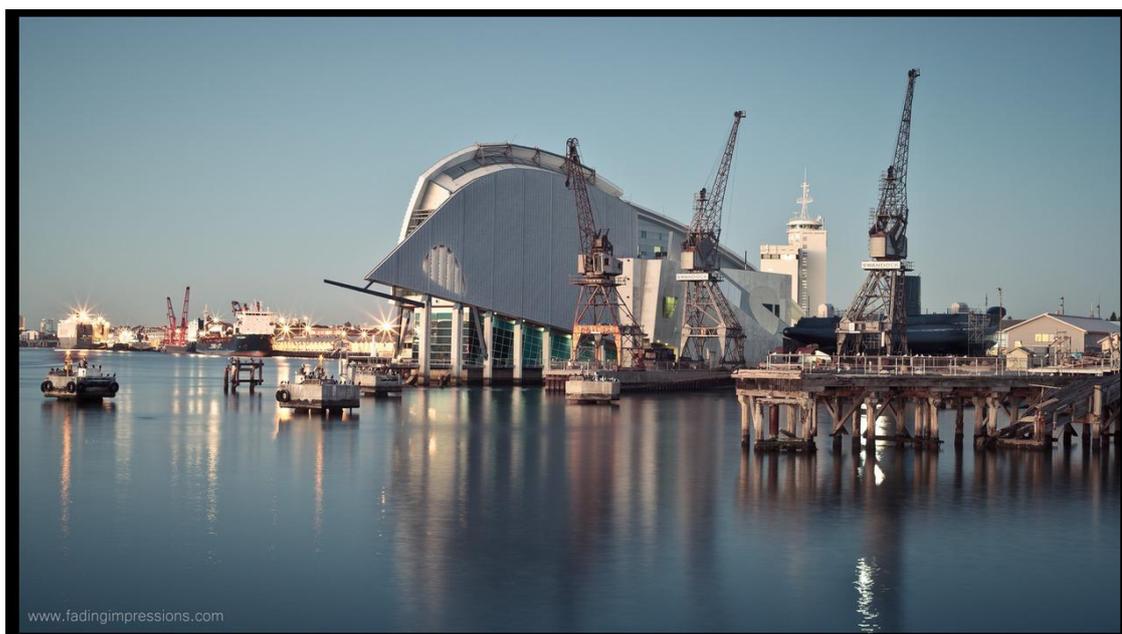


Fig. – 78 - Outra perspectiva do Museu Marítimo, que mostra-se diferente em cada ângulo.

. O desenho do edifício é bastante influenciado pelas formas marítimas. A estrutura sugere não só uma forma curva de um casco; constituído por painéis sanduíche de alumínio composto, com revestimento em zinco foram colocadas em tiras sobre a estrutura de madeira lamelada, as balizas, da mesma forma que os tradicionais barcos são construídos. Para resistir a acção erosiva dos elementos naturais, o telhado, constitui uma membrana única em camadas, foi construído com oito quilómetros de juntas, 45 mil parafusos e 4.000 metros de sistema à prova d'água sem costura.

A forma de construção do Museu Marítimo Fremantle foi inovadora, transmite com sucesso a intenção simbólica do passado, presente e futuro da Fremantle, assumindo-se como uma importante cidade costeira e portuária.

Museu Marítimo Nacional, (Dinamarca).



Fig.79 - Museu Marítimo Nacional, Helsingør (Dinamarca).BIG, 2013.

Autor: Big, (*Bjarke Ingels Group*)

Área: 5000m²

Local: Helsingør, Dinamarca.

Ano: 2013

O Museu Marítimo Nacional em Helsingør na Dinamarca, do *atelier* de arquitectura Big, (Bjarke Ingels Group), empresa sediada em Nova Iorque (EUA), e Copenhaga (Dinamarca). O projecto deste museu suscitou muito interesse com as suas dificuldades na localização e enquadramento entre zonas sensíveis históricas. Para concretizar este projecto, o *atelier* BIG, decidiu uma abordagem marítima e afundar literalmente o museu, para assim obter um

museu subterrâneo. Um dos desafios seria como iluminar o espaço com luz natural? Como seria a entrada e uma fachada impressionante para atrair os visitantes? O terreno destinado ao projecto incluía a doca seca, e foi isto que salvou o problema do desenho e a localização. O museu construído na antiga doca seca no ano 2013, reaproveita as antigas funções industriais da doca com sessenta anos, na forma escavada, mantém o vazio da doca para os visitantes terem consciência das dimensões reais das docas, preservando assim o local e a paisagem. Situa-se entre o castelo Kronborg, que é um dos locais mais importantes do país, e o centro cultural da cidade, sem afectar o *skyline*, não interfere na leitura histórica do local.



Fig.80 - Museu Marítimo Nacional, iluminado à noite. BIG, 2013.

A doca, com sete metros de profundidade, foi transformada num pátio afundado, por onde o museu desenvolve-se em seu redor. Para iluminar naturalmente as galerias subterrâneas deste museu, teve-se de aplicar vidro em quase toda a fachada, para assim abri-lo ao exterior. Sobre o simbolismo do museu, BIG baptizou o seu desenho o «Abismo Urbano», pois definem-no como «o espaço vazio, como um edifício público invertido. Ao invés de uma grande fachada há uma intrigante falta de ostentação no museu marítimo nacional dinamarquês.» Apesar de ausência de volume positivo, não deixa de ser icónico. Construído essencialmente em betão armado e vidro. A parede envidraçada da estrutura da doca em forma de navio, e o pátio exterior afundado estão relacionados com o tema e assuntos do museu, embora não possua estrutura naval propriamente dita. O projecto deste museu por ser subterrâneo, assemelha-se em parte ao projecto do novo Largo Gil Eanes.

CENTRO DE ESTUDOS E MUSEU DE NAVEGADORES E DOS DESCOBRIMENTOS



Fig. 81– Panorâmica aérea do Castelo Kronborg e as suas fortificações, o Museu Marítimo Nacional fica logo abaixo do Castelo, nas docas.

Se o novo Museu Gil Eanes ocupasse apenas o exterior, perder-se-ia espaço útil do jardim em detrimento do museu, e a imagem dos cascos iria perder-se no meio de tanto volumes, perderia legibilidade, daí ter submergido grande parte das estruturas necessárias ao seu funcionamento e manutenção, para não ser demasiada informação visual aos visitantes, porque o jardim com árvores é igualmente apreciado e necessário. Ambas as soluções optam por dar primazia a uma hierarquia no enquadramento do conjunto urbano e desta forma optar por resoluções mais incomuns, nem deixar de manifestar as necessidades culturais locais.



Fig. 82 – Vista do anfiteatro a partir do exterior na doca.

Museu Marítimo Experimental / Aquário – MEMA (Singapura)

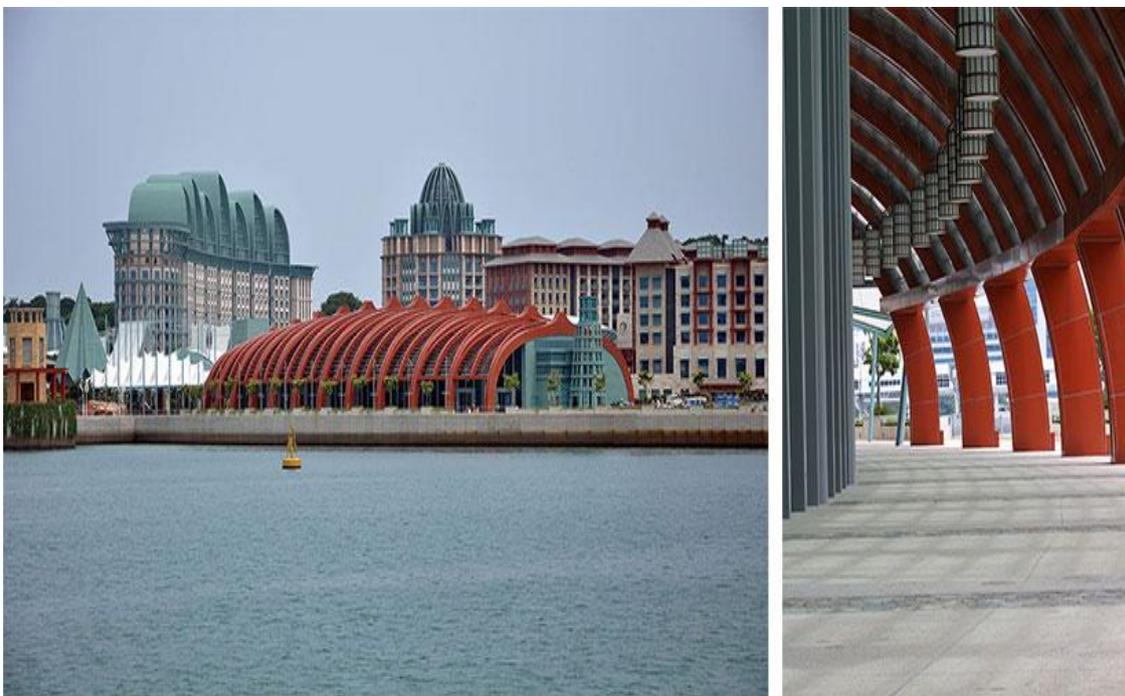


Fig.83 - 84 - MEMA (*Maritime Experimental Museum and Aquarium*) no *World Resorts Santosa*, em Singapura.

Autor: *Crossley Architects Pty Ltd* (Australia)

Área: 8 ha.

Local: *World Resorts Santosa*, Singapura

Ano: 2012

MEMA, é um museu e aquário, formado pela estrutura espinhal semelhante a uma embarcação, virada ao contrário, pousada no cais. O jeito como este museu/aquário apresenta-se, pousado junto à água no cais, é uma forma de homenagear a relação cultural daquele povo com o mar e suas relações com o exterior. A forma do edifício, a forma curva das colunas, o seu ritmo e as transparências da fachada assemelham-se à solução atingida

para o novo museu no Largo Gil Eanes e as suas relações interior e exterior na sua envolvência também.

A relação intrínseca entre as pessoas com a forma do edifício é semelhante pois reaviva o seu contacto com o mar e a sua relação histórica e o seu contacto com o mundo. O museu Mema, apesar de possuir uma forma icónica, o museu não é apenas a estrutura naval que se assemelha com um navio, mas também toda a parte invisível, subterrânea e submersa que maravilha os visitantes com tal experiência subaquática. Este museu além de mostrar o lado biológico e ecológico pretende expôr a histórica viagem do explorador chinês Zheng He com o objectivo de estabelecer uma rota da seda marítima da China para África e península arábica no século XIII. Tal como o novo museu do Largo Gil Eanes, pretende contar a viagem deste navegador e dos seus predecessores.



Fig. 85 – Perspectiva aérea do enquadramento do museu no *World Resort Santosa*.

O *Resort World Santosa Marinha Life Park* (RWS) contratou a empresa australiana Sunshine Coast's Aquatic Environment Systems Pty Ltd (AES), especialistas em sistemas de vida aquáticos com Crossley Architects Pty Ltd para fornecer serviços de *design* especializado e documentação do aquário. Estes serviços estavam incluídos na colaboração com os arquitectos do projecto para o plano mestre da instalação global do projecto de suporte de vida e sistema de piscinas, para elaborar um projecto arquitectónico e de exposição pública, com painéis de visualização e túnel de acrílico, cenários submersos com especialidade em impermeabilização do aquário.

O parque contempla alguns dos maiores aquários marinhos no mundo, com cerca de oitocentas espécies de animais marinhos, e tem como foco a educação e alargar o

conhecimento sobre os oceanos, para isso foi instalado o maior painel de visualização acrílica no mundo, e que foi projetado para operar em dois níveis, o parque oferece duas experiências ao visitante de formas distintas e separadas, a experiência “seca” e a experiência “molhada”. No nível abaixo, existe um aquário como experiência de classe mundial onde os visitantes do Museu Marítimo (MXM) são conduzidos de forma “seca” numa viagem subaquática num percurso transparente até ao maior tanque de habitat em oceano aberto, e volta ao museu novamente num percurso com uma série de exposições de ambientes ecológicos e também históricos. A Totalidade de painéis de acrílico de RWS excede as 500 toneladas, e o volume total de água do parque é de cerca 45 milhões de litros, tornando-se um dos maiores parques deste tipo no mundo.



Fig. 86 – Percurso no interior de um tanque oceanário através de um túnel em acrílico, no WRS.

O museu marítimo apresenta uma série de experiências através de um teatro multissensorial para um ensino interactivo. Cam Crossley, arquitecto director do gabinete de arquitectura Crossley Architects, sobre o museu marítimo e aquário do WRS:

«...Ele pode contar a sua própria história. Ela inspira. Muitas vezes um aquário torna-se um edifício icónico de sua localidade. Isso pode ser em parte devido ao seu carácter arquitectónico mas o mais importante é devido ao reconhecimento do seu lugar e da maneira em que abraça este, a sua cultura local, o património e as tradições na sua relação com o meio ambiente local...»

Crossley página web acedida em 20 de Dezembro 2014

(<http://www.crossleyarchitects.com/?q=projects/resorts-world-sentosa>)

Estaleiro centenário das docas de Chatham, Kent do Norte (Inglaterra).

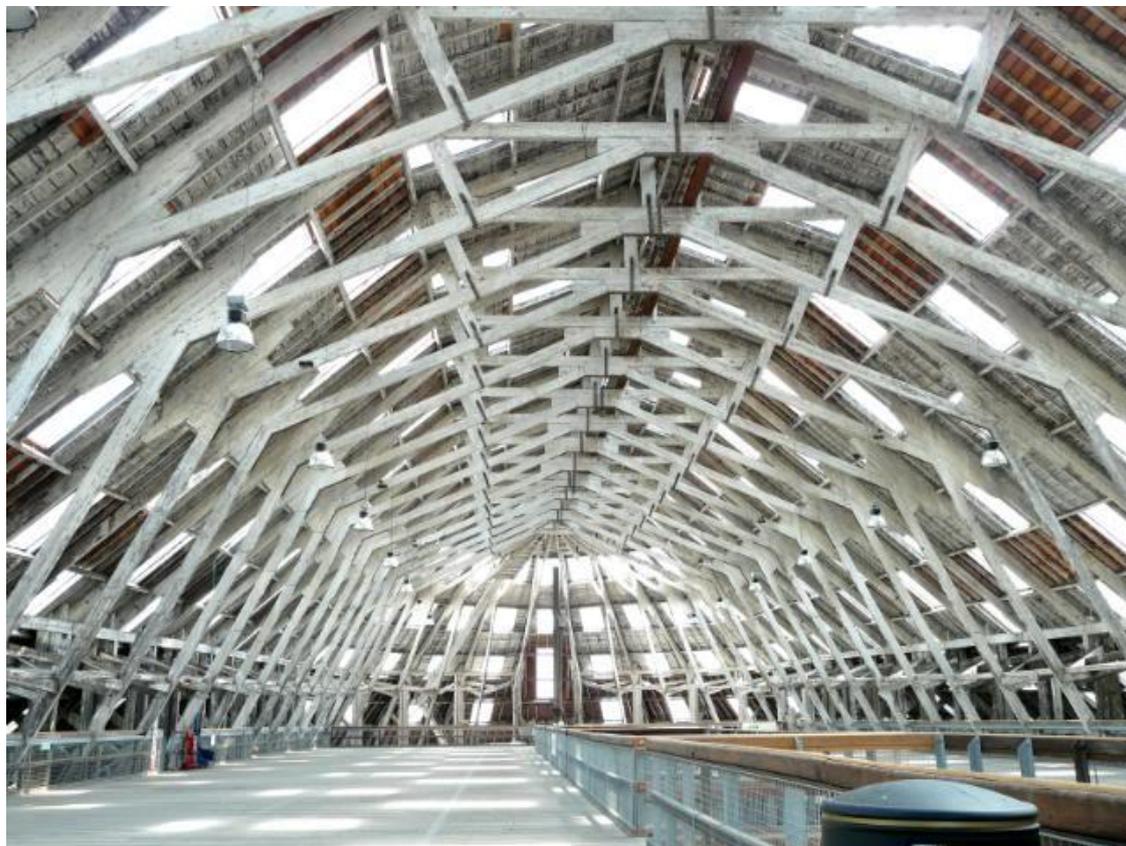


Fig. 87 - Interior do barracão, agora remodelado e transformado em museu.

Local: Estaleiro Real em Chatham, junto ao rio Medway, Kent do Norte - Inglaterra.

Ano:1838

Este grande edifício, é uma espécie de hangar deslizante, que foi construído em 1838. Esta foi na altura da sua construção a estrutura de maior envergadura da Europa. Foi concebido para proteger a doca seca onde decorriam os trabalhos de construção de navios em madeira, evitando assim o seu apodrecimento antes de este ser lançado ao mar. Os primeiros Hangares deslizantes mais antigos já não existem, o primeiro foi demolido nos finais do séc. XIX e o segundo sofreu um incêndio que o destruiu em 1966. Este hangar n.3 tinha inicialmente a cobertura em madeira forrada com papel alcatroado, que foi rapidamente substituído por um telhado de zinco. Constituído com uma moldura de madeira

CENTRO DE ESTUDOS E MUSEU DE NAVEGADORES E DOS DESCOBRIMENTOS

maciça, e postes também de madeira com secção quadrada, com bases de ferro e joelhos, braços diagonais, para vigas principais suspensas que se estendem para sobrepor os corredores. Os hangares nº4, 5 e 6 construídos em 1848, e o nº7 de 1852, estes últimos são já diferentes porque foram construídos conforme as novas técnicas de construção de edifícios metálicos iam evoluindo. Estas estruturas são de importância única na evolução da construção de estruturas de grandes cargas, que mais tarde foram usadas pelos caminhos-de-ferro. Em cerca de 1900 a doca foi uma parte aterrada e um mezanino de aço foi adicionado e tornou-se uma casa para armazenar baleeiras e outros barcos de pesca. Este “hangar” atraiu a minha atenção porque o seu interior tem uma imagem muito aproximada do interior do novo museu da proposta para o Largo Gil Eanes, o seu exterior nem tanto, pois demonstra uma forte imagem industrial de construção e reparação de navios da marinha real britânica, de que foi no passado, e não a forma naval invertida propriamente dita. A forma da estrutura e as entradas de luz natural aproxima-se da imagem da nave do museu proposta, por ser uma forma autoportante, livre de pilares a meio do vão, para que as grandes embarcações estivessem no seu interior protegidas das intempéries do clima britânico. No caso do museu do Largo Gil Eanes, como igualmente aconteceu neste hangar, que foi adaptado para exposições, servirá para criar um espaço de planta aberta, próprio para exposições de grandes artefactos, réplicas ou mesmo exemplares originais, para que os visitantes possam circular em redor dos artefactos e por cima através de um percurso aéreo, e assim terem outra percepção do espaço interior.



Fig.88 - Exterior do hangar deslizante N.º3, no cais centenário de Chatham, em *North Kent* (Inglaterra).

O Olho da Tempestade - Centro de Artes Performativas de Seul (Coreia do Sul).



Fig.89 – Proposta de Centro de Artes Representativas, em Seul.

Autor: Vicent Callebaut

Local: Seul - Coreia do Sul

Ano: 2005

Chamado “Olho da Tempestade”, este Centro de Artes Performativas, foi idealizado pelo arquitecto visionário belga Vicent Callebaut em 2005, no âmbito de um concurso internacional, para integrar na ilha Nodeul, a meio do rio Hangang, que atravessa a cidade de Seul. Esta ilha é atravessada por uma ponte de uma via rápida, que por onde passam milhares de carros por dia, tendo por isso a necessidade de uma atenção especial para proteger os espectáculos e a envolvência da ilha das baixas frequências do ruído do trânsito, da via rápida. Este belo centro cultural, de grandes proporções, é imaginado de

forma elíptica alongada, semelhante a um navio futurista, sem quilha, que abrange grande parte da ilha, em que esta é transformada num pedestal, em que a estrutura do centro cultural parece que pousa na ilha no meio do rio. São construídos muros e passeios limítrofes que circundam os espelhos de água em redor do edifício, dando a ilusão como se estivesse a flutuar, anulando assim a imagem de ilha, transformando-a num navio futurista ou nave futurista ancorada no rio, foram planeados percursos que acedem aos passeios pedestres da ponte, estes são iluminados à noite por dezenas de luzes tipo LED, com uma luz muito brilhante em redor da ilha.

Na sua composição, o edifício seria construído em redor da ponte e via rápida, envolvendo-a com um túnel largo, de onde deverá existir uma rotunda de pistas largas que distribuem ramais para ambos os lados, para visitantes, logística, e funcionários. Existem duas salas de espectáculos principais em cada lado da via, uma das salas é destinada para óperas e outros espectáculos de grandes dimensões, com cinco palcos e capacidade são para mil e quinhentos lugares sentados, e a outra sala para concertos, no lado oposto, também para mil e quinhentos lugares sentados, cuja sua forma é género de anfiteatro. Entre essas salas estão localizados duas unidades preparadas com anexos para salas destinadas a ensaios e recitações, oficinas de actividades, instalações sanitárias públicas, escritórios e espaços técnicos, no exterior estará uma arena, que lembra o coliseu romano, para eventos ao ar-livre, que podem alojar cerca de seis mil pessoas, e estarão protegidas dos ventos por uma membrana laranja de policarbonato, e pelas paredes das duas salas principais, localizando-se mesmo por cima da rotunda de trânsito. Por cima das grandes salas no último piso ficarão os bares e restaurantes perto da arena, dando-lhe apoio ao público.

A envolver as salas de espectáculo estarão os acessos com as galerias laterais pedonais e escadarias envidraçadas, que vencem as cotas altimétricas e acedem às entradas das várias salas, e à cobertura à arena, daqui os visitantes poderão admirar as vistas panorâmicas para o rio e a cidade de Seul. As galerias são envolvidas por uma estrutura de pilares hiperbólicos com uma malha semi transparente laranja, de policarbonato transparente que salta à vista na fachada, e dá um carácter especial ao edifício, esta malha funciona como filtro que atenua a luz solar, permite sombreamento e privacidade conferindo rigidez à estrutura e que permite regular a temperatura consoante as estações do ano.

Ao comparar com o novo museu do Largo Gil Eanes, constatamos que ambos são edifícios culturais, que têm uma ligação cultural com a água, e apresentam uma imagem naval. Mas este edifício não será um museu, nem terá materiais e estrutura naval, mas ambos têm auditórios e salas para eventos culturais, e serão destino para os tempos livres e de lazer das populações.

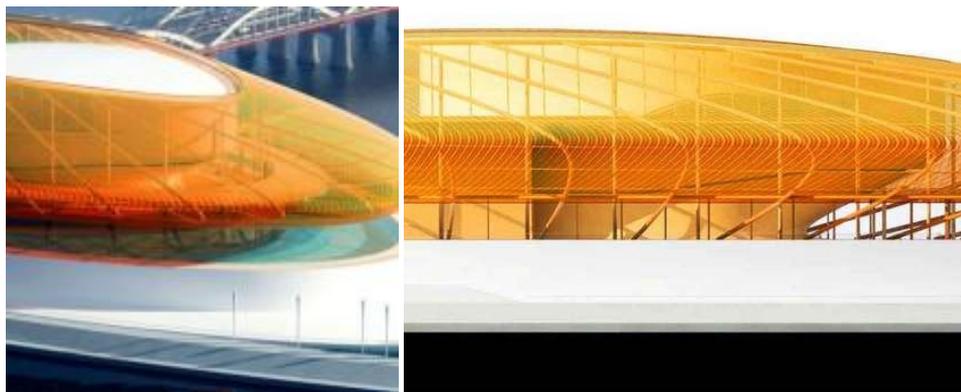


Fig. 90 - 91 – Pormenores da estrutura das galerias pedonais e a sua membrana de policarbonato transparente laranja.



Fig. 92 – Exterior do edifício junto dos lagos e passeios exteriores. Pormenor das vigas elípticas.

Museu do Folclore Marítimo de Toba - Japão



Fig.93- Vista exterior de parte do conjunto dos vários edifícios museológicos de Toba.

Autor: Arquitecto Naito Hiroshi & Associates Hiroshi Naito

Local: Uramura, Toba (Japão).

Ano: 1993

A fundação do Museu do Folclore Marítimo de Toba foi em 1971, para preservar o conhecimento, a história do folclore e a tradição piscatória de Toba. Este museu japonês, Museu do Folclore para as Artes e Técnicas de Pesca de Toba, (*Toba Sea Folk Museum*) do arquitecto Naito Hiroshi, concluído em 1989. Demorou mais de 6 anos para planear e construir o novo espaço, que actualmente possui uma colecção de cerca de seis mil artefactos, que retracts a vida e costumes desta região japonesa. O museu de pesca foi construído em Uramura, fora da cidade de Toba. O emprego dos materiais construtivos como a conjugação do betão armado com cofragens lisas, para as paredes semienterradas da estrutura base, que suportam a estrutura superior a madeira laminada aparente, nas treliças que apoiam a cobertura em direcção ao céu, com cerca de 18,50m (60,7 pés) de

largura, permitem a entrada de luz zenital através da claraboia central, “na quilha” que ilumina as suas madeiras inundando o ambiente interior com os tons naturais da madeira, conseguindo assim uma atmosfera muito mais leve, convidativa e acolhedor.

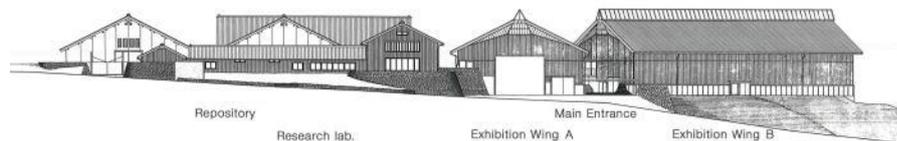


Fig. 94 – Nave museológica em madeira, despida de artefactos, quase se assemelha ora a uma embarcação ora a um templo.



Fig. 95 – Vista exterior desenhada, da distribuição no terreno dos vários edifícios que pertencem ao Museu Marítimo de Toba.

É algo semelhante em alguns aspectos com a minha proposta, na forma interior e da estrutura dos pilares curvos que dão forma ao tecto das naves, dos vários edifícios que compõem o museu, estas lembram instantaneamente o interior de um casco de navio invertido. Contudo o seu exterior é diferente da minha proposta, porque esta assume as formas prismáticas e telhados de duas águas comparáveis com os edifícios tradicionais japoneses, onde à primeira vista a linguagem exterior não reflecte a mesma linguagem interior, o visitante é surpreendido ao abeirar no seu interior, e deparar-se com uma cobertura e o seu vigeamento curvo, semelhante ao interior de uma embarcação invertida. Noutro edifício, na sua nave de exposição o seu ambiente é escuro, fechado, interior, não

existe entrada de luz natural, não há transparências, nem existe um contacto visual entre o interior e exterior, como se o tempo ficasse parado para os elementos que estão expostos. Porém o padrão de vigamento e treliças é análogo aos outros edifícios, mas neste caso em vez da madeira laminada, é substituído por betão armado, mas que mantém a mesma leitura.

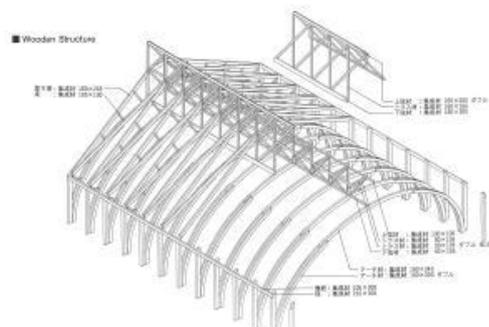


Fig.96 – Esquema em perspectiva das vigas utilizadas na cobertura da nave do museu.



Fig.97- Pormenor construtivo do vigamento em madeira que suporta a cobertura, de outra nave do museu.



Fig. 98 - Vista interior da nave de exposição das embarcações.

2.2: Casos de Estudo de Parques e Jardins Emblemáticos

O jardim do Largo Gil Eanes poderá ser um representante ecológico-cultural da vegetação vernacular portuguesa em Portimão, e também com exemplares de árvores e plantas trazidas de outras partes do planeta que irão simbolizar as descobertas dos novos mundos.

As árvores naturais do território português escolhidas para serem transplantadas sobre a laje, num caixão depositário de terra, serão as figueiras, os cedros, carvalhos, sobreiros, azinheiras, alfarrobeiras, as amendoeiras, uma maneira de homenagear as nossas belas árvores locais.

As exóticas podem ser a borracheira, a palmeira, o cafezeiro, a seringueira, o ipê branco, o ipê rosa, e o ipê amarelo, com cores que irão criar uma policromia muito bonita e convidativa, para a cave serão os plátanos por serem árvores altas e de crescimento mais rápido.

Todas as árvores da cidade fazem parte da chamada Floresta Urbana, que compõem as ruas, os jardins, os terrenos baldios, as várzeas, barrancos e terrenos privados.

Elas, as árvores são únicas com os seus processos naturais inerentes a si, de fotossíntese, sombreamento, estabilizador de terrenos com as suas raízes, estabilizador de temperatura e humidade, proporcionando a criação de microclimas, o aproveitamento das águas da chuva, redução do ruído, poeiras e poluição pelas folhas, ramos e troncos, com a absorção de CO₂, para o seu próprio crescimento, contribuindo na melhoria do bem-estar físico e psicológico da população humana e animal (nossos animais de estimação e selvagens).

Apresentarei alguns casos de estudo de jardins, que contribuíram na reabilitação nos locais onde existem, foram criados para melhorar o ambiente desses espaços urbanos e permitir que as populações não necessitem de fazer grandes deslocações para poder estar em contacto com a natureza.

O Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa).



Fig.99. – Estátuas de Calouste Gulbenkian e o deus egípcio Hórus com o edifício da fundação atrás

Autores: Gonçalo Ribeiro Telles e António Viana Barreto

Área: 7.5 ha

Local: Lisboa

Ano:1963 - 69

O Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, foi desenhado e construído pelos arquitectos paisagistas Gonçalo Ribeiro Telles e António Viana Barreto, na sequência da construção da sede da fundação, estando em constante diálogo e colaboração com os arquitectos, engenheiros e projectistas da sede, auditório e museu, espaço verde que circunda todo a construção inerte, em que foi aproveitadas uma boa parte das árvores que existiam anteriormente do antigo parque e quinta que foram anteriormente nesse local.



Fig.100 - Escultura existente no jardim da Fundação Calouste Gulbenkian, (lago e repuxo em segundo plano) Lisboa.

Este é um dos melhores exemplos de arquitectura, que serve uma população, em que foi tomado em consideração o equilíbrio das linhas horizontais dos edifícios e o espaço vivo, ou seja o jardim, a idealização e construção do jardim, não foi considerada uma arquitectura paisagista de espaços sobrantes, que infelizmente acontece muito, um pouco por todo o lado.

Aqui é o local onde se conseguiu complementar arquitectura, civil e paisagista, arte, e pedagogia, de uma forma tão bem integrada. De facto sente-se uma harmonia muito boa e convidativa ao entrar no recinto, pois sente-se um ambiente que respira a arte e amor à natureza, e apesar de ter um museu com peças de arte de várias culturas antigas, e outras mais recentes com grande qualidade, existe uma áurea de dinamismo e investimento, em alunos com boas notas e boas ideias e projectos, nas novas técnicas e expressões artísticas e científicas. É deveras inspirador, não é por acaso que em 2010 foram considerados monumentos nacionais o edifício da sede e o parque Calouste Gulbenkian, devido ao interesse e impacto da população portuguesa

CENTRO DE ESTUDOS E MUSEU DE NAVEGADORES E DOS DESCOBRIMENTOS



Fig.101 - Fundação Calouste Gulbenkian, (vista aérea) Lisboa.

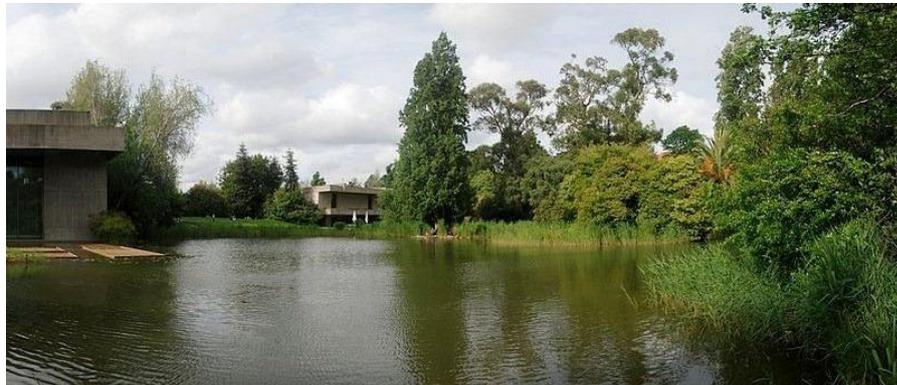


Fig. 102 - Fundação Calouste Gulbenkian, (vista parcial do auditório, lago e o jardim) Lisboa.

Parque da Cidade (Porto).



Fig.103 – Vista aérea da extensão do Parque da cidade do Porto.

Autor: Arquitecto Sidónio Pardal

Área: 83 ha

Local: Território fronteiriço da cidade do Porto com a cidade de Matosinhos

Ano: 1993

O Parque Cidade do Porto é o maior parque urbano do país com os seus oitenta e três hectares, e dez quilómetros de caminhos, foi projectado pelo arquitecto Sidónio Pardal e inaugurado em 1993. O parque integrado no tecido das cidades do Porto e Matosinhos, com o seu relevo e modelação do terreno, com lagos, rochedos, a sua fauna e flora variada, demonstra que conseguiu-se um nível bastante sofisticado, que os visitantes nem se apercebem que estão cercadas por uma área densamente povoada- O parque apresenta outros equipamentos complementares, como o Pavilhão da Água, trazido para o Parque da

cidade, após ter sido um dos pavilhões temáticos da Expo 98, em Lisboa, e um dos que foi mais visitado.



Fig.104 - Pavilhão da Água, no Parque da Cidade do Porto.

O edifício desenhado pelos arquitectos Alexandre Burmester e José Carlos Gonçalves, foi projectado para criar a ilusão de estar suspenso no ar. No seu interior, uma equipa liderada pelo físico Nils Hornstrup e pelo *designer* Peter Claudell vêm da *Experimentarium*, da Dinamarca, formar experiências e conjunto de jogos de cor, luz, e som, que produzem efeitos, simulam acontecimentos, e explicam fenómenos, com a única fonte energética através do movimento da água. Este equipamento é ideal, para experimentar e demonstrar a importância da água, e as suas aplicações diárias, lúdicas e científicas. Tendo sido oferecido à Câmara Municipal do Porto pela UNICER, e está desde Dezembro de 2002 instalado no Parque da Cidade, a ser administrado pela empresa municipal Águas do Porto. Além do Pavilhão da Água, existem outros equipamentos existentes no Parque, como o Aquário privado Centro do Mar Vivo, aberto ao público desde de 2009, perto da rotunda do Castelo do Queijo. Existe também o Queimódromo, baseia-se num recinto adjacente ao Parque da Cidade, onde acontecem eventos esporádicos. O espaço recebeu a Feira Popular do Porto, até ao seu encerramento e actualmente é utilizado para comemorar as Queimas das fitas da Federação Académica do Porto, e serve também de apoio ao Circuito Urbano da Boavista. Existe também o Queimódromo, baseia-se num recinto adjacente ao

Parque da Cidade, onde acontecem eventos esporádicos. O espaço recebeu a Feira Popular do Porto, até ao seu encerramento e actualmente é utilizado para comemorar as Queimas das fitas da Federação Académica do Porto, e serve também de apoio ao Circuito Urbano da Boavista.



Fig.105 – Vista aérea do Parque da Cidade na direcção do Mar.



Fig.106 Parque da Cidade, onde se assoma a cidade de Matosinhos.

Existe também o Queimódromo, baseia-se num recinto adjacente ao Parque da Cidade, onde acontecem eventos esporádicos. O espaço recebeu a Feira Popular do Porto, até ao seu encerramento e actualmente é utilizado para comemorar as Queimas das fitas da Federação Académica do Porto, e serve também de apoio ao Circuito Urbano da Boavista.

Jardim da especulação Cósmica, (Escócia, Reino Unido).



Fig.107 – Colina com caminho em espiral,

Autor: Arquitecto Charles Jencks e esposa Maggie Jencks

Área: Propriedade tem um total de 30 ha

Local: Sudoeste da Escócia

Ano:1989 – 2007

Inspirados pela curiosidade pela ciência, leis da natureza e algum humor transpuseram para o terreno combinações de arquitectura, paisagem, escultura, ciência, cosmologia e filosofias tradicionais e modernas da Natureza, o resultado foi um dos mais importantes jardins criados recentemente na Europa, que celebra o nosso lugar no universo, segundo palavras de Jencks. Sua intenção é ir além da beleza superficial do local, que apela aos cinco sentidos, através de diálogos entre nós visitantes, a Natureza, o Universo e a matemática que nos compõe.



Fig.108 – Imagem fantasiosa do Jardim da Especulação Cósmica, Escócia.

Aborda questões bastante contemporâneas, de ciência da complexidade, do caos, de fractais, buracos negros, ADN, e conceitos de espaço e tempo, assuntos discutidos com os seus amigos cientistas e estudiosos destas matérias. Estes temas são abordados através da manipulação e modelação da paisagem e a localização de esculturas, mais algumas formas individuais, o local é todo em si uma verdadeira escultura que comunica com quem o visita, e convida à reflexão da vida, destes fenómenos naturais, através de metáforas sobre o papel do Homem no meio do universo.

«O Jardim de Especulação Cósmica é uma paisagem de ondas, curvas e dobras, um padrão de paisagem projectada para relacionar-nos com a natureza através de metáforas.» Charles Jencks.

A construção foi sendo feita ao longo dos anos, e no início não havia intenções de abordar as questões de leis científicas nem do universo, mas apenas escavar um lago para os filhos nadarem, mas durante a construção de outras partes do jardim, Maggie adoeceu, com um cancro da mama que tinha superado no passado, mas que voltou de forma inoperável, alastrando-se pelos fígado e ossos, os médicos informaram que morreria em três meses. Foi um prognóstico difícil de aceitar, e não aceitando o fim próximo, Maggie e Charles procuram alternativas medicinais à terapêutica hospitalar de químicos, e combinaram esforços de várias terapias diferentes, em que usaram a sua energia e imaginação para que Maggie como paciente sentisse um empoderamento com o seu envolvimento activo na sua cura, em que ela aprendera técnicas para não perder a alegria de viver através do medo de morrer, outra abordagem foi de recolher-se em sítios específicos para recuperar de más notícias ou

tratamentos debilitantes, como os jardins de cura da Califórnia, com serviços de informação e referência.



Fig.109, 110, 111, 112, 113 – Pormenores de partes do Jardim da Especulação Cósmica.

Foi um prognóstico difícil de aceitar, e não aceitando o fim próximo, Maggie e Charles procuram alternativas medicinais à terapêutica hospitalar de químicos, e combinaram esforços de várias terapias diferentes, em que usaram a sua energia e imaginação para que Maggie como paciente sentisse um empoderamento com o seu envolvimento activo na sua cura, em que ela aprendera técnicas para não perder a alegria de viver através do medo de morrer, outra abordagem foi de recolher-se em sítios específicos para recuperar de más

notícias ou tratamentos debilitantes, como os jardins de cura da Califórnia, com serviços de informação e referência.



Fig.114 – Imagem aérea do jardim do ADN, (parte do Jardim da Especulação Cósmica).

Maggie e Charles frequentaram vários jardins de cura, a partir deste somatório de experiências, Charles e Maggie acreditaram que a arquitectura com os jardins foram um importante factor no processo de cura, e no prolongamento substancial da vida de Maggie, de três meses para dois anos. Charles cumpriu a promessa de acabar a construção do jardim. A descrição da história da origem deste jardim, é importante como lição de vida e um exemplo que ajuda a compreender o quanto um bom jardim pode fazer na qualidade de vida de nós seres humanos que na maioria sobrevive em condições bastante questionáveis de qualidade, sem conhecer outro ambiente melhor. O exemplo deste jardim, por ser original na abordagem tridimensional do lugar, que estabelece uma qualidade meditativa, provocando perguntas a quem o visita, e quiçá respostas também, é um excelente exemplo para no futuro criar espaços verdes que comuniquem silenciosamente aos visitantes, com criatividade e temáticos para que estes tenham uma boa experiência. A intenção do jardim do novo museu do Largo Gil Eanes é receber os transeuntes e visitantes do museu como num oásis, com oferta de cultura, história e gastronomia, além de convidar a parar e descansar. (nem que seja momentaneamente).

Não sendo transcendentalista, reconheço igualmente como o arquitecto Frank Lloyd Wright afirmava quando falava da relação entre nós e a natureza, que a natureza é sagrada e é como uma extensão de nós humanos, a que pertencemos intrinsecamente, é dela que surgimos e tornamo-nos quem somos, rebelamo-nos, como um filho ao crescer, deseja a independência, e que virou a costas aos pais, afastou-se e esqueceu-se das suas origens, e de quem realmente ele é, assumindo uma posição egoísta e dono do planeta, sem nenhuma responsabilidade nas consequências dos seus actos. Infelizmente só depois de destruir e experimentar muitas vezes é que se apercebeu que o original era muito melhor, e como disse o arquitecto Siza Vieira, na construção das piscinas de marés em Leça da Palmeira, em Matosinhos (Portugal), que para preservar temos primeiro de destruir para depois (re) construir de forma mais criteriosa.

2.3 A relação de Arquitectura Naval e o Jardim com água.

O principal elemento da arquitectura da paisagem na reabilitação do espaço público do Largo Gil Eanes, é a Água, como elemento primordial no desenho urbano e arquitectónico na busca da identidade de um povo com o mar. O espelho d'água, estabelece uma união histórico-cultural local com o mar. Pode-se falar de uma união "local", em referência ao Algarve em geral, como a região de Portugal mais a Sul.

A referência cultural não se resume apenas da ligação do ponto de partida para a descoberta de um mundo desconhecido, mas também com a chegada anterior de muitos séculos antes, de outros povos vindo através do mar, de outros pontos do mundo, como os fenícios, cartagineses, gregos, romanos, vikings, e árabes, com o seu comércio, culturas e guerras, que moldaram o carácter do povo local através de séculos de gerações, que levou a uma relação mais intrínseca com a maioria da população, porque esta está ou esteve ligada directa ou indirectamente a alguém que viveu, trabalhou, sofreu e morreu no mar, como pescador, marinheiro, mariscador, em fábricas de conservas, e mais recentemente em desportos aquáticos e turismo aquático.

Ao longo da história, o homem tem demonstrado múltiplas maneiras de introduzir a água no desenho de jardins. Desde a criação dos míticos jardins suspensos na Babilónia, como marcou de forma tão visível a antiga cultura egípcia, a capacidade exímia dos romanos na

construção de elementos arquitectónicos no aproveitamento e transporte da água, que perduraram até aos nossos dias, como as pontes, os aquedutos, as saunas, as piscinas e tanques, as fontes, e os restos de portos magníficos. A evolução do jardim árabe, em que a escassez de água proporcionou evoluções sofisticadas, da maneira como se trata um líquido tão precioso. No Renascimento italiano, a água era um elemento abundante, conjugado com a topografia acidentada, traduziu-se em elementos dinâmicos, dramáticos e eloquentes como cascatas, fontes, tanques que contribuíram para criar pontos focais. Durante o barroco francês, os franceses tentaram reproduzir efeitos dinâmicos na paisagem plana, foi um desafio que originou a criação de várias tecnologias e sistemas hidráulicos aplicados ao desenho de jardins. Por outro lado, o jardim romântico inglês, procura reproduzir formas naturalistas incluídas no desenho dos seus jardins.

Actualmente há uma demanda, uma necessidade do público esclarecido e interessado pelas questões ecológicas, e pela da preservação da paisagem como um bem comum que precisa de ser defendido, para não ser usufruto de apenas de alguns mais abonados. A presença de água, contribui imenso na criação de grandes e belas paisagens, o Homem, para corrigir a falta em locais que não existe esse elemento tentou repetir esse factor de modo artificial, na criação de fontes, barragens (grande, média e pequena envergadura), tanques e percursos de água, além de ser bastante útil em locais de carência, continuam a ter um aspecto escultórico e decorativo, mas que nos dias de hoje não se limitam às classes abastadas mas a toda a população. Através da divulgação de pesquisas e experiências um pouco por todo o mundo, como a criação de paisagens húmidas como protecção de incêndios e no contributo para precaver o avanço de paisagens secas e desérticas, com a construção de barragens de média e pequena dimensão para uso privado, no apoio à rega dos terrenos ou piscinas naturais, que irão em conjunto com a vegetação existente a criação de mais humidade no local, criando assim microclimas, que irão favorecer o nascimento de mais vegetação, e em conjunto irão mudar o clima de seco para húmido, e atrair mais vida animal ao local, favorecendo assim o ciclo natural muito necessário para um futuro melhor.

3. Conceito Arquitectónico e Paisagístico

Neste capítulo explica-se o conceito arquitectónico e paisagístico da proposta de reabilitação do Largo Gil Eanes em Portimão. Para estabelecer uma relação simbólica do edifício com a temática dos descobrimentos, a arquitectura naval é a que melhor se enquadra na conceptualização do projecto. Visualiza-se um edifício construído em estrutura de madeira lamelada colada, dando forma a uma grande cobertura, como casco de um barco invertido que quase almeja o espaço onírico de um templo. O edifício museístico, simboliza uma barca envolvida por um espelho de água, que ao mesmo tempo leva-nos a imaginar o oceano, e esta água encontra-se rodeada por um jardim com grande variedade de vegetação e árvores, que metaforicamente faz-nos lembrar que o barco chegou a novas terras. O Largo Gil Eanes conceptualiza-se, como uma metáfora do conceito da viagem por mar, inspira a imaginação dos visitantes e transeuntes a conhecerem e perceber melhor as aventuras e os factos históricos da figura histórica do navegador. O programa da presente dissertação desenvolve também no mesmo âmbito de requalificação urbana do Largo Gil Eanes, um restaurante/snack-bar com a mesma linguagem simbólica de arquitectura naval do edifício museístico, permitindo assim a criação de um conjunto arquitectónico com grande força identitária para a cidade. Esta nova identidade urbana, reforçada pelo edificado dos novos equipamentos está integrada dentro de um novo conceito de jardim. população de certeza se sentirá mais atraída a este espaço público, convidando-a parar, experimentar a contemplar, a descobrir e apreciar este “novo oásis verde”, onde pode ler um livro no relvado, namorar debaixo de uma árvore, visitar o museu ou desfrutar da gastronomia do restaurante e a cafetaria dentro do jardim, tudo isto construído sobre um estacionamento subterrâneo com capacidade para visitantes tanto da cidade e o concelho de Portimão como de todo o Algarve. Aproveitar-se-á o espaço subterrâneo para também situar, o programa do museu relacionado com actividades de logística, armazéns, espaços de conservação, de pessoal e administração. Desta maneira o Museu dos Descobrimentos pode ter espaços diáfanos para exposições temporais e permanentes. Esta dissertação prova, com esta nova proposta de reabilitação do espaço público do Largo Gil Eanes, as consequências positivas e o impacto revitalizante que uma nova identidade conceptual, simbólica e icónica deste espaço público e de uma nova zona verde tem na revitalização urbana do Bairro Cruz de Pedra e de Portimão.

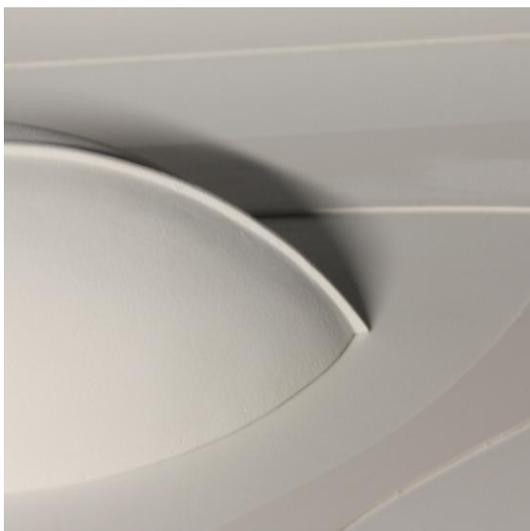


Fig. 115 - Detalhe da curva do museu

A razão encontra-se também no reconhecimento apreciador de quem nos visita e na projecção de uma nova imagem para o centro antigo da cidade. Este novo equipamento cultural gera um novo dinamismo e uma nova identidade urbana, que vai ajudar a fixar novos pontos comerciais e atracções em toda a trama urbana envolvente, e atingir também outros pontos geradores de dinamismo, como é o caso do Centro Comercial Aqua e o Retail Center, a estação do comboio, a futura estação terminal de autocarros, sem esquecer o local da feira com o seu Pavilhão Arena, espaço multi-usos para exposições e espectáculos na cidade de Portimão. A continuidade de espaços pedonais na cidade na forma de passeios, avenidas, ruas pedonais, largos proporciona uma melhor qualidade de vida aos cidadãos. A nível da escala da cidade propõe um circuito que comunique a zona ribeirinha, ao centro antigo através da Rua do Comércio e também até ao Mercado Municipal. O Largo Gil Eanes seria uma articulação importante na nova zona verde neste circuito. A continuidade de espaços pedonais na cidade na forma de passeios, avenidas, ruas pedonais, largos proporciona uma melhor qualidade de vida aos cidadãos. A nível da escala da cidade propõe um circuito que comunique a zona ribeirinha, ao centro antigo através da Rua do Comércio e também até ao Mercado Municipal. O Largo Gil Eanes seria uma articulação importante na nova zona verde neste circuito.

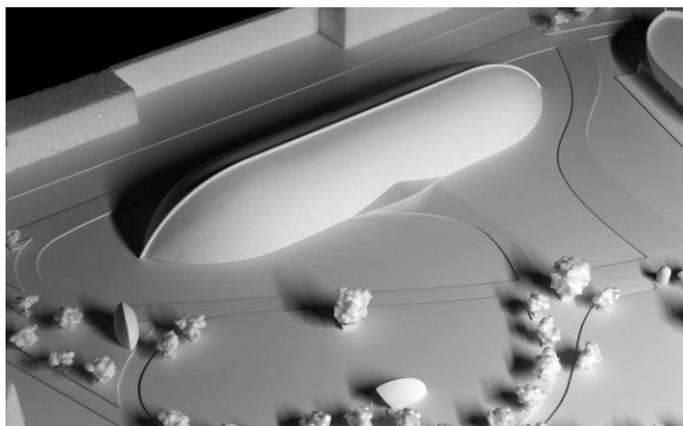


Fig.116 - Vista aérea do edifício museológico (Foto de maquete).

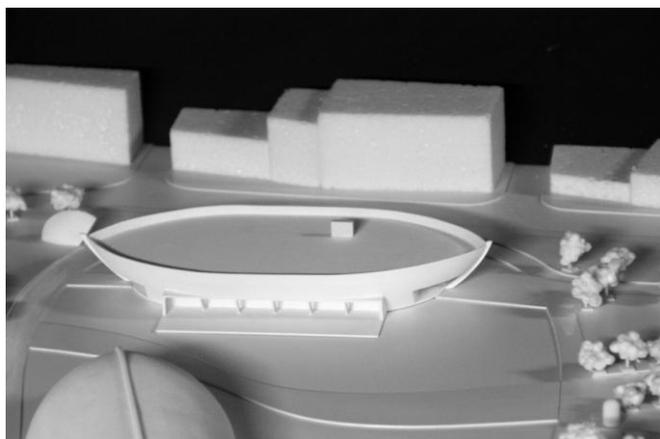


Fig. 117 - Vista aérea do edifício do Restaurante / Bar (Foto de maquete).

A continuidade de espaços pedonais na cidade na forma de passeios, avenidas, ruas pedonais, largos proporciona uma melhor qualidade de vida aos cidadãos. A nível da escala da cidade propõe um circuito que comunique a zona ribeirinha, ao centro antigo através da Rua do Comércio e também até ao Mercado Municipal. O Largo Gil Eanes seria uma articulação importante na nova zona verde neste circuito. A nível da escala do Bairro, propõe-se como estratégia urbana, a desapareição dos armazéns que existem no lado norte do caminho ferroviário para assim poder reconstituir o ambiente quando o rio chegava aqui até esta zona, com margens complementadas com uma faixa de árvores e jardim, para descanso e contemplação.

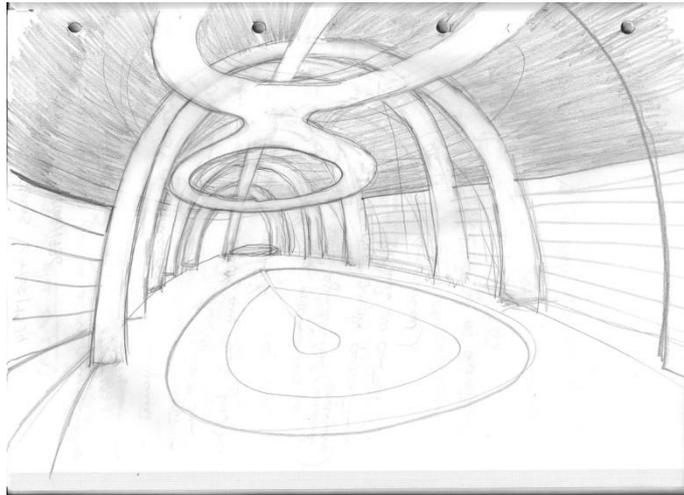


Fig. 118 – Esquiço de parte do Interior do Museu.

A proposta do novo Largo Gil Eanes permite que as pessoas se apercebam (de uma forma semelhante como fez a cidade de Lagos, com a exposição da base das muralhas medievais da cidade que estavam enterradas, que a maioria dos cidadãos lacobrigenses desconhecia), como era antigamente a entrada e saída da cidade para a serra e outros destinos a norte, antes de ser progressivamente alterada.



Fig.119 - Diagrama com as continuidades pedonais.

4 Desenvolvimento do Projecto do Largo Gil Eanes e dos seus Equipamentos

A estrutura formal do novo Largo Gil Eanes requer das demolições necessárias para concretizar a sua estrutura formal. Com a demolição das ruínas de casas velhas a Sul é possível ligar a rua onde fica a escola C.L.C.C. (Centro de Línguas, Cultura e Comunicação, Lda) à rua Infante Dom Henrique. Com o desaparecimento das ruínas e a ligação das duas ruas, é possível a criação da entrada em rampa ao estacionamento subterrâneo, de modo a entrada não ficar bloqueada com o trânsito da rua de Monchique, quando o trânsito estiver parado com a passagem dos comboios. Com a abertura da rua do Largo Gil Eanes, o espaço do jardim transforma-se numa ilha verde, o que não existia anteriormente. Com a construção de uma cave subterrânea baixo o Largo, conseguimos para o estacionamento a uma área subterrânea de cave do museu, que irá formar um espaço irregular com muros em betão armado, para conter as forças do terreno e a água salobra proveniente do nível freático elevado devido a que o Largo encontra-se num antigo braço do rio Arade.

O subterrâneo será escavado até atingir a cota de - 6,00 m abaixo do nível de referência, na maior parte da cave, tanto para o estacionamento público como para as salas de trabalho para o museu. Também existem pontualmente outras partes mais baixas, como no armazém do museu, que chega aos 7, 68 m negativos. Esta diferença de piso mais fundo, resultou na construção da sala de conferências/espectáculo, escavada no solo, para existirem cotas altimétricas aceitáveis para uma sala deste tipo. Com as suas exigências cumpridas, e na parte mais baixa do auditório perto do palco, na cota mais baixa, encontram-se as saídas de emergência. Por essa razão, entendeu-se que era necessário manter essa cota para o grande armazém do Museu. Com as suas exigências cumpridas, e na parte mais baixa do auditório perto do palco, na cota mais baixa, encontram-se as saídas de emergência. Por essa razão, entendeu-se que era necessário manter essa cota para o grande armazém do Museu. Com as suas exigências cumpridas, e na parte mais baixa do auditório perto do palco, na cota mais baixa, encontram-se as saídas de emergência. Por essa razão, entendeu-se que era necessário manter essa cota para o grande armazém do Museu. Com as suas exigências cumpridas, e na parte mais baixa do auditório perto do palco, na cota mais baixa, encontram-se as saídas de emergência.

CENTRO DE ESTUDOS E MUSEU DE NAVEGADORES E DOS DESCOBRIMENTOS

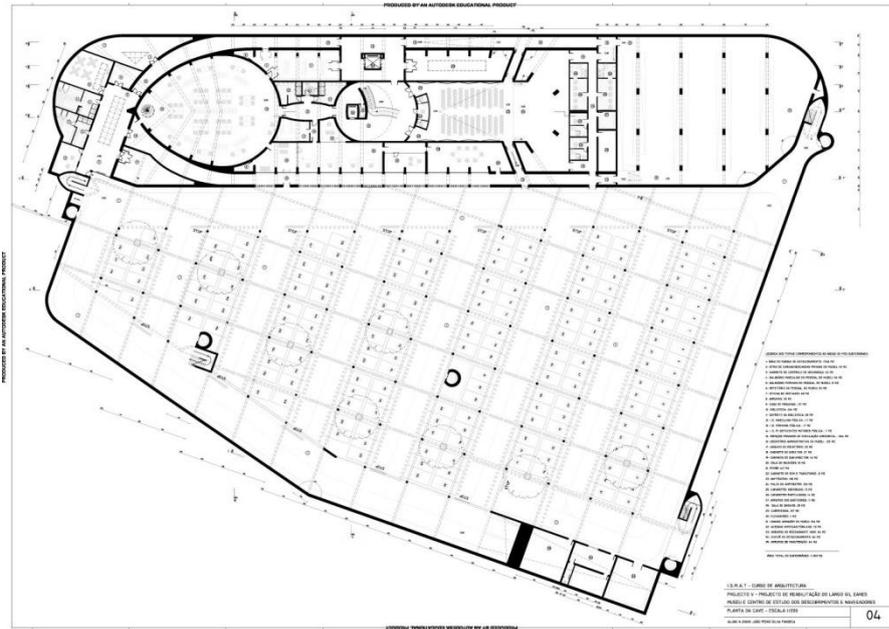


Fig. 120 – Planta da Cave do Museu e estacionamento subterrâneo.

. Por essa razão, entendeu-se que era necessário manter essa cota para o grande armazém do Museu. Com as suas exigências cumpridas, e na parte mais baixa do auditório perto do palco, na cota mais baixa, encontram-se as saídas de emergência. Por essa razão, entendeu-se que era necessário manter essa cota para o grande armazém do Museu. Com as suas exigências cumpridas, e na parte mais baixa do auditório perto do palco, na cota mais baixa, encontram-se as saídas de emergência. Por essa razão, entendeu-se que era necessário manter essa cota para o grande armazém do Museu.

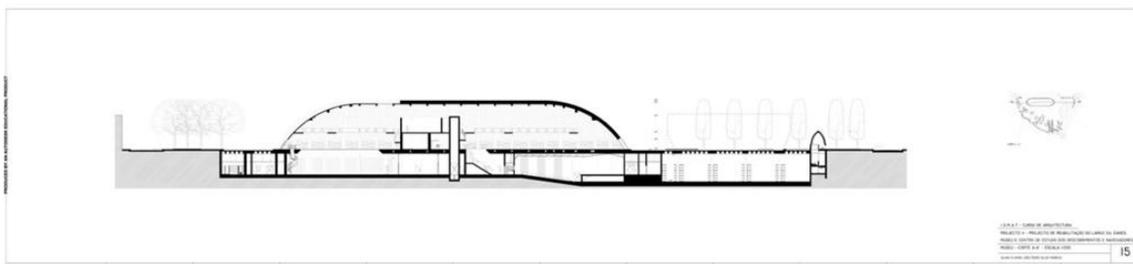


Fig.121 – Corte Longitudinal do Museu, perto do eixo do edifício, através da sala de Conferências.

Com as suas exigências cumpridas, e na parte mais baixa do auditório perto do palco, na cota mais baixa, encontram-se as saídas de emergência. Por essa razão, entendeu-se que era necessário manter essa cota para o grande armazém do Museu.

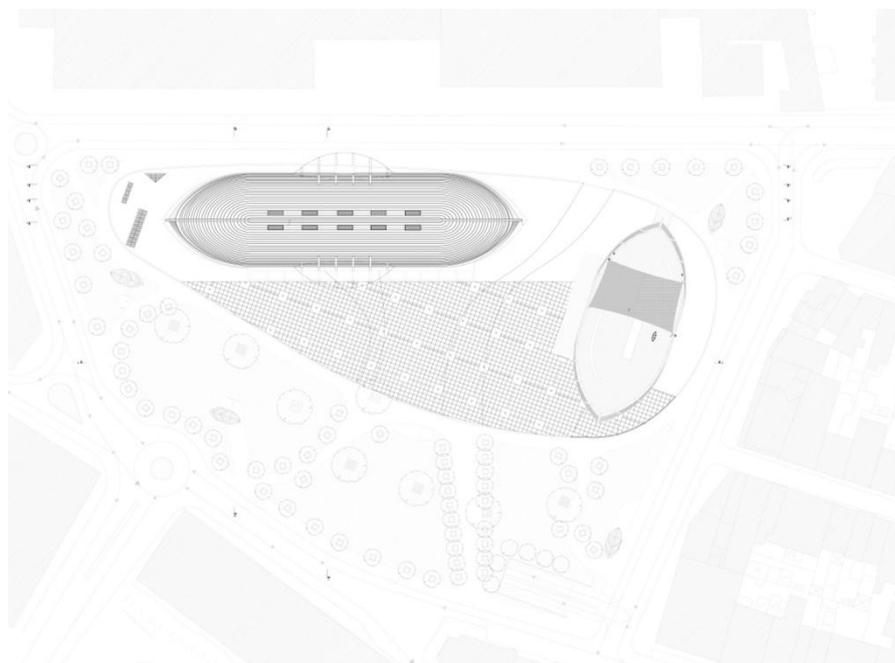


Fig.122- Planta Novo Largo Gil Eanes, com o espelho de água seco.

A laje do estacionamento que cobre esta enorme caixa de betão armado, tem de espessura 1m, sendo aligeirada pela forma de cocos, na maioria da laje para aliviar o imenso peso desta. Em todo o estacionamento existe uma floresta de colunas “dóricas”, mas sem base, que recebem a laje e transmitem as cargas para as fundações no solo. No local da laje, onde fica o fundo do espelho de água do jardim, em vez estar construído betão armado, utiliza-se uma caixa de vidro, constituída por lâminas de vidro temperado de 3 cm e um gás semelhante ao ar, para melhor isolamento. Na parte da laje que incorpora o verde do jardim, serão criados caixões na laje para receber a terra necessária e as árvores. A solução do tecto de vidro na zona do espelho de água permite transmitir a claridade da luz natural no interior do estacionamento durante o dia, dando um ambiente mais aprazível a um espaço que estamos habituados a ver escuro, apenas iluminado por luz elétrica. Neste subterrâneo haverá ainda aberturas cúbicas na laje, bordejadas por muretes, com a colocação de

árvores de espécimes de grande altura com as copas fora do estacionamento acima da laje, sai para o jardim.

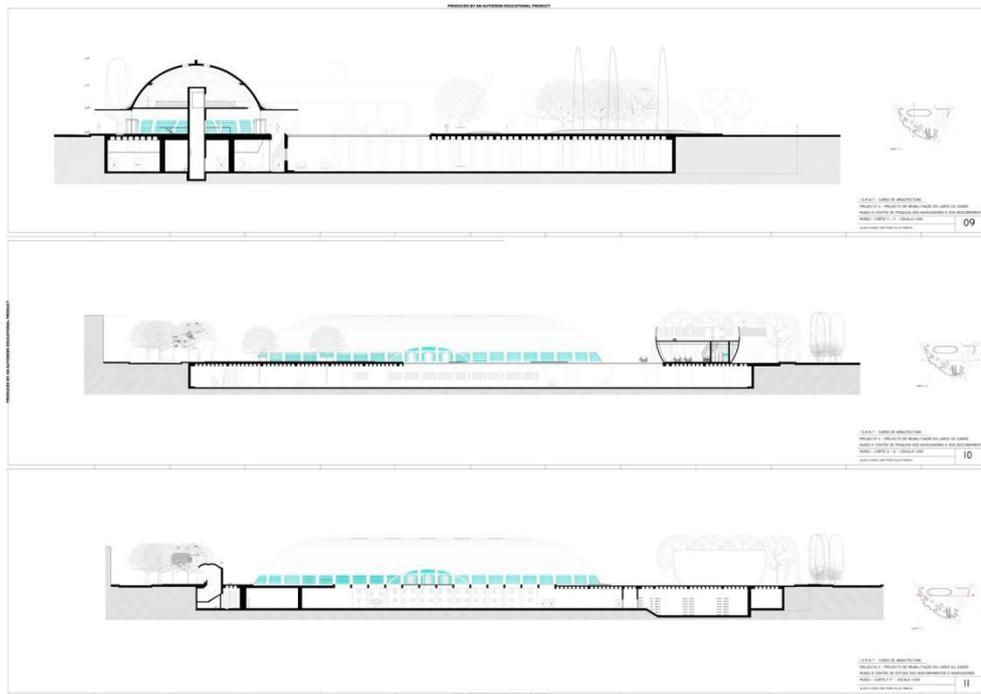


Fig.123 - Cortes que percorrem o espelho de água em diferentes partes.

Na cidade de Freiburg, no Sul da Alemanha, onde vi num estacionamento subterrâneo de um condomínio várias árvores plantadas no interior, de onde os ramos das árvores saíam para fora da cobertura ajardinada através de aberturas cúbicas com muretes de protecção. Na laje existem outras aberturas para os acessos pedonais, tais como escadarias e elevadores, tanto para os utentes do estacionamento como para os trabalhadores do Museu, cuja entrada de serviço faz-se pelo subterrâneo. Desta maneira a entrada de serviço e cargas e descargas do Museu, não interferem com a leitura de transparências do volume do Museu, e o público visitante. Os acessos ao estacionamento desde o jardim (escadas e elevadores) possuem cada uma no exterior, um habitáculo escultural, para proteger as pessoas das intempéries.



Fig. 124 – Árvore plantada num estacionamento subterrâneo e que sai por abertura própria na laje.



Fig. 125 – Vista interior de estacionamento subterrâneo que mostra o local onde está plantado a árvore.

Estes, volumes são inspirados em moluscos, como por exemplo os búzios, caracóis e conchas do mar. Estes elementos escultóricos, mantêm uma linguagem simbólica entre o espelho de água, que representa o mar, e os edifícios do Museu e o bar-restaurante; enquanto os elevadores lembram os antigos morabitos, por rematarem numa cúpula. Estes têm uma forma cilíndrica ou quadrada, e esta analogia também é válida para uma época

CENTRO DE ESTUDOS E MUSEU DE NAVEGADORES E DOS DESCOBRIMENTOS

que teve forte contacto e inspiração com o oriente. A rampa de entrada dos veículos, foi pensada para ter os dois sentidos de circulação.

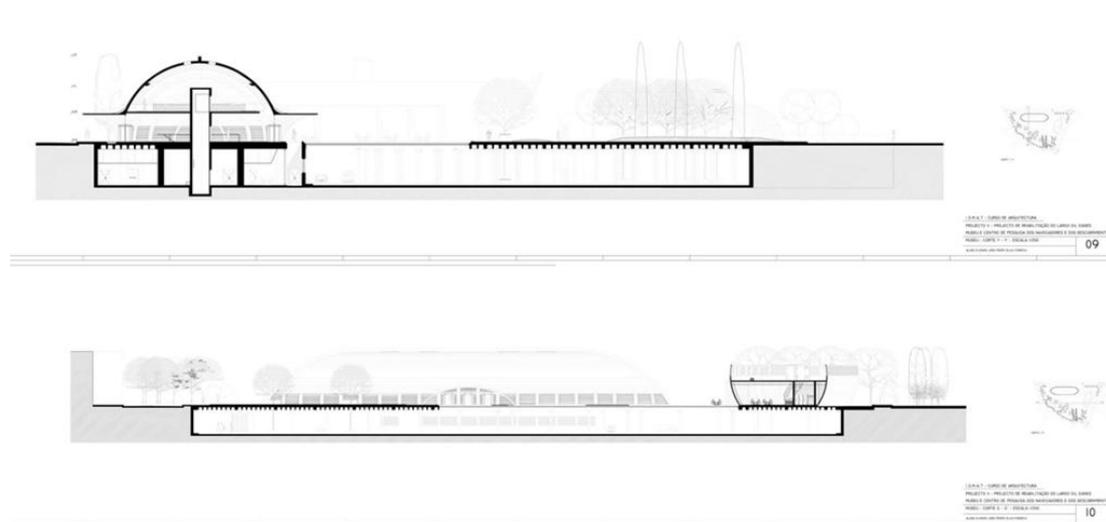


Fig. 126 – Perfis com o pormenor da entrada das árvores ao subterrâneo.

Tem a inclinação de 12° com um comprimento de vinte e seis metros, para vencer a altura de seis metros do estacionamento. Sob a rampa, o espaço foi aproveitado para aí existirem o guichê do pagamento do estacionamento, com escritório e uma instalação sanitária privada, uma arrecadação para o bar / restaurante, e arrumos para a manutenção e suas ferramentas. A entrada dos trabalhadores do Museu, é feita pela entrada subterrânea, controlada por seguranças e uma porta elevatória para cargas e descargas do Museu. Desde o estacionamento entramos no átrio do Museu e encontramos o gabinete dos seguranças, os espaços destinados aos trabalhadores com um refeitório, arrumos, as instalações sanitárias, balneários para aí trocarem-se e lavarem-se se necessário, e uma oficina de restauro. O átrio da entrada, a oficina de restauro e o refeitório do Museu, na cave, são iluminados cada um com uma janela de vidro, na cobertura. A luz Solar, dá um ar mais saudável e agradável a estes espaços, assim os trabalhadores estarão a par do movimento solar e da mudança do tempo ao longo do dia. A luz solar é essencial para trabalhos de pormenor e dá uma resolução correcta das cores reais dos materiais dos artigos que necessitam de restauro.

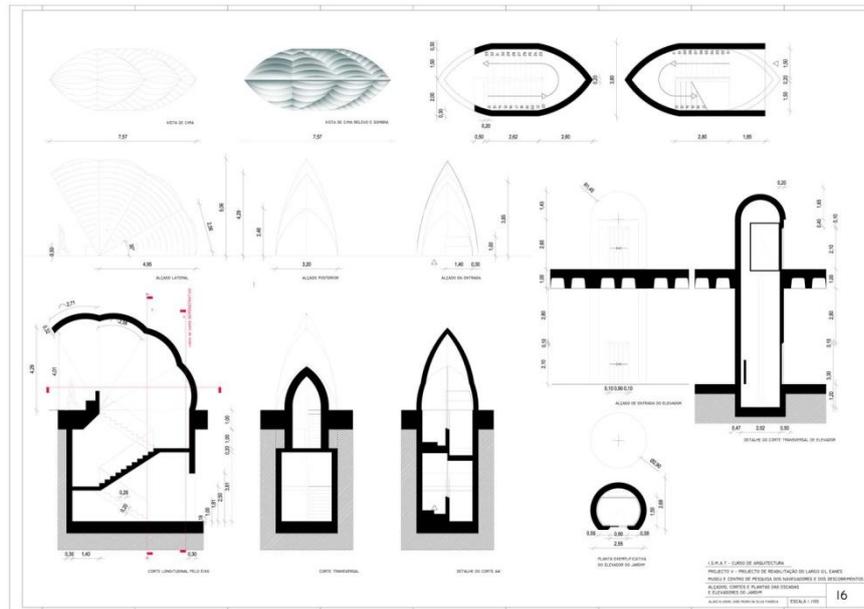


Fig.127- Pormenor das entradas ao estacionamento desde o jardim.

O corredor sul do Museu, na cave, dá acesso ao espaço administrativo do Museu, ou seja à recepção e à secretaria, gabinetes do director e sub-director, salas de reunião e arquivo., com acesso à biblioteca e ao átrio do auditório. A biblioteca foi pensada para a leitura e consulta de livros, estudos, documentos históricos ou suas cópias relacionadas com o navegador Gil Eanes e a saga dos descobrimentos posteriores. A luz solar é essencial para trabalhos de pormenor e dá uma resolução correcta das cores reais dos materiais dos artigos que necessitam de restauro. O corredor sul do Museu, na cave, dá acesso ao espaço administrativo do Museu, ou seja à recepção e à secretaria, gabinetes do director e sub-director, salas de reunião e arquivo., com acesso à biblioteca e ao átrio do auditório. A biblioteca foi pensada para a leitura e consulta de livros, estudos, documentos históricos ou suas cópias relacionadas com o navegador Gil Eanes e a saga dos descobrimentos posteriores. Poderá pensar porquê uma biblioteca num subterrâneo? Foi acima de tudo uma questão de racionamento de áreas do espaço. Quis aliviar o casco do museu para deixar os espaços diáfanos e luminosos, através das transparências da fachada, mas se houver pessoas interessadas em estudar e conhecer melhor a história desta época histórica poderá descer ao piso inferior e entrar noutro ambiente mais introspectivo e mais sossegado com iluminação indirecta natural através do chão da entrada do Museu.

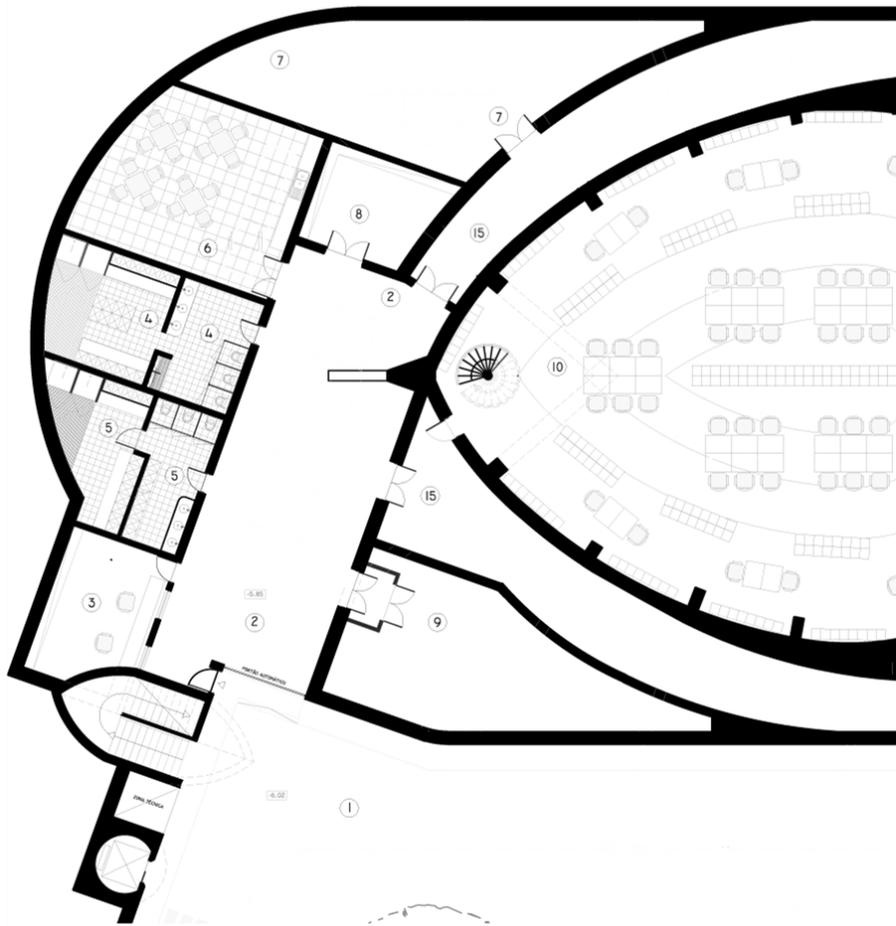


Fig.128 - Pormenor da planta da Cave do Museu, entrada de serviço do museu. Legenda: 1- Estacionamento subterrâneo; 2- Átrio de entrada de serviço; 3- Gabinete do controlo de segurança da entrada; 4- Balneário Masculino; 5- Balneário Feminino; 6- Cozinha/Refeitório; 7- Oficina de Restauro; 8- Arrumos; 9- Casa de Máquinas; 10-Biblioteca; 15 - Espaços privados de circulação horizontal do Museu.

. A sala da biblioteca tem um tecto central, em forma de amêndoa, em vidro temperado fosco, para permitir a entrada da claridade do exterior, podendo-se andar por cima sem perigo. Quis acima de tudo, um museu em madeira laminada, em estrutura e construção naval, para contemplação e admiração dos visitantes através de percursos num espaço vazio e diáfano expositivo e isso tudo inserido num ambiente essencial quase *zen* japonês, com intervalos e transparências entre o interior e exterior, rodeado de água e de verde.

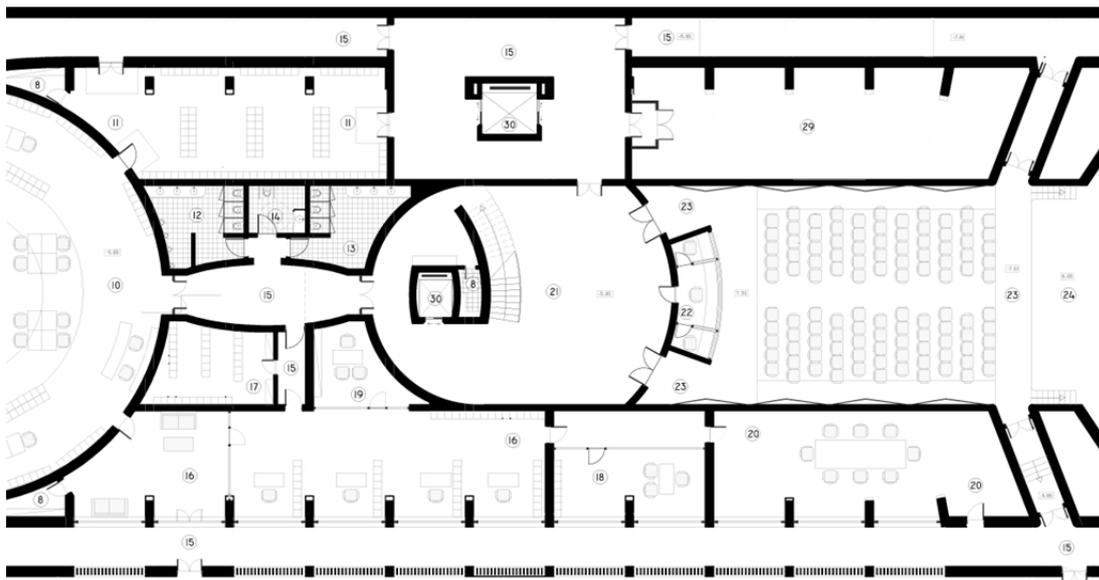


Fig.129 - Pormenor da planta da Cave do Museu, onde mostra os corredores públicos e privados, a zona administrativa e parte do auditório. Legenda: 11- Depósito da biblioteca; 12- I.S. Masculina Pública; 13- I.S. Feminina Pública; 14- I.S. p/ deficientes motores; 15- Corredores Privados do Museu; 16- Escritório Administrativo do Museu; 17- Arquivo do Museu; 18- Gabinete do Director; 19- Gabinete do Sub-director; 20- Sala de Reuniões; 21- Foyer do anfiteatro; 22- Gabinete de Som e Tradutores; 23- Anfiteatro; 24- Palco do anfiteatro; 29- Carpintaria; 30- Ascensores.

Existem três paredes na planta do rés-do-chão do Museu, que rodeiam as paredes da loja de recordações, e ponto de informação e recepção do edifício. Elas suportam o primeiro piso, com a sala de exposições temporárias, e o pavimento do percurso circular, para poderem ver de cima algumas réplicas de embarcações, e outros elementos que possam estar em exposição. O pavimento circular estará suportado pelas vigas que saem dos pilares do casco, como braços que agarram e apoiam o circuito do museu. Perto da recepção do Museu, na sua frente, há um vazio semi-circular em forma de “Lua”, na laje, que conduz ao piso inferior, onde encontra-se os espaços públicos do auditório e da biblioteca. Pelo vazio desce uma escadaria por onde circulam as pessoas para irem à biblioteca, fazer alguma consulta ou pesquisar sobre o navegador Gil Eanes ou sobre a saga dos descobrimentos, ou para irem ao auditório e/ou ver uma conferência ou um espectáculo de teatro ou musica existe também um elevador para pessoas que necessitem

de alguma ajuda, deficientes motores, e idosos. Na cave, o corredor norte tem uma rampa para descer ao nível de entrada do armazém, e o corredor sul mantém a mesma cota. Também no corredor sul a iluminação natural permite iluminação dos escritórios da secretaria, porque projecta-se um fosso aberto numa certa extensão ao exterior. Ao longo deste aparecem aberturas em grelha na parede, que o separa do estacionamento, permitir haver renovação de ar. Tanto o corredor norte como o sul, levam a diferentes compartimentos onde funcionam outras oficinas interiores de carpintaria, de apoio ao teatro e às oficinas de restauro. Os corredores funcionam também como saídas de emergência. No momento que, acontecerá alguma situação inesperada, os corredores conduzem também aos camarins dos artistas do auditório, músicos, autores e actores. Ao fundo de ambos os corredores, chega-se ao grande armazém do museu, onde se guardam as peças maiores para restauro ou que esperam a sua vez para irem para a exposição. Voltando ao exterior, ao observarmos o conjunto arquitectónico de arquitectura naval, vemos o restaurante-bar, que assemelha-se mesmo a um navio a flutuar na água, com a esplanada a boiar. Este edifício localiza-se dentro do espelho d'água. Existem duas pontes para cada uma das entradas, a principal para o público, é mais larga e até um pouco mais comprida, que a outra, a privada, para os trabalhadores e cargas e descargas. A entrada principal no edifício, tem uma porta rotativa de vidro transparente, e lá dentro, tem no lado direito o acesso às instalações sanitárias para ambos os géneros e deficientes.

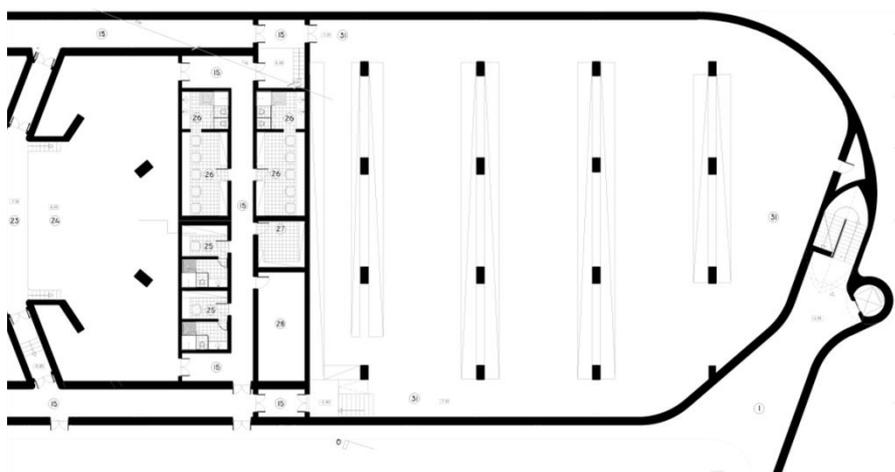


Fig. 130 – Pormenor da planta da Cave do Museu, e parte dos corredores para o grande armazém.

Em frente fica o balcão do bar, e a porta para a cozinha, ambos virados para a sala e a esplanada. A escada direita com dois lanços vai para o terraço, que pode ser reservado para festas privadas. Este está equipado com um elevador de comida e bebidas, que sobe e desce directamente da cozinha. No terraço existe uma lona para criar sombra e para proteger da chuva. Há dois bancos corridos gémeos invertidos, como mobiliário fixo, para servir de apoio às pessoas que precisem de se sentar, e confraternizar. O corrimão da cobertura tem um metro de altura e uma parede de ripas de madeira com três metros, para criar alguma privacidade, apesar de existirem quatro janelões circulares, duas de cada lado, que lembram quatro grande vigias.

Daqui as pessoas podem usufruir das refeições e bebidas com um ponto de vista mais alto do jardim, e também de alguma reserva na privacidade. No rés-do-chão, no interior da sala de refeições, existe uma área suficiente para várias mesas de refeições, cerca de 11 mesas, e outras para o convívio de bar para beber alguma bebida e confraternizar com os amigos., antes da refeição enquanto espera pela sua mesa ou depois de comer. Ainda existe a esplanada no exterior por cima do espelho de água com lugar para mais umas mesas, com mais frescura e luz solar. Desde a entrada norte, se acede à zona privada do bar-restaurant.

Ao entrarmos encontramos um gabinete, onde trata da burocracia e organização do restaurante. Continuando pelo corredor encontramos arrumos nos armários embutidos na parede curva, a seguir encontramos os balneários para ambos os géneros dos funcionários, para trocarem de roupa pela farda, lavarem e vestirem-se. Também nesta zona do edifício encontra-se os compartimentos para armazenagem de cada tipo de alimentos, peixe, para a carne, e legumes, frigoríficos ou não. Uma vez dentro da cozinha, encontramos várias bancadas para a preparação dos pratos. Existe um canto reservado à copa para limpar a loiça e arrumá-la. Entre a cozinha e o balcão há na parede um passa-pratos. O desenho do novo jardim do Largo Gil Eanes está constituído por percursos pedonais, e uma envolvência verde de relva e arvoredo de diferentes tipos entre eles, árvores autóctones, por exemplo: Alfarrobeiras, Carvalhos, Cafezeiros, Cedros, Borracheiras, etc. Sobre a estrutura do estacionamento subterrâneo existe suficiente terra para transplantar e colocar novas árvores.

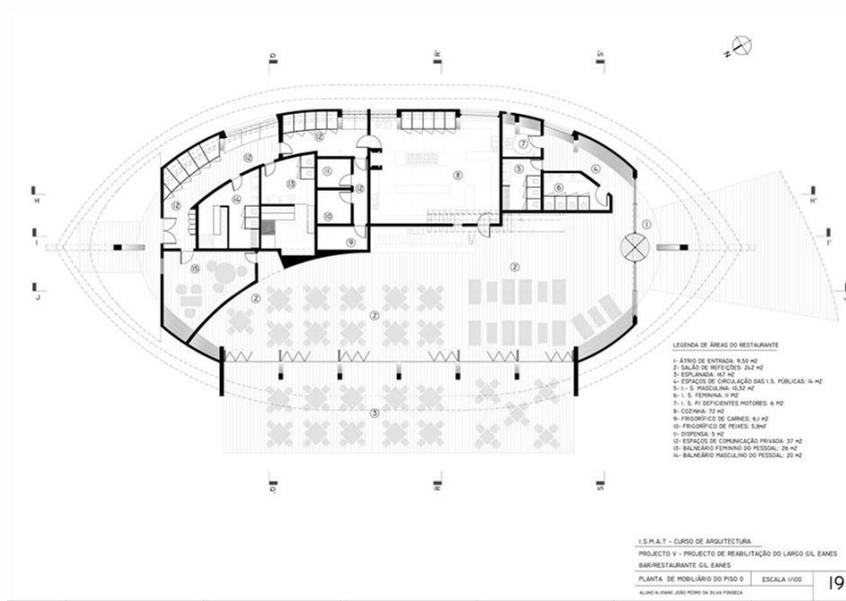


Fig. 131- Planta do rés-do-chão do Bar-Restaurante

A terra depositada e a vegetação estão modeladas em forma de anfiteatro, com a parte mais alta do lado da rua Infante D. Henrique e rua de Monchique. A parte mais baixa do anfiteatro fica no centro do jardim, ou seja serão os percursos pedonais. Os percursos ficarão na mesma cota altimétrica do resto dos passeios públicos existentes. O objectivo do relevo e do arvoredo é a criação de sombra e a criação de uma barreira natural à filtração do som do trânsito automóvel. Serão transplantadas no piso inferior do estacionamento, algumas árvores de grande altura, para superar os seis metros de altura e por aí saírem as suas copas por cima do jardim. Por aberturas do estacionamento, que permitem o crescimento das árvores, irá entrar luz e ar renovado, poderá haver trepadeiras, ou buganvílias penduradas pelas bermas para dar uma imagem exótica. A frondosidade vegetal, do jardim junto com este conjunto de arquitectura naval será uma metáfora física da chegada das naus às costas paradisíacas do sul de África ou Brasil. Os percursos do novo jardim do Largo Gil Eanes circulam à volta do edifício do Museu e Bar-Restaurante, têm ligações na continuação das ruas exteriores ao jardim, inclui uma ponte de percurso ondulado entre o museu e o restaurante para que o lago e o jardim não sejam barreiras intransponíveis. O lago ou espelho d'água tem pouca profundidade, cerca de trinta centímetros, que poderá conter uma variedade de peixes. Na maior parte o Lago tem um fundo de mosaicos de vidro

para que a luz solar possa atravessá-los e iluminar o estacionamento subterrâneo, como um óculo gigante.

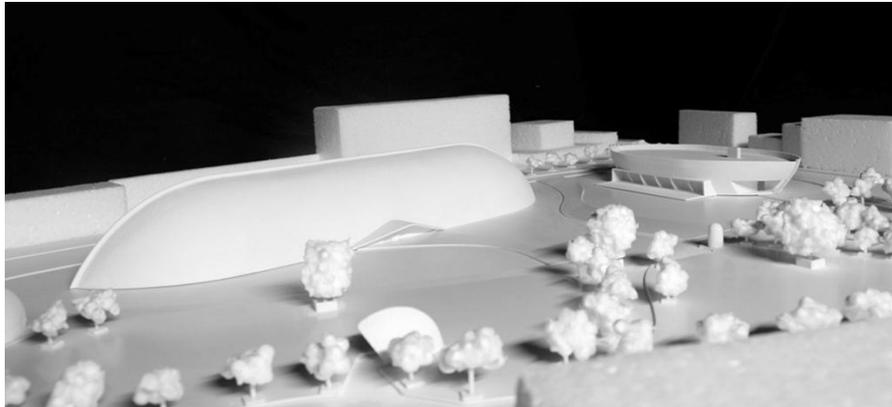


Fig. 132 – Esta imagem da maqueta, permite vislumbrar a paisagem do parque com os edifícios, as entradas do subterrâneo e as árvores.

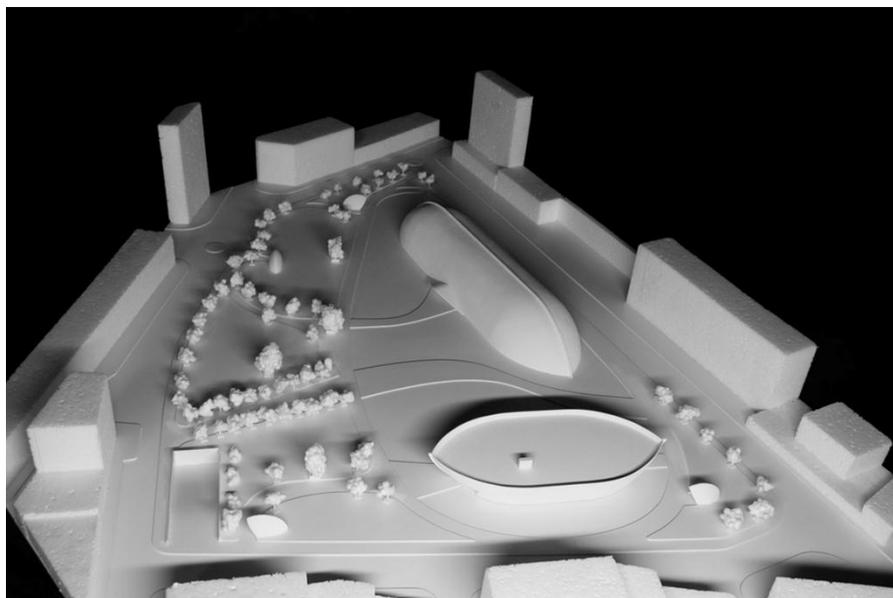


Fig. 133– Vista aérea do Largo Gil Eanes, no sentido Este – Oeste (Foto de maqueta).

5. Pormenorização

Explicaremos a pormenorização do projecto do novo Largo Gil Eanes, seguindo três fases construtivas: a fase de construção subterrânea, a fase de construção dos edifícios de arquitectura naval, e por último a terceira fase da construção do jardim. Cada uma destas fases, exigem técnicas construtivas, necessidades e momentos de construção diferenciados.

5.1 A Fase de Construção do Subterrâneo.

A construção do subterrâneo (estacionamento e zonas de Museu), deve aguentar as pressões mecânicas do terreno; tanto de tracção como de compressão da estrutura que irá ser construída por cima. Por estar numa zona alagadiça, porque o local do Largo Gil Eanes, situa-se num antigo braço do rio Arade, é necessário a construção de cortinas plásticas armadas, para garantir uma escavação segura. Estas cortinas garantem a contenção a grande altura (ou profundidade) e uma boa resistência. Esta técnica é usual em obras perto de vias de comunicação importantes e edifícios antigos, por não provocar erosão do terreno e não ocupar muito espaço. Pode ser executada inicialmente para a contenção dos solos vizinhos e das águas existentes, e numa fase posterior será aproveitada como suporte estrutural do edifício.

Durante o processo de escavação com balde, introduzido nas lamas bentoníticas para evitar desmoronamentos, no lado interior da escavação pois a sua argila vulcânica possui qualidades tixo-trópicas que em dispersão muda o seu estado físico por meio de agitação (em repouso é gelatinosa com acção anti-infiltrante, e quando agitada liquidifica-se), facilmente substituível pelo betão por ser menos densa, e este enquanto fluído ao colocar-se as armaduras por meio de vibração enquanto está fluído, porque forma uma película impermeabilizante, que dispensa revestimentos.

Conforme o tipo de solo que possamos encontrar ao escavarmos a área pretendida, poderá ser usada também a técnica de uso de estacas-pranchas na construção de caves de um só

piso em terrenos arenosos e com nível freático presente, para rebaixar esse nível freático para assim permitir a construção da primeira laje.

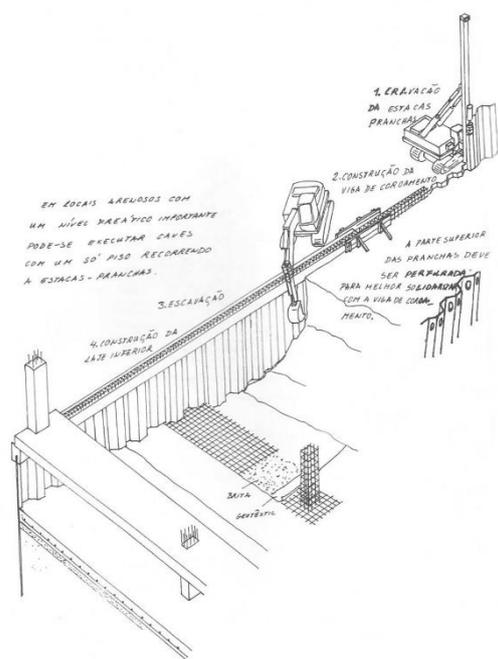


Fig. 134 – Desenho a descrever o uso pranchas metálicas para baixar o nível freático e construir a primeira laje.

Para permitir uma boa protecção das humidades ascendentes, e de um nível freático muito presente, deve-se ao escavarmos as aberturas no solo para as sapatas e drenagens, antes da colocação da armadura, colocar uma betonagem de betão-limpeza. Betona-se as sapatas e fecha-se as aberturas das drenagens, como também betona-se as cofragens dos pilares, e deixa-se secar, até estarem prontas. Entretanto para o processo da laje faz-se o enrocamento com grandes seixos e depois com brita grossa para melhorar a compactação. A seguir coloca-se a tela de feltro geotêxtil, mais membranas em PCV, de 2 mm de dois estratos e cores diferentes com tratamento termo soldadura, e/ ou a aplicação de tiras termoplásticas.

CENTRO DE ESTUDOS E MUSEU DE NAVEGADORES E DOS DESCOBRIMENTOS

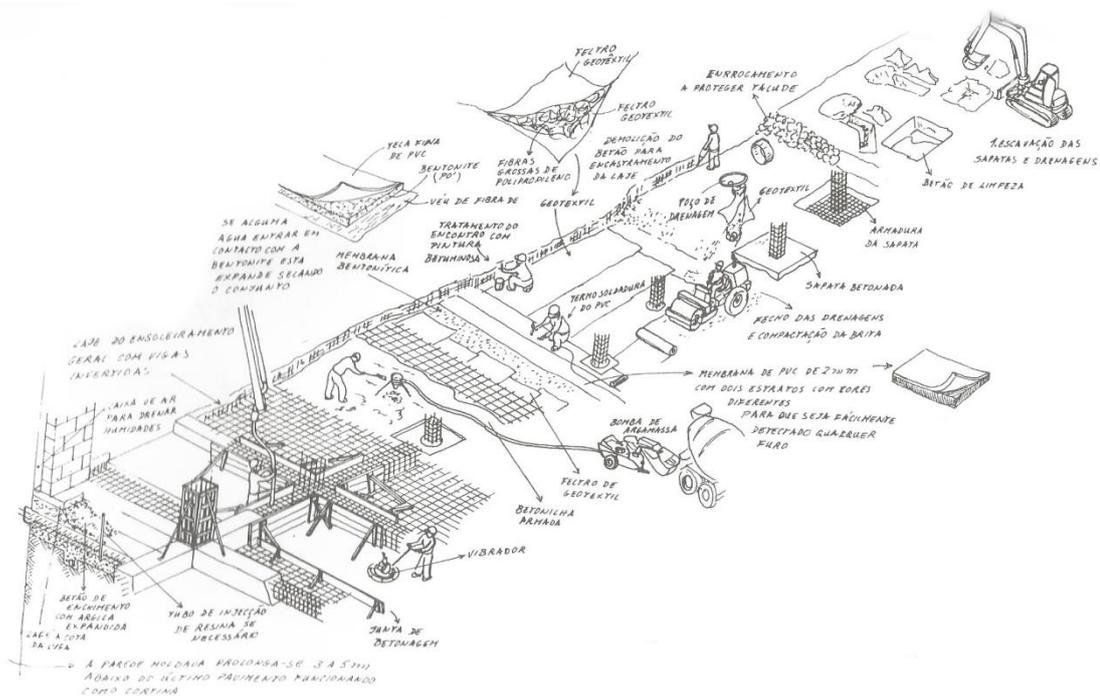


Fig. 135– Imagem descritiva do processo construtivo na construção da primeira laje.

Na junção com as paredes moldadas já construídas faz-se um tratamento de pintura betuminosa, por cima coloca-se a membrana bentonítica e por cima desta, outra membrana de feltro geotêxtil, a seguir uma betonilha armada. Quando esta secar, põe-se a armadura para levar o betão em cima e concretizar a laje de ensoleiramento geral com vigas invertidas, no meio dos espaços vazios entre vigas leva um betão de enchimento com argila expandida e por cima é finalizada com uma laje à cota das vigas. Junto às paredes é levantada um segundo pano de tijolo cerâmico com caixa de drenagem por onde passa uma caleira hidrofugada. A seguir será feita a construção das sapatas para os muitos pilares, parecidos ao estilo dórico, (mas sem base, nem caneluras), feitos em betão armado no estacionamento subterrâneo para suportar a laje e tudo o que ela carrega, e também as paredes-mestras interiores da cave habitável do Museu serão em betão armado, e as menos importantes serão em blocos de betão.

A Laje ajardinada, é constituída por: a laje de betão propriamente dita, e a sobreposição gradual dos materiais que vou ditar a seguir:

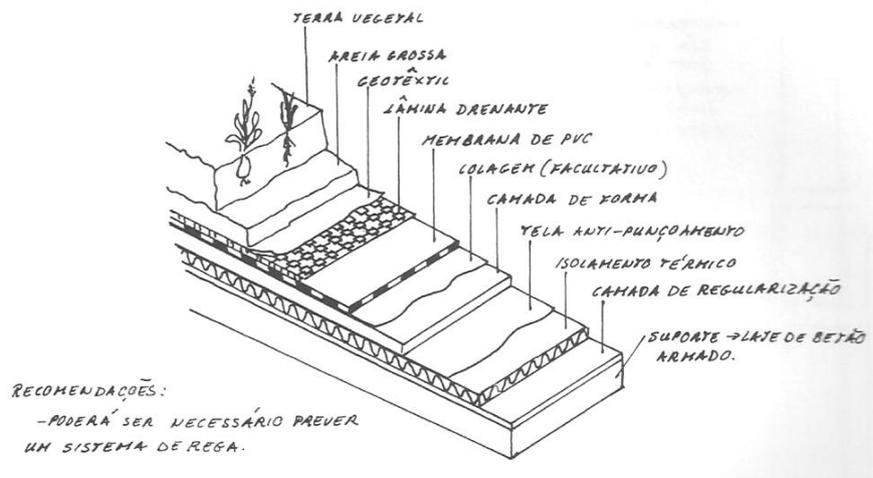
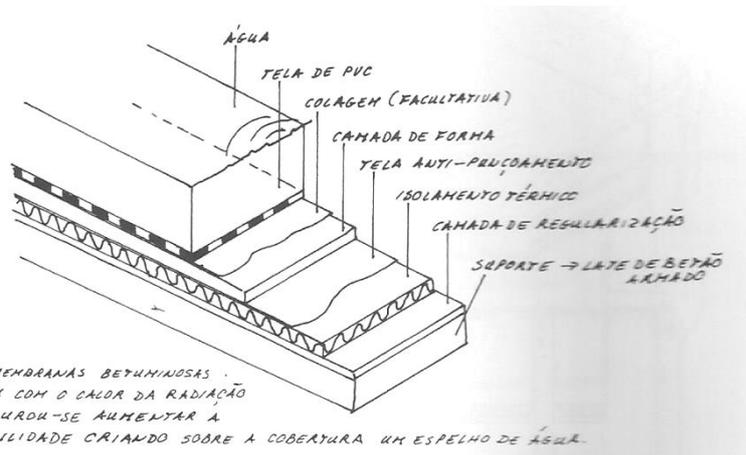


Fig. 136 – Esquema de laje ajardinada.

Camada de regularização, isolamento térmico, tela anti-punçamento, camada de forma, membrana de PVC, lâmina drenante, geotêxtil, areia grossa, e por fim terra vegetal. Esta camada dependendo do local, pode variar entre os 30 cm e 1m de espessura. Para o caso da transplantação das árvores de grande altura na cave, terão de haver baldes em betão armado independente, em proporção com o futuro tamanho adulto das árvores onde serão instaladas a árvore, contendo drenagem própria.

A



Laje

Fig. 137– Esquema de laje alagada.

alagada, é também constituída por uma laje de betão, apenas em algumas partes

essenciais, e noutras será constituída por tijolos de vidro no fundo, sua constituição define-se por: Laje de betão armado, camada de regularização, isolamento térmico, tela anti-punçãoamento, camada de forma, e tela de PVC. No caso de locais onde é usado os tijolos de vidro, entre estes são introduzidos varões de aço como armadura e cimento cola para juntá-los. Os tijolos como têm caixa-de-ar no interior, não necessitam de isolamento térmico, por cima será colocada uma tela transparente para permitir a luz passar, melhor impermeabilizar e não estragar o efeito dos tijolos de vidro.

A aplicação de telas betuminosas degradam-se com o calor da radiação solar, o seu uso empregue em coberturas alagadas e espelhos de água, ajuda a prolongar a sua durabilidade. Hoje em dia existem também membranas em borracha ou de PVC, tanto para a exposição solar como na situação alagada, cuja durabilidade é maior, e estas ainda permitem ter opção de escolha de cor para ter um fundo colorido se assim for necessário.

5.2 Fase de Construção dos Edifícios de Arquitectura Naval.

Na construção do edifício do Museu, ele é apoiado na laje de cobertura, numa forma que lembra uma concha ou uma grande embarcação de madeira virada para baixo, mas com a diferença que a “proa” como a “popa” são simétricas. Neste caso, o que apoia directamente na laje, são as balizas, do cavername, em nomenclatura naval ou na linguagem arquitectónica, pilares simétricos que surgem da laje e abraçam a “quilha” da estrutura, na parte de cima da abóboda. Estas peças como todas as outras da cobertura são formadas com madeira lamelada ou laminada colada. Esta técnica tem este nome devido à formação de peças arquitectónicas, neste caso os pilares ou balizas, constituídas por pequenas lâminas ou lamelas de madeira, pequenas em comparação com o resultado final, de modo que as fibras de cada lâmina estejam paralelas entre si e formam uma grande estrutura que consegue vencer grandes espaços abertos. Estas são tão fortes como o aço. A madeira laminada é uma técnica que surgiu no início do século XIX, na utilização da construção civil, na construção de arcos compostos de lâminas encurvadas e sobrepostas, mantidas por ligações metálicas, inventadas pelo coronel Emy. Nos finais do século XIX, quando inventaram as colas de alta resistência posteriormente 1940, com a invenção das colas sintéticas permitiu que o sistema de lamelas coladas desse um grande salto no seu desenvolvimento.

A Madeira Laminada Colada ou MLC, é um tipo de produto adaptado de madeira para estruturas compostas de várias Lamelas de madeira coladas e dimensionadas. O uso final da MLC vai depender do tipo de cola utilizada no processo, geralmente a base de formaldeído. E sua utilização depende diretamente do adesivo utilizado, gerando MLC para ambientes internos, externos ou em condições extremas. Laminações por definição são pequenas lâminas de madeira coladas entre si, formando um único membro grande, forte, estrutural. Esses elementos estruturais são utilizados como colunas verticais ou horizontais, vigas, assim como curvas, arqueando em formas. As ligações são geralmente feitas com parafusos e placas de aço internas.

Madeira laminada colada, como outros produtos de madeira, representam um uso eficiente da madeira disponível. Enquanto a demanda por madeira continua a aumentar em todo o mundo há uma redução das madeiras de alta qualidade, de grande diâmetro, combinada com as preocupações ambientais e as mudanças nas práticas de gestão florestal, para obter madeira maciça fica cada vez mais caro e mais difícil de se obter. Por isso a MLC (Madeira Laminada Colada) faz o uso de menores dimensões e menos desejáveis da madeira, mas são projetados para ser mais forte e de mesmo tamanho da madeira maciça. As peças formadas por MLC sofrem menos defeitos e retração devido a alterações de humidade como a verificação, empenamento e torção das madeiras sólidas. A MLC (Madeira Laminada Colada) é uma alternativa ecológica para o betão armado e aço, por ter uma baixa energia incorporada na comparação entre materiais construtivos.

O vidro terá uma expressão muito importante neste edifício, pois transmite uma leveza e claridade à construção, porque os vidros estarão na parte inferior da estrutura, agarrados por caixilharia às “balizas”. O casco, como se quisesse flutuar, estará na parte superior, a constituir a abóboda. Entre as “balizas”, serão introduzidos vários vidros esverdeados temperados, de 3 cm de espessura, em fatias, de modo a seguir o mesmo ritmo das tábuas coladas do casco da cobertura do navio. O vidro será envolvido por caixilhos de 10 cm de largura. Os vidros serão inseridos numa ranhura no chão, para assim não haver descontinuidades entre o interior e do exterior. Terá em ambos os lados dos acessos Norte e Sul do edifício, uma pala, que irá a proteger e acolher as pessoas da chuva e do Sol. Esta pala estará construída em madeira laminada colada, na forma de um arco elíptico. Por baixo das palas de acesso, funcionam portas rotativas.

No interior do Museu, as únicas paredes em betão armado são as que emergem da cave. A sua forma curva envolve a loja no rés-do-chão. Em frente ao balcão de recepção fica o elevador, que transporta pessoas desde a cave ao primeiro piso; piso que remata as paredes curvas na sala de exposição e de intervenção. Também, no primeiro piso, há uma curiosidade para os visitantes, que é o percurso suspenso que percorre o edifício de forma circular para ver desde uma perspectiva superior, os elementos históricos em exposição. Desde o percurso suspenso poderá ter uma visão da cobertura de madeira -“casco de navio” -simples mas muito bela.

6. Conclusão

Na vivência do quotidiano ao passar muitas vezes pelo Largo Gil Eanes, e sem grandes pretensões, especulava como esse mesmo espaço seria no passado e imaginava como poderia ser no futuro. A tranquilidade das árvores, a frescura da água, um volume iconográfico que se impusesse aos volumes desproporcionais instalados, um reordenamento da estrutura viária e criação de melhores condições de usufruto do espaço. Tudo isto com o mote “Gil Eanes”.

A relação da arquitectura com o espírito do lugar, desenvolve um urbanismo que promove qualidade de vida. A fruição de espaços verdes e um museu em núcleos populacionais conduzem a um dinamismo da economia local nas proximidades. Como consequência revitaliza-se um espaço adormecido.

Uma atitude pedagógica no âmago do conceito do projecto, possibilitará uma referenciação do edifício museu ao nível nacional. O museu e restaurante/bar, de inspiração e arquitectura naval inseridos num novo desenho do jardim, irão transmitir ao público, o simbolismo da chegada dos navegadores a terras desconhecidas. Este projecto apresenta uma solução em que o jardim-e os edifícios concebidos resolvem as ausências que são presentes no espaço actual.

Um museu é a solução para este espaço, numa cidade ligada ao mar que carece de símbolos físicos representativos do passado glorioso de Portugal. Este projecto pretende exaltar esse passado, através de uma reconversão urbana de uma área vital da cidade de Portimão.

Tendo como exemplo e inspiração outros projectos a nível internacional que optaram pela mesma abordagem, revitalizando espaços improváveis em espaços de preservação da memória colectiva, tais como o museu de Fremantle, na Austrália, o da Singapura, e o da China.

Durante as leituras e pesquisas de textos e documentos históricos do passado portimonense, e não só, recolhi informações preciosas, pérolas para mim, como cidadão

interessado e preocupado com a sua cidade. A reabilitação do Largo Gil Eanes, espoletaria uma acção geral de reconversão e estruturação de percursos culturais que narrassem as pequenas histórias que compõem a história maior.

Ao reconvertê-lo num jardim mais exuberante e frondoso, tentaria irradiar esta semente urbanística pelas ruas concêntricas e limítrofes ao largo, numa tentativa de melhorar a vida urbana de Portimão, propagar a existência de mais e diferentes formas de espaços verdes, tornar a cidade mais cuidada, apelativa e elegante de uma forma mais consciente, tanto das suas referências históricas, como ecológicas.

Este projecto de reabilitação do Largo Gil Eanes é um exemplo de transdisciplinaridade inerente ao trabalho em arquitectura.

Bibliografia:

ASENSIO, P., (2004), *Tandao Ando. (Edição portuguesa): Dinalivro*

BAHAMÓN, A., (2006), *A Arquitectura da paisagem/ Água*. Barcelona: Instituto Monsa de Ediciones, Tradução para português: Victória P. Camisón.

CARRAPIÇO, F. ;PALHINHA, J.; BRÁZIO, J. (1974), *As Muralhas de Portimão – Subsídios para o estudo da histórica local*. Portimão: C.M.P.

CULLEN,G., (1971), *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70, Lda., 2002.

FRAMPTON, K., (1997), *História Crítica da Arquitectura Moderna*. São Paulo: Martins Fontes Ltda., 2000.

FURUYAMA, M., (2007), *Ando*. Colónia: Taschen, GmbH.

INÁCIO, C., (2012), *Portimão, Cidade com História Volume 1 – De Vila Nova a Portimão*. Loulé: Arandis Editora

LYNCH, K., (1981), *A Boa Forma da Cidade* – Lisboa: Edições 70 Lda., 1999.

LYNCH, K., (1960), *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70 Lda., 2002.

MAGALHÃES, R., (2001), *A Arquitectura Paisagista: Morfologia e Complexidade* – Lisboa: Editorial Estampa Lda.

MASCARENHAS, J., (2001), *Sistemas de Construção I: Contenções, Drenagens, Implantações, Fundações, Ancoragens, Túneis, Consolidação de Terrenos*. Lisboa: Livros Horizonte, Lda.

MASCARENHAS, J., (2004), *Sistemas de Construção IV: Coberturas planas, juntas, alumínio e materiais ferrosos*. Lisboa. Livros Horizonte.

- MUNARI, B., (1981), *Das coisas nascem coisas*. Lisboa: Edições 70 Lda., 2008.
- OLSSON, S. (2000), *The Contemporary Garden*. Londres: Phaidon Press Limited, 2009
- PFEIFFER, B., (2000), *Frank Lloyd Wright*. Colonia: Benedikt Taschen Verlag GmbH. Tradução portuguesa: Paula Reis, Lisboa.
- ROSA, J., (2006), *Louis I. Kahn*. Colonia: Taschen GmbH. Tradução de Jorge Belo (Vernáculo, Lda.), Lisboa.
- RESTANY, P., (1998), *O Poder da Arte / Hundertwasser O Pintor-Rei das Cinco Peles*. Colonia: Taschen GmbH.
- SOUSA, A., (2013), *Portimão, a Terra e as Gentes*. Portimão: Gráfica Trevo
- VENTURA, M.; MARQUES, M., (1993), *Cidades e vilas de Portugal – Portimão*. Lisboa: Editorial Presença, Lda.
- VIEIRA, Padre J., (1911), *Memória Monográfica da Villa Nova de Portimão*: Junta de Freguesia de Portimão (1996).
- VIDIGAL, L., (1993), *Câmara, Nobreza e Povo: Poder e Sociedade em Vila Nova de Portimão (1755 – 1834)*. Santarem: Normagrafe, Lda.
- WINES, J., (2000) – *Green Architecture*. Colonia: Taschen GmbH. 2008

Links:

[http://algarvehistoriacultura.blogspot.pt/2009/09/fortaleza-de-santa-catarina-na-praia da.html](http://algarvehistoriacultura.blogspot.pt/2009/09/fortaleza-de-santa-catarina-na-praia-da.html)

<http://cronicasmacaenses.files.wordpress.com/2012/10/portugal-07.jpg>

<http://www.crossleyarchitects.com/?q=projects/resorts-world-sentosa>

http://en.wikipedia.org/wiki/Chatham_Dockyard

http://en.wikipedia.org/wiki/Central_Park

http://en.wikipedia.org/wiki/Resorts_World_Sentosa

http://en.wikipedia.org/wiki/Western_Australian_Museum

<http://estufafria.cm-lisboa.pt/a-estufa/historia.html>

<http://expressodooriental.com/?p=10322>

<http://documentaryheaven.com/water-the-great-mystery/>

http://dwinadab810.blogspot.pt/2012_12_01_archive.html

<http://mundosdotrabalho.upp.pt/wp-content/uploads/2011/04/Hugo-Fernandes.pdf>

<http://museum.wa.gov.au/museums/maritime>

<http://portimaoruaarua.blogspot.pt/2011/04/largo-1-de-dezembro.html>

<http://portimaoruaarua.blogspot.pt/2011/07/largo-gil-eanes.html>

http://pt.wikipedia.org/wiki/America%27s_Cup

http://pt.wikipedia.org/wiki/Parque_da_Cidade_do_Porto

http://pt.wikipedia.org/wiki/Parque_Eduardo_VII

http://resistir.info/livros/de_pe_sobre_a_terra.pdf

<http://restosdecoleccion.blogspot.pt/p/factos-historicos-1096-1834.html>

<http://www.anc-d.u-fukui.ac.jp/~ishikawa/japanese%20structure/mie/1992%20Arch%20JPN%202010/Toba%20Sea-Folk%20Museum.htm>

http://www.asianfoodchannel.com/thebigbreak/about_rws.html

<http://www.big.dk/#projects-sof>

<http://www.bonplace.com/pt/places/detail/id/376>

http://www.brookfieldmultiplex.com/projects/australasia/wa/engineering_and_infrastructure/infrastructure/completed/fremantle_maritime_museum/

<http://www.budapestdailyphoto.com/index.php/category/theatre/>

http://www.budapest-hotels.aranyangol.hu/palace_of%20_arts.html

<http://www.cm-portimao.pt/index.php/balcao2/publicacoes/cultura-2/passeios/1308-passeiosculturalpaisagensurbanas/file>

<http://www.cm-portimao.pt/index.php/icons/cultura/2-uncategorised/302-patrimonio-espacos-publicos>

<http://www.cm-porto.pt>

<http://www.crossleyarchitects.com/?q=projects/resorts-world-sentosa>

<http://www.delcampe.net/items?language=E&searchString=portim%E3o&cat=0&catSeller=1&catLists%5B0%5D=18219&searchOptionForm%5BsearchMode%5D=extended&searchOptionForm%5BtermsTo>

<http://www.ducsamsterdam.net/amsterdam-para-criancas/>

<http://www.kirkhillephotography.com/gallery/western-australia/fremantle-maritime-museum/>

<http://www.meditourist-budapest.com/budapest/video-city-guide.html>

<http://www.moonshapes.pt>

<http://www.nemzetiszinhas.hu>

<http://www.social.com/press/2579024/portugueses-gloriosos-gil-eanes/>

<http://www.rwsentosa.com/Homepage/Attractions>

http://www.umihaku.com/past_event/english/index_english.html

<http://www.centralparknyc.org/about/history.html>

<http://www.nypap.org/content/central-park>

www.jf-portimao.pt

Nota: Todas as fontes de sítios cibernautas aqui mencionadas foram acedidas entre Janeiro de 2014 a Fevereiro de 2015.

Anexos:

Desenhos Técnicos

Planta de Implantação.....	01
Planta de Localização sem água no lago.....	02
Planta de Localização com água no lago.....	03
Planta da Cave.....	04
Plantas do Museu (R/C, 1ºAndar e Cobertura)	05
Alçado Lateral Nascente do Museu.....	06
Alçado Lateral Poente do Museu.....	07
Museu: Corte W – W'.....	08
Museu: Corte Y - Y'.....	09
Museu: Corte G – G'.....	10
Museu: Corte F –F'.....	11
Museu: Corte D – D'.....	12
Museu: Corte C – C'.....	13
Museu: Corte E – E'.....	14

Museu: Corte A – A'	15
Museu: Corte L – L'	16
Alçados, Cortes e Plantas das Escadas e Elevadores do Jardim.....	17
Bar-Restaurante – Planta de Cobertura com Lona de Sombreamento.....	18
Bar-Restaurante – Planta de Cobertura sem Lona de Sombreamento.....	19
Bar-Restaurante – Planta de Mobiliário do R/C.....	20
Bar-Restaurante – Planta de Áreas e Cotas do R/C.....	21
Bar-Restaurante – Alçados Norte e Sul.....	22
Bar-Restaurante – Alçados Nascente e Poente.....	23
Bar-Restaurante – Cortes I – I' e J – J'.....	24
Bar-Restaurante – Cortes H – H' e Q – Q'.....	25

CD-ROM CONTÉM PASTAS COM A DISERTAÇÃO. E ANEXOS.